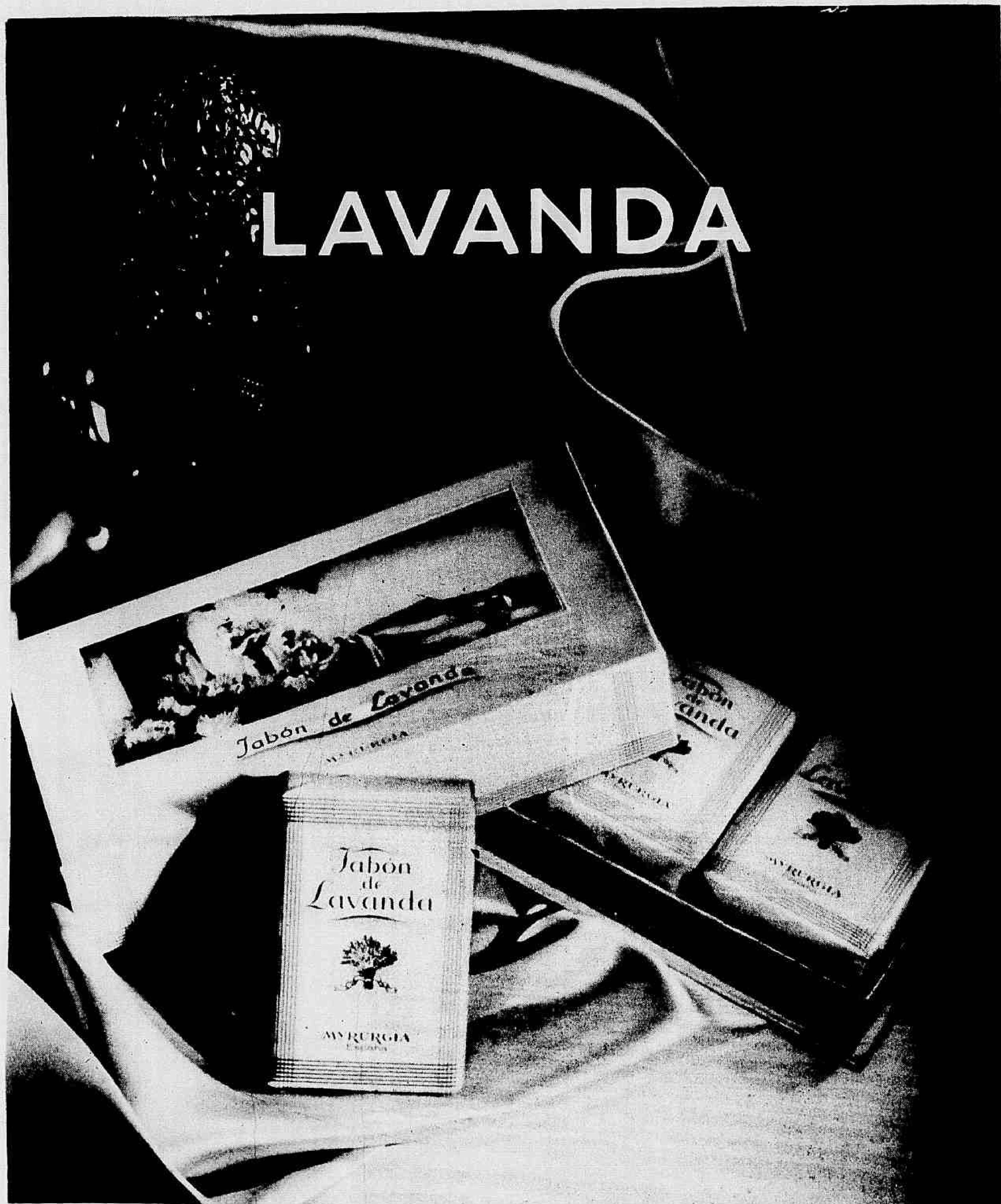
REVISTA DA SEMANA

N. 21 22-5-54



A GUERRA DO BUSTO

O novo sabonete de Myrurgia



MYRURGIA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 21 ★ 22-5-54

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Vulcão na Guanabara 3/7
A guerra do busto 9/13
Entrevista de trem com Ari Barroso .. 14/16
Um «Oscar» descobre uma «estrêla» 20/23
O Catete é sempre o mesmo 28/29
Os estudantes demitiram o general .. 36/37
Zani Roxo na ponta dos pés (ping-pong) 44/47
Cristóvão Colombo outra vez na América 52/56

NOVELA

A magnólia perdida 30/31

HUMORISMO

Os anjinhos no riso dos outros 24/25
Cuco 59

SEÇÕES

Cinema 8
Rádio 17
Página dezenove 19
Plantão noturno 26/27
Femininas 32/35
Palavras cruzadas 38
Puxe pelo cérebro 42
A semana astrológica 48
Literatura 49
Por êsse mundo de Deus 50/51
A semana acabou assim 57
Champanhota 58
Último flash 58

CAPA

SUSAN STEPHEN, uma das fortes participantes na «guerra do busto». Ver reportagem nas páginas 9 a 13. (Foto Apla).

- Redator chefe .... JOEL SILVEIRA
- Assistentes .. HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
- Paginação .... VICTOR TAPAJÓS
- Publicidade .... J. M. COSTA JÚNIOR S. L. GUIMARÃES, A. MENDES, S. SANT'ANA e A. NÓBREGA
- Desenho .... ALBERTO LIMA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

- Diretor .... GRATULIANO BRITO
- Assistente .... RENATO DE ALENCAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

COMOVEU O MUNDO A QUEDA DE DIEN BIEN PHU

Durante 51 dias, o general Christien de Castries (êle pertence a uma das mais nobres famílias da França), à frente dos seus onze mil homens, resistiu tenazmente ao cêrco dos exércitos de Ho Chi Min, naquela longínqua e intermitente guerra da Indochina. Isolado no pequeno ponto fortificado de Dien Bien Phu, a pouco mais de 200 quilômetros de Hanoi, dependendo de sòmente um precário abastecimento pelo ar, De Castries conseguiu transformar a derrota, que se anunciava logo nos primeiros dias do cêrco, numa resistência que acabou se impondo como um dos mais gloriosos feitos militares dos últimos tempos. Foram 51 dias de glória como a França há muito não recebia dos seus soldados. Cinqüenta e um dias que o mundo ocidental acompanhou de coração opresso e lágrimas nos olhos.

(Nas fotos, o general Christian de Castries em dois instantâneos tomados em Dien Bien Phu poucos dias antes do seu aprisionamento).





A explosão espera para matar melhor

VULCÃO NA GUANABARA

QUASE TRINTA MORTES NA CATÁSTROFE QUE ABALOU O PAÍS INTEIRO ★ O CORPO DE BOMBEIROS, O MAIS DURAMENTE ATINGIDO ★ QUAL O CULPADO: A FATALIDADE OU A NEGLIGÊNCIA?

A noite chegava ao meio, no dia 7 último, quando a primeira notícia chegou à redação: estava se verificando um princípio de incêndio no Depósito de Inflamáveis da Ilha do Braço Forte, defronte a de Paquetá. Mas a notícia, recebida rotineiramente pelo «plantão» dos matutinos, parecia anunciar um caso rotineiro. Bombeiros partiram para o local, acompanhados de rebocadores da Marinha e elementos da Polícia Marítima e da Administração do Pôrto. Uma hora depois uma informação, vinda da ilha, informava sôbre a possibilidade do incêndio ser prontamente debelado. Era uma notícia apressada e desprevenida. A morte sabia disso. A morte, manhosa, esperava que os homens se aproximassem mais, formassem um bloco em tôrno do fogo, para poder matar mais e melhor.

AS EXPLOSÕES SACUDIRAM O RIO

A primeira explosão verificou-se na primeira hora da madrugada do dia oito. E logo se seguiu uma segunda, potentíssima. A cidade tôda, quilômetros de distância, como que estremeceu. Alguns vidros se quebraram em vidraças dispostas quilômetros além — no Flamengo e mesmo em Copacabana. Sòmente, porém, às 3 da madrugada é que a extensão do desastre se fêz conhecida. E o começo de incêndio, prestes a ser debelado, se transformou numa espantosa catástrofe. Dois armazéns de inflamáveis haviam sido completamente destruídos; a explosão lançara pelos ares tudo o que se encontrava na pequena ilha; e soçobrara, na violência do impacto, uma lancha repleta de bombeiros. Enormes blocos de concreto foram atirados longe, destruindo tudo à sua passagem.

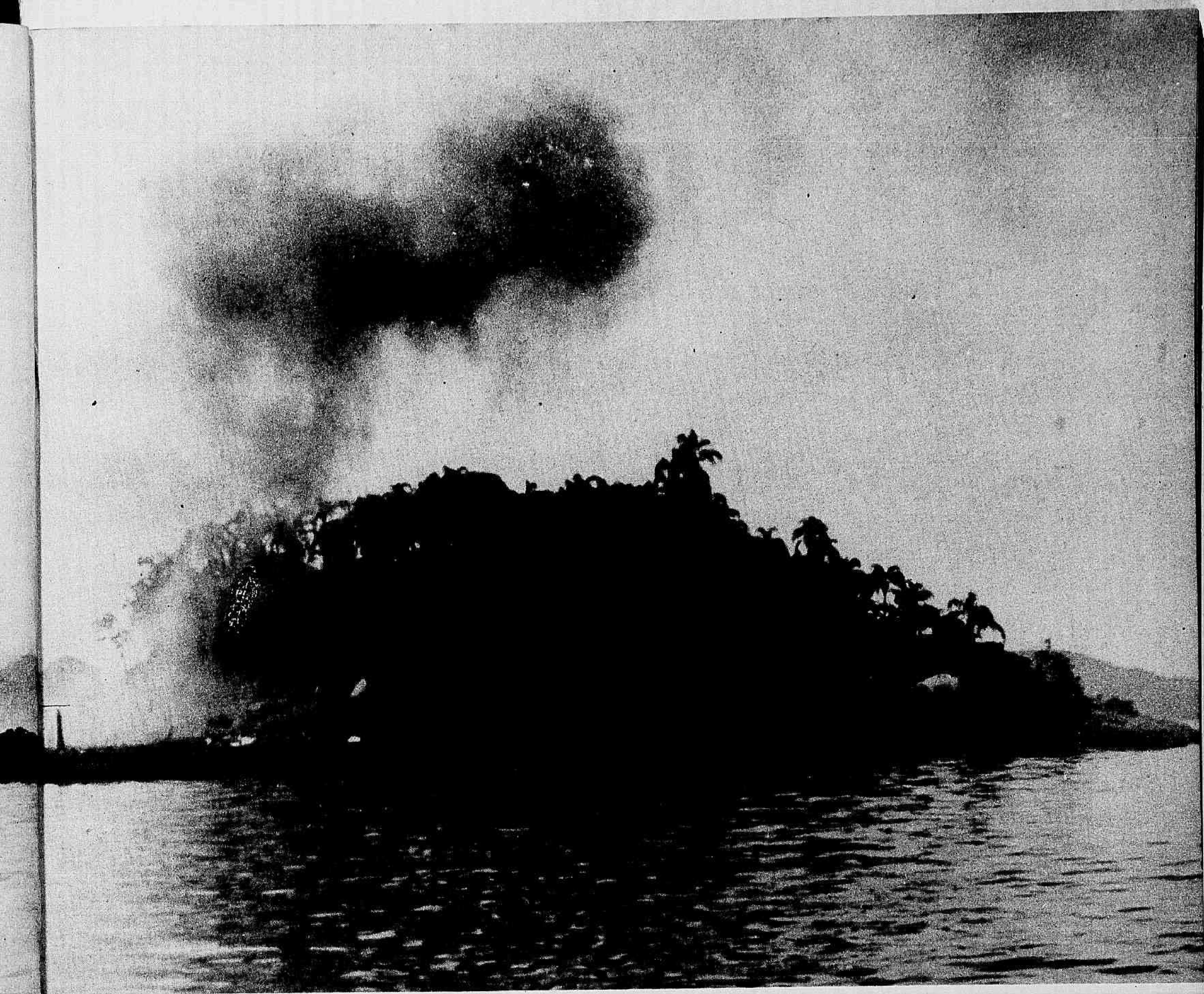
No dia seguinte, os matutinos traziam o primeiro balanço trágico: 15 desaparecidos, três mortos, uma porção de feridos. E uma semana após, depois de ter sido retirado do fundo do mar, o último cadáver, êsse balanço apresentava um total de 26 mortos e dezenas de feridos. O Corpo de Bombeiros, a corporação mais



DEVASTADA E FUMEGANTE, A ILHA PARECIA UM "ATOLL" D







LL' DO PACÍFICO, APÓS UMA EXPERIÊNCIA ATÔMICA







"Parecia que o mar todo ia pegar fogo", declarou a um jornalista uma das testemunhas da explosão. O primeiro sinal de fogo, contudo, não daria as proporções exatas da terrível catástrofe. A morte esperou pacientemente para matar mais e melhor.

V

Dur dita

dur grad Um que dia, Tot Mot mal flan

C def ção ma gul int

NADA NAS PROXIM DA



Vulcão na Guanabara





Durante horas seguidas o fogo ardeu, inclemente. O combustível, jogado nágua, tornou o mar em derredor flamejante, como uma superfície maldita; e densos rolos de fumaça empreteceram, entre Paquetá e o continente, o céu azul do dia que nasceu limpo e cheio de radiante sol.

duramente atingida, perdera quatro oficiais graduados e mais de uma dezena de praças. Um dos mortos: o major Gabriel da Silva Teles, que perecera heròicamente no local da tragédia, quando tentava salvar companheiros seus. Total dos prejuízos: 15 milhões de cruzeiros. Motivo da catástrofe: negligência ou, melhor, mal acondicionamento dos vários materiais inflamáveis armazenados nos depósitos.

A PENOSA TAREFA

O recolhimento dos corpos, no trecho do mar defronte à Ilha do Braço Forte, foi uma operação penosa e difícil. Durante dias seguidos turmas de escafandristas, que se revezavam, mergulharam nas águas (sôbre as quais um dia inteiro o fogo queimou, mantido pelo lençol inflamável que se alastrara em tôrno da ilha) e foram, paulatinamente, trazendo os corpos das vítimas. Emanações venenosas de gáses tornaram ainda mais perigosa a fúnebre tarefa.

O «REQUIEN»

Agora, encontrados e enterrados os corpos daqueles que se sacrificaram no cumprimento do dever, abre-se o competente inquérito, para apurar quais os responsáveis pela tragédia. E, na beira do túmulo dos companheiros mortos, o coronel Saddock de Sá, comandante do Corpo de Bombeiros, leu o Boletim Diário da Corporação, de cuja 3ª parte constava a sua despedida aos seus heróis mortos:

«Precisamos ser dignos desta hora amarga que passa, vendo no sangue dos braços tombados na ilha do Braço Forte apenas um roteiro de luz que se abre diante de nós».

E concluiu:

«Mortos — da Ilha, cujo nome tão bem simbolizais — do Braço Forte! Esta mensagem de despedida não é para chorar-vos e sim para exaltar-vos. Perante vós, reverente, está, não sòmente a população carioca, mas a de todo o Brasil, a glorificar-vos e agradecer-vos, mais uma vez, a bela lição que vindes de dar, materializando o juramento, que, como militares prestastes, de manter as instituições e defender o Brasil ainda que «com o sacrifício da própria vida». Assim o fizestes, dando a vida pela Pátria e pela Corporação, a fim de que esta mantenha o que possui de mais puro e mais sagrado — o seu Código de Honra. Eterna será, pois, a vossa memória e a nossa gratidão».

XIM DADES (nem a Igreja) ESCAPOU AO TERRIVEL E VIOLENTO IMPACTO







HAVERÁ MESMO CINEMA NO BRASIL?

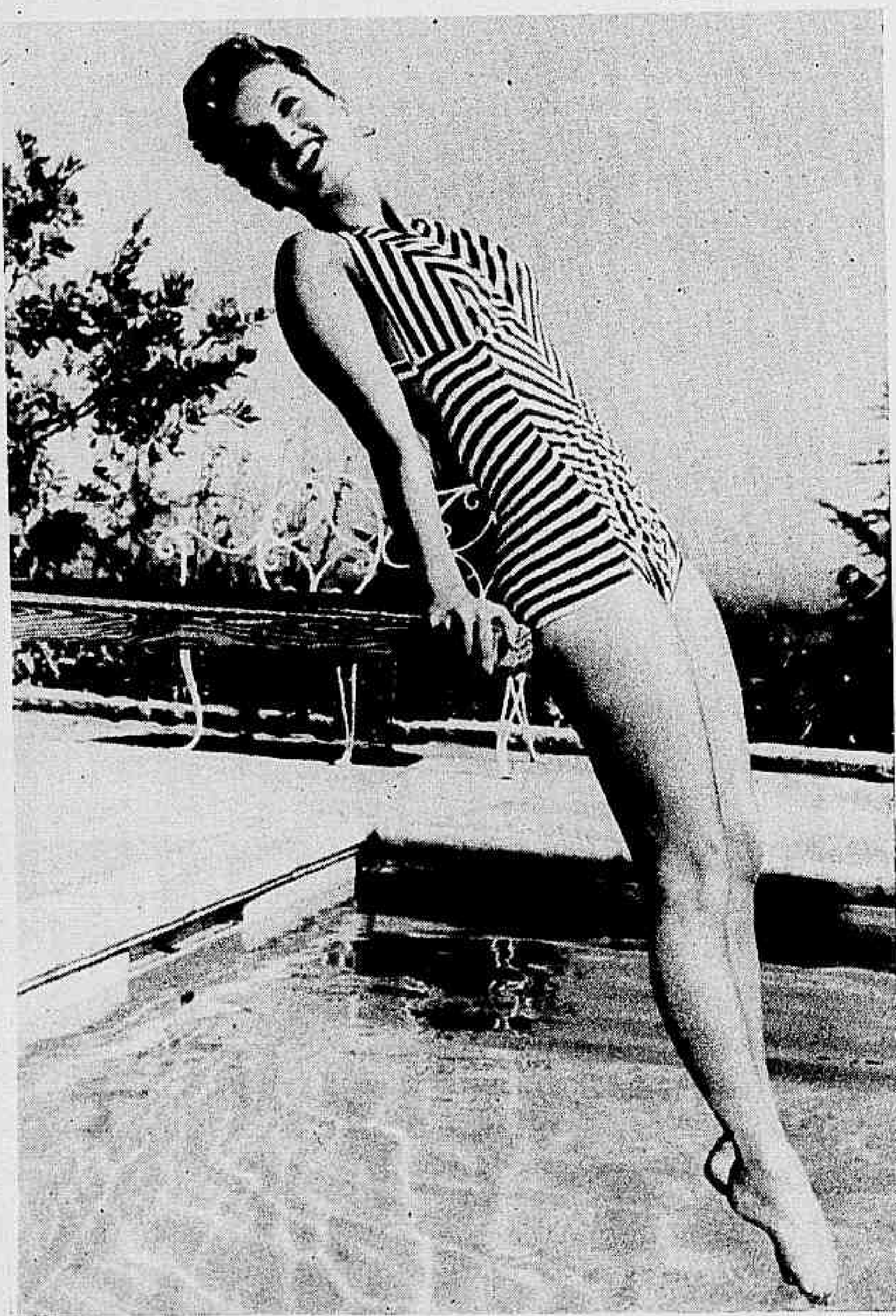
TEDDY

● O pessimismo do título justifica-se pelo panorama desolador que é atualmente o cinema brasileiro. Estúdios quase paralisados, outros fechados, entregues à inclemência do tempo; artistas desabrigados de sua arte, lançamentos de películas inexpressivas completadas, reconhecemos, com o esfôrço de meia-dúzia de idealistas, e silêncio, um enervante e absoluto silêncio sôbre a situação da indústria de filmes e sua principal organização: a Vera Cruz. Mesmo que se julgue a questão com extremada parcialidade, não se poderá negar à Cia. Vera Cruz, de São Paulo, uma boa parcela já feita em prol do cinema em nossa terra. Os erros e desmandos do grupo Zampari à frente dos estúdios de S. Bernardo do Campo, ofuscam-se por vêzes, diante do quadro positivo de suas melhores realizações como «O Cangaceiro», «Sinhá Moça», «Uma Pulga na Balança» e agora o seu muito ambicioso e incompleto «Floradas na Serra».

É uma pena que se perca tempo, suor e mesmo lágrimas por uma causa que embora justa, fica esquecida daqueles cuja obrigação maior é cuidar de seu natural desenvolvimento.

O projeto do Instituto Nacional de Cinema transita no Senado e breve merecerá aprovação. Cogita-se no momento de «burocratizar» a Vera Cruz, enquanto outro grupo com 50 milhões estaria interessado em reviver a Kino Filmes, que o idealismo limitado de Alberto Cavalcânti não pôde levar a plano mais destacado. Enquanto tudo isso acontece os filmes de outras procedências renovam energias e viciam o público, fazendo com que êle esqueça que algum dia sonhou em ver na tela os assuntos que mais de perto lhe tocam o coração, porque são histórias de sua terra e da gente que êle forma.

Que resta razer, senão esperar? De há muito vivie o cinema brasileiro de vãs esperanças . . .



SEREIAS DE HOLLYWOOD

Quem poderia prever que o «brotinho» da Metro, Debbie Reynolds que «ainda outro dia» nos deliciava nos papéis de ingênua como «Cantando na Chuva», ao lado de Gene Kelly, pudesse ganhar plástica admirável e converter-se numa sereia de Hollywood? A foto bem demonstra que a pequena tem «sex-appeal» e muito embora não tenha pretensões de comparar-se a uma Marylin Monroe, está apta a papéis «glamourosos». Vejam bem e digam se não é realmente uma linda sereia a encantadora Debbie Reynolds!



LESLIE CARON
Será a «Gata Borralheira» . . .

FALA-SE EM HOLLYWOOD

● Marlon Brando confessou a amigos íntimos que o seu maior desejo é interpretar Napoleão Bonaparte no filme «Desirée», que a Fox realizará com Jean Simmons. Ao saber disto, Darryl Zanuck declarou que o estúdio perdoará o famoso «astro» e também o «maior rebelde de Hollywood» desde que êle faça primeiro «The Egyptian» . . . Parece que Brando e a Fox chegaram finalmente a um acôrdo . . .

● Pat Wayne, de 17 anos — filho do «astro» John Wayne — seguirá as pegadas de seu pai, pois estreará no cinema em «The Long Grey Line», da Columbia, ao lado de Tyrone Power e Maureen O' Hara. Para começar, o rapaz teve sorte . . .

● A escolha mais estranha do ano (no dizer de quase tôda Hollywood) foi a de Michael Wilding para interpretar o **Príncipe Encantado** na versão de «Os Sapatinhos de Vidro» (Gata Borralheira) que a Metro filmará com Leslie Caron no papel-título . . .

● A jovem atriz Elizabeth Montgomery — que vinha atuando na televisão — acaba de contrair núpcias. Elizabeth, que conta apenas 20 anos, é filha do «astro» Robert Montgomery, famoso no cinema do qual se afastou para ocupar o pôsto de comentarista de televisão da Casa Branca, em Washington.

● Sarita Montiel — a atriz mexicana que estêve no Brasil com a equipe do malogrado «O Americano» — foi contratada pela produtora Hetch-Lancaster e seu primeiro filme será «Vera Cruz», ao lado de Gary Cooper e Burt Lancaster, dono da nova companhia.

● Walt Disney lavrou mais um tento, conseguindo Kirk Douglas e Peter Lorre para a maior realização da sua vida: a versão cinematográfica de «20.000 Léguas Submarinas», de Júlio Verne. O filme será em «cinemascope» e não terá desenho algum, mas Disney supervisionará a produção pessoalmente.



ROSEMARY CLOONEY
É uma espôsa feliz . . .

ENTRE AS "ESTRÊLAS"

HEDY LAMAR abandonou mesmo a carreira artística! Atualmente hospedada no «Beverly Hills Hotel» com seu quinto marido, o milionário do Texas W. Howard Lee, a belíssima «estrêla» vienense declarou que, de agora em diante, sua única carreira será a de espôsa. Será mesmo?

JENNIFER JONES — que perdeu o bebê que estava esperando — resolveu seguir os conselhos dos médicos e permanecer na cama a maior parte do tempo da sua nova gravidês. Hollywood «torce» para que sua famosa artista não sofra outra decepção.

ROSEMARY CLOONEY é uma espôsa feliz. Conseguiu gravar na mesma etiquêta (Columbia) com o célebre José Ferrer, seu apaixonado espôso. O casal promete quebrar qualquer recorde de outros em matrimônio durável. Assim seja!

DEBRA PAGET — que, da noite para o dia, se transformou de ingênua em «vamp» — declarou que, se a censura cortar a sua dança de «A Princesa do Nilo», ela aceitará todos os contratos de «night-clubs» para repetir a mesma em pessoa . . .

COISAS DE HOLLYWOOD

SER MULO EM HOLLYWOOD — A mula Francis (ou «mulo», como é chamada no Brasil) que aparece na foto sendo convenientemente «maquilado» pela «estrelinha» Piper Laurie, é uma das «artistas» de maior prestígio em Hollywood. Ela tem o melhor camarim nos estúdios da Universal, um «stand-in» para enfrentar as luzes e um «double» para as cenas perigosas . . . Para a felizarda Francis falta apenas um «Oscar» e estará completa sua carreira na tela. Se ela pudesse assinar autógrafos poderia provar sua popularidade entre os fãs. . . Coisas de Hollywood . . .



MAMIE VAN DOREN e MARY WYNN: o melhor busto também terá o seu «Oscar».



A GUERRA DO BUSTO

É INICIADA NO CINÉMA UMA DAS MAIORES BATALHAS DE TODOS OS TEMPOS. AMERICANAS, ITALIANAS, FRANCESAS E INGLÊSAS FAZEM DESCER O PANO PARA O PRIMEIRO «ROUND».



JANE RUSSELL a mulher de «O Proscrito» deu o primeiro tiro.

Reportagem de LEON ELIACHAR

COMEÇOU EM 45: AS ITALIANA



GINA LOLLOBRIGIDA
Os olhos são inocentes.



COSETTA GRECO
Também tem talento.



SILVANA MANGANO
A glória em alto-relêvo.

QUANDO Lana Turner usou a primeira suéter, as câmaras de Hollywood começaram a dar maior atenção ao busto das «estrêlas». Mas o primeiro tiro de uma guerra que muito breve seria deflagrada, foi dado por Jane Russell em «O Proscrito». O «sex-appeal» encontrava novo ponto de apoio. A fita causou tamanha repercussão que, em muitas partes dos Estados Unidos, ainda é proibida a sua exibição. Mas isso serviria de base para um forte movimento entre as «estrêlas». Mulheres que se escusavam a competir, têm mudado de idéia. A novidade causou no mundo da filmagem grandes contrariedades e desastres no mundo inteiro. «Estrêlas», que tinham garantido seu sucesso num belo par de pernas, viam-se forçadas a arquivar o seu talento. O público começava a olhar um pouco mais para cima.

O fenômeno podia ser fàcilmente explicado o «tiro» dado por Jane Russel provocou uma verdadeira ofensiva do cinema italiano que com seus bustos esculturais, foram esmagando tôdas as outras. Com a vantagem de exibi-la semi-nus. E a verdade é que na batalha d busto as medidas da Vênus de Milo foram inteiramente ultrapassadas. Alguns produtore americanos chegaram a admitir que Gina Lollo

NO "FRONT" INTERNO CONTRA A CENSURA. AS AMERICANA



KATHRYN GRAYSON
Moldura para uma voz.



VIRGINIA MAYO
O talento tem fronteiras.

ATACAM DE FRENTE E INFLACIONAM O MERCADO DE BUSTOS



SILVANA PAMPANINI
O busto vai na frente



LUCIA BOSÉ
Venceu por meio corpo



ROSANA PODESTA
Cannes descobriu seu busto

brigida, com seus 25 anos de idade, possui mais «sex-appeal» no busto do que tôda a constelação das mais belas «estrêlas» de Hollywood. Os maiores esforços foram feitos no sentido de atrair a fascinante Lollo para a América, com um contrato de 30 páginas. E isso porque não tiveram ainda a audácia de rasgar a combinação de Ava Gardner!...

Enquanto isso, Lollobrigida, sem se deixar impressionar com o poder aquisitivo do dólar, mantém o seu busto na Itália, posando para uma fita de «gangsters». O crítico do jornal italiano «Meridiano d'Italia», Henrique de Boccard, desaprovou tal filme e escreveu: «O que há de compreensível nessa película é o busto de Gina». Um outro crítico afirmou sôbre Gina que «todo o seu talento se localiza entre o pescoço e o umbigo». Mas é exatamente êsse «talento» que garante a bilheteria de seus filmes.

E começa então a verdadeira «guerra do busto». Hollywood começa a tirar lentamente a suéter e já não se preocupa tanto com a forma como com o conteúdo. Mas a sua maior luta ainda é interna, com a severa censura de mr. Johnston. «Estrêlas» como Arlene Dahl, Yvone de Carlo, Terry Moore, com bustos realmente encantadores, posam diante das câmaras

(CAMUFLADAS) TRAVAM VIOLENTA E DESESPERADA LUTA



ARLENE DAHL
A censura marca o contôrno.



PAULETTE GODDARD
O pano vai descer.

DUELO DENTRO DE CASA





Zsa Zsa Gabor e Corinne Calvet desafiaram-se para um duelo, para ver quem tinha o colo mais desenvolvido. A imprensa tomou conta do assunto e seus bustos passaram curiosamente para o domínio público. Assim, mais uma vez começou a guerra.



RUTH ROMAN
O talento é descoberto.

Forçada a "Cortina d

Ma



TERRY MOORE
Hollywood tira a roupa.

A guerra...

com uma certa discrição. Por tradição, as americanas não estão tratando de correr nas competições. Um belo busto é, ordinàriamente, ocultado ou dissimulado. Howard Hughes pagou 1 milhão de dólares antes que pudesse mostrar «O Proscrito» ao homem da rua. Mas o desafio entre Zsa Zsa Gabor e Corinne Calvet, em plena cidade do cinema, para ver quem tinha o maior busto, provocou sensação nos meios cinematográficos. E o cartaz de Marylin Monroe, depois de posar despida para um calendário, não foi

visto as
abrir um
do mais
conquist
séria a
França
perfeita
prepara
são sele
iniciada



PAULA CORDAY
O decote desce um palmo.

Malha", as americanas estão em busca do tempo perdido



MARTINE CAROL
A França é dona do assunto.



JILL MELFORD
A Inglaterra ensaia os primeiros passos.

visto assim com olhos de artistas. E vieram abrir uma guerra fria contra os puritanos. Além do mais, a carne do cinema italiano estava conquistando o mercado mundial, como uma séria ameaça a Hollywood. A Inglaterra e a França também têm o que mostrar e sabem perfeitamente como fazê-lo. Argumentos são preparados, cenários são escolhidos, e bustos são selecionados. A verdadeira batalha vai ser iniciada agora.



DORIS DOWLING
Sem novidade no «front».



MARYLIN MAXWELL
Rompidas tôdas as linhas.

ARI BARROSO: tem uma porção de idéias próprias. E não as esconde.

Entrevista de trem com

ARI BARROSO

ARI, GRIPADÍSSIMO, ACHA QUE NENHUM DOS COMPOSITORES ATUAIS ESTÁ AINDA DEFINIDO — «HOJE E SEMPRE: SÍLVIO CALDAS» — COMO FORMARIA O ESCRETE DOS TRÊS ESCRETES (1938-1950-1954) — TREZENTOS MIL CRUZEIROS ANUAIS DE RENDA AUTORAL E NOITES INTEIRAS, SEM DORMIR, «COM A CABEÇA CHEIA DE TRATORES».

Reportagem de ANTÔNIO MARIA

QUANDO se vai escrever sôbre Ari Barroso, é necessário tomar certas precauções para que, ante o seu magnetismo pessoal, não se cometa a facilidade do elogio generalizado. Ari é um homem cheio de erros e acertos que, embora tenha feito coisas lindas (mais das vêzes) fêz coisas sem beleza, também. Não se lhe negue, todavia, uma grande e rara personalidade, capaz de anular quem à sua volta esteja, com êle, fazendo côro. Vive de uma aguda sensibilidade, que se derrama em suas fabulosas melodias, conhecidas aqui como na China. Ninguém, até hoje, fêz, em música e pela música do Brasil, o que fêz êsse mineiro inquieto, vagotônico até à medula, trabalhador incansável do seu êxito em vida e da imortalidade da sua obra. Sua passagem à posteridade é certa e merecida. Se daqui a 50 anos, ninguém por aqui se lembrar mais de sua «aquarela», um escocês será capaz de tocar, em gaita de fole, a grande melodia da segunda parte. Viaja de trem, vindo de São Paulo para o Rio. Está gripado e bebe «cognac». Tira os óculos, esfrega as mãos no rosto (o rosto de pele mais sêca, que existe) e está cheio de projetos. Espera, ansiosamente, por um busto em Ubá, uma medalha de «Honra ao Mérito» e uma volta gloriosa à Câmara Municipal. Queixa-se de que não dorme. Conta que se deita e, em sua cabeça, rodam tratores e chocam-se automóveis. Pensa no filho, que foi caçar, e o vê com a espingarda apontada no peito de um companheiro. Levanta num salto, olha o relógio e sente, no silêncio da noite, que a maioria é mais feliz, porque está dormindo. Ao descobrir que estava sendo entrevistado, Ari muda de ar, posa um pouco, assim como quem ajeita a gravata diante da máquina fotográfica. Com aquêle incontrolável embevecimento por si mesmo, começa a falar da sua meninice: «Em Ubá, eu era elegante e pobre. Roupas baratas e bem passadas. Só não podiam ser lavadas, porque encolhiam». E foi tirado dessa macia divagação (que iria longe) para um ajuste de contas. A primeira parte de sua entrevista seria sôbre música e ei-lo pensando e pesando cada uma de suas respostas:

P — Quais os dois maiores compositores do Brasil em todos os tempos?

R — Eduardo Souto e Ernesto Nazareth.

P — E hoje em dia, quem é que é bom?

R — Vacilo em dizer, porque não houve ainda um só que se definisse.

P — E Dorival Caymmi?

R — Veio ruim da Bahia e melhorou no caminho. Em «O que é que a baiana tem» há muito do meu «Tabuleiro da Baiana». Há outra música que chega a ter uma frase inteira do meu «Onde o sol doura as espigas». Mas, melhorou muito. Em muitas vêzes, chegou a ser genial.

P — E Noel Rosa?

R — Se você publicar o que eu vou lhe dizer, eu desminto. (E discorreu, durante uns 15 minutos, sôbre Noel Rosa).

Nota do repórter: Está cumprida a promessa feita.

P — Agora, vamos falar das cantoras: Quem foi que já cantou melhor a música popular brasileira?

R — Dircinha Batista.

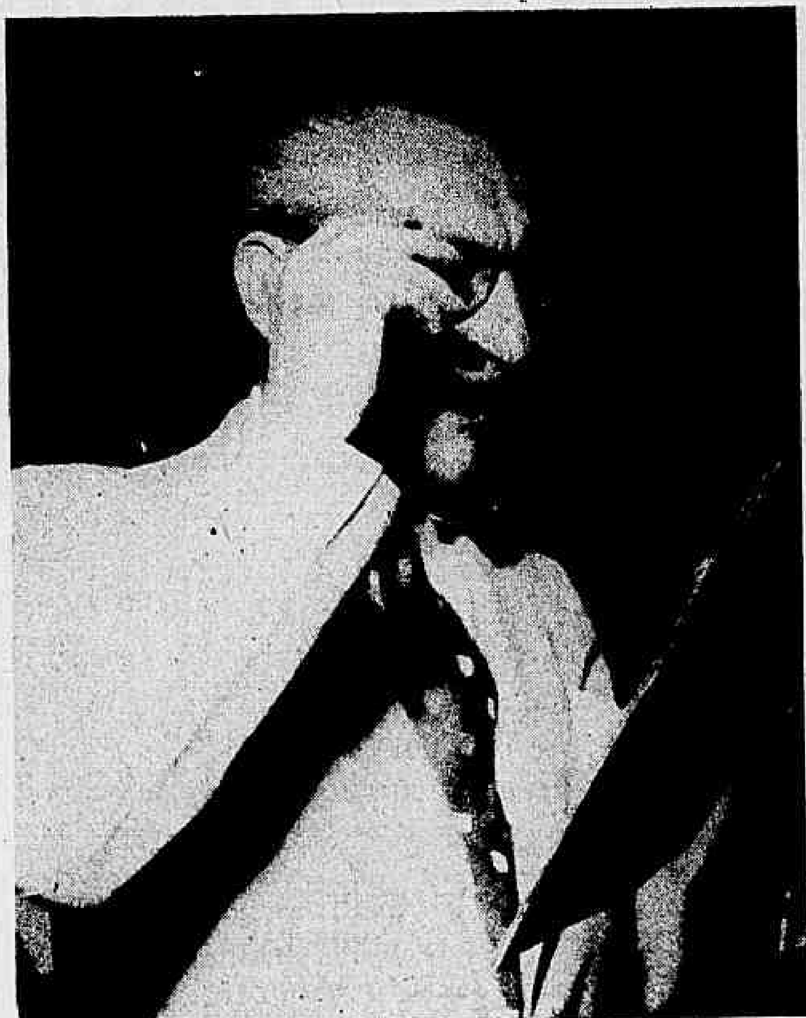
P — E, atualmente, quem é que canta a seu gôsto?

R — Ângela Maria.

P — E dos homens?

R — Hoje e sempre: Sílvio Caldas.

● Em sete respostas, estava liquidado o assunto-música. Definia-se o homem através de suas preferências, críticas e omissões. E mudamos de assunto, antes que o entrevistado pedisse para não publicarmos o que dissera. Entramos no terreno do futebol. Ari acompanhou







QUER SER VEREADOR NOVAMENTE, POR QUESTÃO DE FORO ÍNTIMO



ARI, ALMIRANTE E BLOTA JÚNIOR: TRÊS INSTANTES (BONS) DO RÁDIO BRASILEIRO

o futebol brasileiro em quase 20 anos de microfone. Nenhum «speaker» esportivo foi tão ouvido e tão discutido. Nunca foi empolado, sabendo falar a mesma linguagem dos ouvintes. Ninguém poderá esquecer sua gaitinha, que tocava quando havia «goal». Deixou o microfone (porque quis) e ainda não foi devidamente substituído.

P — Qual foi o melhor escrete brasileiro: o de 38, o de 50 ou o de 54?

R — O de 38.

P — Você acredita no técnico?

R — Até certo ponto.

P — Qual o melhor dos 3 técnicos: Pimenta, Flávio ou Zezé Moreira?

R — Todos iguais, cada um dentro de sua época.

P — Então, hoje, Zezé é melhor do que Flávio?

R — Tanto é, que está mandando no escrete.

P — Qual o melhor «goal-keeper» do Brasil, em todos os tempos?

R — Batatais.

P — E o zagueiro?

R — Da Guia.

P — E o médio?

R — Zezé Procópio.

P — E o atacante?

R — Zizinho.

P — E como você formaria o escrete dos três escretes (38-50-54)?

R — Batatais, Da Guia e Nilton Santos; Zezé Procópio, Martim e Bauer; Julinho, Zizinho, Leônidas, Perácio e Hércules.

Nota do repórter: Encontramos sete jogadores do selecionado de 1938; um de 1950; um de 50 e 54 (Bauer) e dois de, apenas, 54 (Julinho e Nilton Santos).

★

● Outra vez candidato à «gaiola de ouro», está mandando fazer suas faixas com êstes dizeres, espécie de «aleguá»: «A Ari Barroso nada»? E espera que todos respondam: «Tudo».

P — Gostaria de chegar à Presidência da República?

R — Não há mais tempo (respondeu com súbita tristeza).

P — O que acha do sr. Getúlio Vargas?

R — O Fim.

P — E quem é o seu candidato à Presidência?

R — Ademar de Barros.

P — E, a seu ver, qual foi o pior govêrno do senhor Getúlio Vargas — o de 15 anos ou êste de 5?

R — Os dois péssimos.

P — E por que você quer voltar a ser vereador?

R — Uma questão de fôro íntimo.

P — Se, hoje, fôsse vereador, que projetos gostaria de lançar?

R — Dois: a criação de um Instituto de Educação, no zona sul, e um mercado Modêlo, na zona norte.

★

● A nossa frente Ari Barroso continuava gripado. O seu convívio é uma arma poderosa. Quer-se bem a êle e, de vez em quando, muito. Agora, por exemplo, está merecendo um remédio de ação instantânea. Alguém sugere «Arnela» e Ari prontifica-se a fazer o «jingle» do produto:

«Essa mulher há muito tempo me provoca Arnela... Arnela»



Ari, senhora e filhos. O compositor de "Aquarela do Brasil" mora num pequeno palácio, no Leme.

A conversa entra para um tom mais ameno e, aos poucos, vai tomando um ritmo de pingue-pong.

P — Se você nascesse outra vez, queria ser quem?

R — Walter Pinto.

P — Por quê?

R — Barcos, Cadillac, mulheres lindas, dinheiro, vida macia.

P — Quais são as 5 pessoas de melhor conversa neste Brasil?

R — Araci de Almeida, Luís Peixoto, Hebe de Bôscoli, José Scassa e Dario de Melo Pinto.

P — Quem é a pessoa em que você reconhece autoridade sôbre você?

R — Minha mulher, e só.

P — Sendo você habituado ao êxito, suportaria, agora, passar ao esquecimento?

R — Eu enlouqueço quando custo a ver meu nome nos jornais. Imagine, você, eu esquecido para sempre.

P — Gostaria de viver até quando?

R — Até quando não ficasse ridículo.

● Êste homem é Ari Barroso: compositor, «speaker» esportivo, político e vagatônico. Trabalha muito, pensa muito na mulher e nos filhos. Ganha cêrca de 80 mil cruzeiros mensais, sem contar com os direitos autorais, que vão a 300 mil cruzeiros anuais (segunda declarações suas). E' o compositor nacional mais divulgado no mundo e, do pouco que se fala no Brasil além das nossas fronteiras, muita coisa é por causa de sua música.

Para êle, só dois compositores existiram: Nazareth e Eduardo Souto, ambos mortos e nenhum dos dois de fácil popularização. Dos vivos ou daqueles cuja obra sobreviveu, vacila em falar ou diz coisas com esta ressalva: «se publicar, desmentirei». Êste senhor é, exatamente, o Ari Barroso de hoje.

MAUS LANÇAMENTOS

MARIA HELENA DE AGUIAR

ÊSSES DOIS ÚLTIMOS ANOS, infelizmente, foram marcados por maus lançamentos no rádio. Houve uma grande onda de maus cantores, surgindo já consagrados, sem que nada de bom cantassem, sem nenhuma qualidade artística. O primeiro dêsses casos foi João Dias, imitador de Francisco Alves, semitonado, cantando um repertório de quinta classe. No vapor emocional da morte de Chico Viola, João Dias chegou de São Paulo, copiando a voz, os trejeitos e os cacoetes do morto. Esquecia-se, porém, de imitar as qualidades de Chico Alves. E o público — não sei por quê — e os diretores das estações — por não entenderem bem do assunto — fizeram de João Dias um «astro» do rádio, um nome nacional . . . e tudo isso sem que o cantor desse de si quase nada, além de uma cópia grosseira.



Isaurinha, há cêrca de 15 anos, recebe propostas para cantar no Rio. Prefere São Paulo, porque diz que não pode trazer sua casa com tudo o que tem dentro — cães, gatos e passarinhos. É sobrinha do pintor José Pancetti e adora as telas do tio (tem oito marinhas de primeira ordem). Sua emissora é a Record e sua fábrica de gravação é a RCA VICTOR. Pretende cantar mais cinco anos e, antes de abandonar o microfone, gostaria de cantar uma música brasileira que fôsse êxito no mundo inteiro. Isaurinha Garcia, boa moça, bonita pessoa, grande intérprete.

Outro aparecimento incompreensível foi o de Rogéria. Soprano de pouca voz, sem essa coisa que se chama a «faísca da personalidade», encontrou um patrocinador para os seus recitais, ganhou um fã-clube e o título de «princesa do rádio». Os seus programas e seus discos estão no ar, para quem quiser ouvir. Não passa de uma caloura, sem açúcar e sem sal.

O terceiro lançamento foi o da senhora Marli Sorel, rainha do cinema. De saída, veja-se a moça, fale-se com ela 10 minutos. Depois, ligue-se o rádio para a Nacional e estude-se suas interpretações no César de Alencar. Ao ser anunciada, vem ao microfone para desculpar-se de estar de chapéu, «mas é que eu tenho um casamento para assistir logo depois daqui». Delírio na platéia e, em seguida, a moça canta, com voz de menino de sete anos, sem conseguir afinar durante 10 compassos seguidos, um baião sem glória e sem beleza.

Não se compreende como o rádio brasileiro, já adulto, se deixa enganar por êsses blefes musicais. Ou os diretores não enxergam mais nada ou, de propósito, estão querendo acabar mais ràpidamente ainda com o entusiasmo pela música brasileira. Enquanto isso, grandes cantoras como Dolores Durand, Neusa Maria, Elizete Cardoso, vão vivendo em modéstia.

ESTA LETRA É RUIM

● Mais um caso de mau gôsto nas letras da canção brasileira. Trata-se de «Encantamento», cujos autores serão poupados demais em confronto com o que escreveram. Quem gravou êsse encantamento foi, porém, Angela Maria, nem sempre feliz em escolher suas músicas. Vamos publicar a letra, comentando seus horrores:

A luz que vem do céu
Numa noite de luar
E' o mesmo albor que vejo
No azul do teu olhar

(A imagem é precário e não havia necessidade de "albor")

Quando estás ao meu lado . . . .
Há calor e emoção
E no ardor dos teus carinhos
Há inspiração.

(Esta segunda quadrinha também é de um mau gôsto de fazer pena. Pra que o "ardor"?)

Desde que te encontrei
Amo a lua e odeio o sol

(Está certo que se ame a lua, mas não se deve odiar o sol, porque o sol é bom para enxugar roupa, faz bem às crianças, servindo ainda para tirar môfo de certos objetos. Para quem odeia o sol, aconselhamos óculos escuros. E' o melhor que há).

Pois longe estás querido
Da aurora ao arrebol

(Nunca mais o arrebol tinha entrado nessas fantasias).

Anelando as noites calmas

(Êsse anhelando é de morte).

Passo os dias a sonhar.

(Sonha de dia e odeia o sol, Ingrata!)

Venturosa porque és meu
Feliz de te amar.

● Trata-se de mais um monstro ao canção-popular, gravado e divulgado, sem que houvesse alguém para dizer que isto é subpoesia, isto é falta de sensibilidade, isto incultura. As fábricas de gravação não têm direção artística e a música brasileira que se vulgarize. Escolha melhor, minha querida Angela. É uma amiga que a adverte.

DENÚNCIA — Um antigo funcionário da Rádio Tupi queixa-se contra o abandono daquela emissora. No dia em que nos contava seus vexames, a rádio lhe devia 5 quinzenas; isto é: dois meses e meio de salários. Desabafou assim: «a situação, na Tupi, é alarmante. Artistas e funcionários devem aluguéis de casa, prestações de pequenos objetos domésticos e muitas vêzes não têm com que pagar o lotação. Nos corredores, contínuos e serventes chegam a pedir 50 centavos emprestados. Não se justifica êsse descalabro, porque, juntas, a Tupi, a TV e a Tamoio vendem cêrca de 5 milhões de anúncios, mensalmente, e sua despesa não deve ir a 4 milhões de cruzeiros. Há desvio de dinheiros salariais para obras e outros serviços extra-rádio. Funcionário que protestar é imediatamente demitido». Fazemos, daqui, um apêlo aos diretores das associadas para que, dentro do mais curto espaço de tempo, seja regularizada a situação dessa pobre gente, numa hora em que o rádio se restringe a duas ou três emissoras de «broadicasting». Dinheiro ganho com suor é dinheiro sagrado e Deus quase sempre castiga a quem o desvia.



POR QUE NÃO ESCREVE PARA O RÁDIO?

João Condé, dono dos arquivos implacáveis, dizia numa festa: «programa literário não faz sucesso no rádio. E eu não sei escrever sôbre outra coisa».

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Ari Barroso, ao que contam, fechou negócio com o senhor Paulinho de Carvalho para ser o narrador dos jogos de futebol televisados pela TV Rio ★ Haroldo Barbosa está sendo convidado para ser produtor do rádio paulista ★ O novo auditório da Nacional é uma beleza e tem sido freqüentado por um grande público ★ Na Bandeirantes, é bom ouvir Dircinha Costa e a rádio-atriz (de belos olhos) Gessi Fonseca ★ Norma Ardanui vai casar ainda êste ano ★ O elenco de teatro da TV Tupi é o melhor possível. Em algumas peças do Teatro de Vanguarda, tem sido superior aos «astros» do TBC ★ Tônia Carrero (exigindo TV em côres) brilha na TV ★ Está enfêrmo o locutor Lourenço Amadeu, a voz cochicho dos programas de tango ★ Horrível a entrevista do animador carioca, Silveira Lima (fazendo propaganda de sua companhia de teatro) na Cultura. Anunciou que vai estrear na Nacional. Vê lá, Costa Lima ★ O melhor elenco de comediantes de São Paulo é o da Nacional ★ Dizem que Teófilo de Barros Filho não renovará o seu contrato com as associadas. Está quase incompatibilizado com o senhor Rui Aranha ★ Raul Guastini, o homem que denuncia as marmeladas na TV Paulista, casou com a maior «estrêla» do seu «cast»: Marli — Araci de Almeida foi convidada para excursionar pelos países da cortina de ferro. Não aceitou o convite e comentando a recusa disse: «Isso é negócio para Vanja Orico, que sabe pedir comida em tôdas as línguas». E mais coisas em São Paulo . . .

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL

OUÇA

MÁRIO ZAN

segundas, às 20,35

★

CARLOS GALHARDO

têrças, às 21,35

★

ANSELMO DUARTE
e
ILKA SOARES

quartas, às 20,35

★

TRIO NAGÔ

quintas, às 21,00

★

CASCATINHA e INHANA

sextas, às 19,05

★

INEZITA BARROSO

sábados, às 20,00

★

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

A POLÍTICA QUE MAIS INTERESSA AO BRASIL: A DA BOA ALIMENTAÇÃO

LANÇADA A PEDRA FUNDAMENTAL DA PRIMEIRA COZINHA DISTRIBUIDORA DO S. A. P. S.

O SAPS vai construir, nesta capital, cozinhas distribuidoras, que se destinarão a preparar refeições e distribuí-las aos trabalhadores nas fábricas, construções civis, etc. Essa providência representará uma solução definitiva para o problema alimentar do operariado, uma vez que não seria possível a construção de um restaurante em cada local onde se encontram trabalhadores.

Em solenidade realizada, em Benfica, como parte das comemorações do 1º de Maio, com a presença do Ministro do Trabalho, sr. Hugo de Faria, líderes sindicais, diretores daquela autarquia e populares, foi lançada a pedra fundamental da primeira cozinha Central do SAPS que terá capacidade para fornecer cinqüenta mil refeições diárias. Vários oradores fizeram uso da palavra, dentre os quais os srs. Nelson Batista e Luís Corrêa, respectivamente, chefe da Secção de Engenharia e diretor-geral daquela autarquia. Damos a seguir, na íntegra, o discurso do sr. Luís Corrêa.

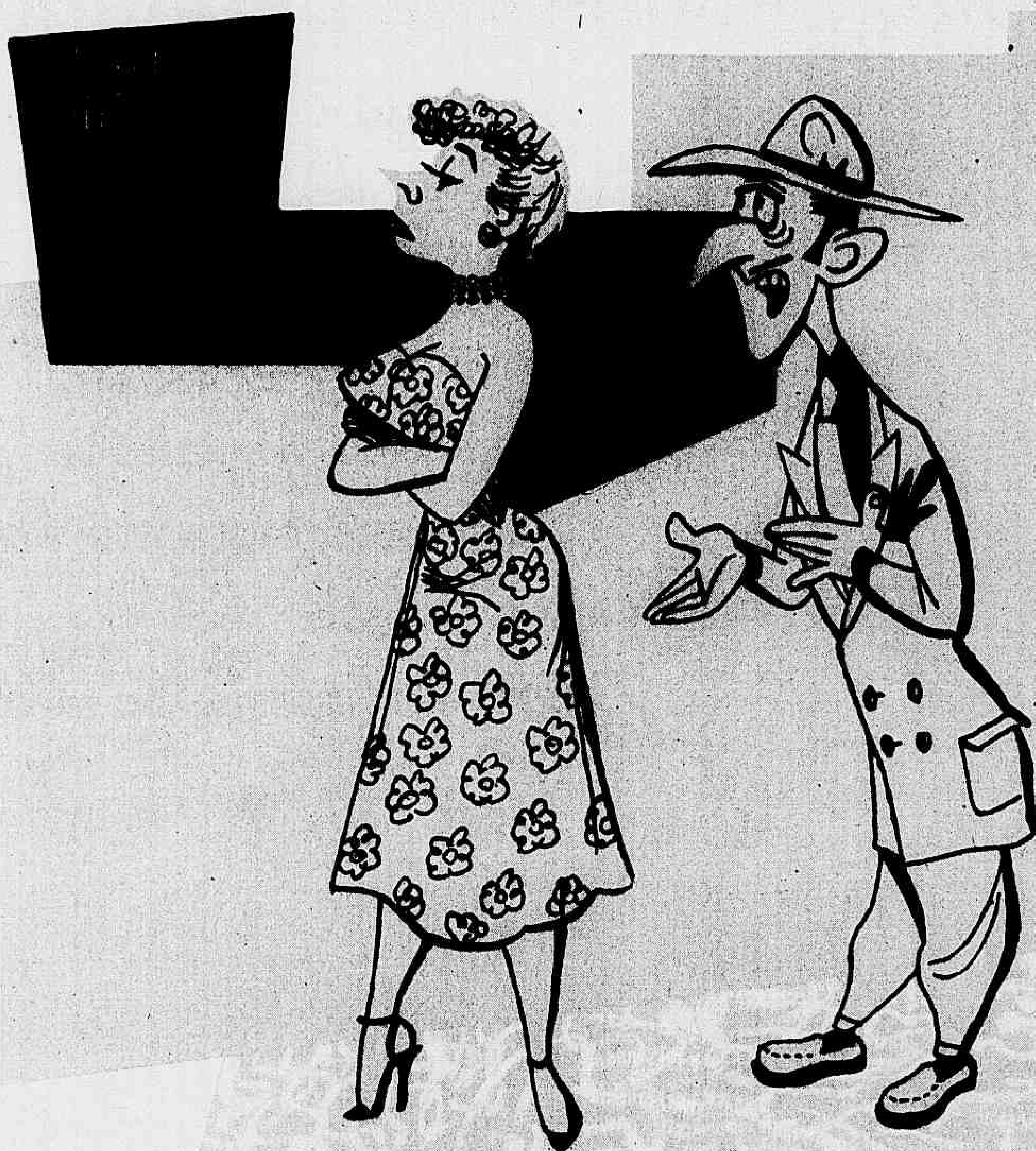


Um trabalhador fazendo sua refeição no Restaurante Central do SAPS, à Praça da Bandeira.

«São, certamente, muito fundadas as razões dos que insistem em que os problemas de um país como o nosso, ainda em formação, não podem ser enfrentados com os mesmos processos usados em países perfeitamente desenvolvidos. Se é exato que se deve admitir, como tantas vêzes se tem dito, que não adianta dividir a nossa pobreza, pois precisamos antes de tudo, enriquecer o Brasil, isto é, produzir, não é menos certo, por outro lado, que erram os que levam essa tendência ao exagêro de subestimar a gravidade da situação de nossos trabalhadores. Nenhum processo de enriquecimento nacional será possível se a massa trabalhadora, de quem, afinal, tudo depende, não tiver condições mínimas de confôrto. E o fato é que elas faltam; o fato é que a alta permanente do custo da vida, que aqui como em tôda a parte se faz sentir, como conseqüência do desajuste mundial, o fato indiscutível é que, não raro, as dificuldades atuais fazem, dos remediados, pobres e, dos pobres, miseráveis. Os aumentos de salários são soluções inevitáveis, mas funcionam por um tempo restrito.

Estas verdades, fáceis de verificar, são demonstrativas de que uma política de bem-estar social para poder desenvolver-se convenientemente deve estar estribada, como o govêrno vem procurando fazer, em realizações concretas — diretas, diríamos melhor. Casas decentes e baratas, por exemplo; e se é verdade que uma grande massa de trabalhadores urbanos vive em precaríssimas condições de alojamento, cumpre não esquecer que alguma coisa já se fêz nesse setor e ainda se está fazendo. No terreno da saúde já se fêz muito, e muito resta por fazer. Achamos, entretanto, que um problema domina todos os outros: o da alimentação. Sejam quais forem as críticas feitas ao SAPS sob esta ou aquela direção (as mais das vêzes injustamente), é impossível deixar de concordar que se trata de um serviço da mais alta importância. Felizmente hoje em dia, e após um trabalho penoso, esta autarquia, que constitui inegàvelmente uma das mais sólidas realizações da obra social do presidente Getúlio Vargas, já vai se impondo ao aprêço popular, desfrutando mesmo um firme conceito nos círculos responsáveis do país. É que, no que diz respeito, por exemplo, à parte assistencial, o SAPS não dá ao trabalhador uma cédula; dá-lhe, a um preço realmente mínimo, alimentação boa e sadia.

É impossível esquecer êste aspecto positivo de nossa realidade assistencial e em uma solenidade comemorativa da data máxima do proletariado, como a que aqui realizamos, sob a honrosa presidência do ministro Hugo de Faria, nada nos parece mais justo do que afirmar que em relação ao SAPS o que antes de tudo preocupa a atual administração é que seus serviços se ampliem para atender a uma parte cada vez maior da população. Dizer isto no momento em que vamos iniciar a construção da nossa primeira cozinha Central parece-me que não é de todo despropositado, pois que se trata de uma das iniciativas de mais profundo sentido social já levadas a efeito por esta instituição: fornecer refeições nos locais de trabalho aos operários de construções e unidades fabris, a fim de libertá-los da obrigação de transportar sua alimentação em marmitas. Estender o raio de ação do SAPS até êsses trabalhadores é um objetivo digno, sem dúvida, das comemorações de um Primeiro de Maio e, sobretudo perfeitamente de acôrdo com a política que praticamos, que é a que mais interessa ao Brasil: a da boa alimentação.»



Desenho de FORTUNA

PRAÇA TIRADENTES

ELA era linda, êle gostava dela. Ela olhou para êle como quem olha uma cadeira, uma árvore, uma coisa. Aí o coração patético do homem bateu que nem o papo dum sapo, todos olharam para êle porque ouviram o coração. Ela era linda. Êle gostava tanto dela. Êle não era bonito, ela não gostou dêle.

Êle deu para ela: um corte de vestido estampado, um pente de matéria plástica, dezessete pacotes de pipoca, alguns de bala azedinha, cinco ou seis garrafas de gasosa de framboesa, um vidro grande de perfume "Noites de amor", um cigarro (falsificado) de maconha, 100 gramas de bombons com licor dentro, um crucifixo, um pente de vidro (diferente), uma foto com linda dedicatória, o bigodinho, um par de sapatos. Daí, êle pediu: você me dá?

Ela disse que não. Êle pediu, por amor da mãe, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ela disse que não, pela segunda vez. Não, ela disse. Com os olhos da morte na cara (a amiga dela é quem contou) êle pôs a mão na bôca para não chorar; aí a cara se mordeu como dum cachorro louco, onde choravam os olhos da morte que, para êle, eram os do amor. Não deu um passo, não tirou a mão do bôlso, ela tremia tôda como se apanhasse na cara.

— Sua bandida!

Ela derrubou a sombrinha, a mão parada no ar que nem tivesse a sombrinha azul.

— É o meu fim! — a sua voz vinha de longe, ali a dois passos da moça. — Você não é minha...

— Por favor, tenha pena de eu!

O homem tinha um revólver calibre 38 na mão. Aí foi que a amiga saiu correndo, uns homens pulavam de mêdo, até uma senhora gorda de chapéu foi atropelada por um auto. Ela se desmanchou aos olhos de todos que nem um vestido fora do corpo. Um coração parou, o dela, o dêle, a amiga não viu, quando o relógio batia as quatro horas da tarde de domingo na Praça Tiradentes.

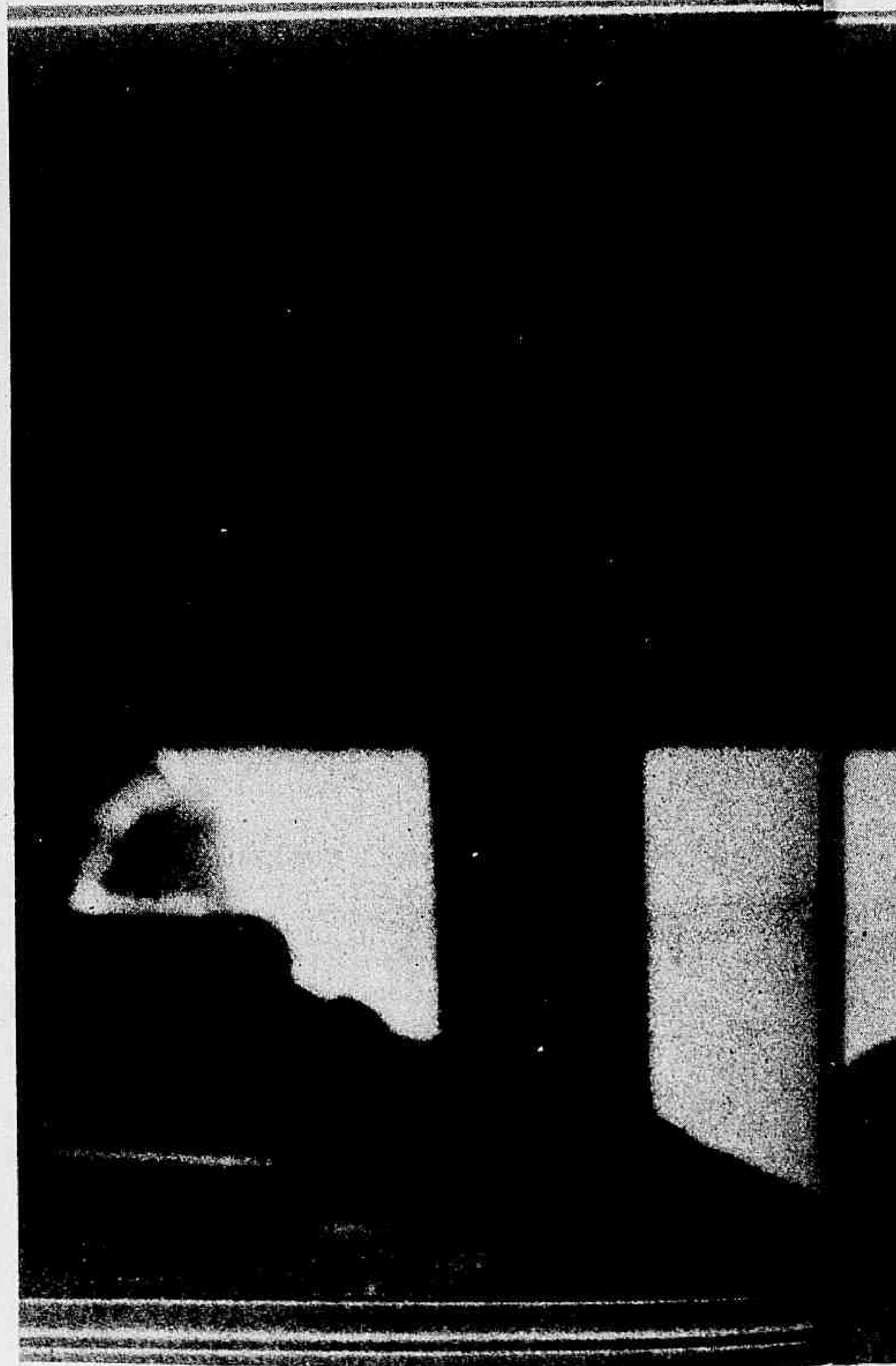
DALTON TREVISAN

UM "OSCAR" DES

COM APENAS 25 ANOS DE IDADE, AUDREY HEPBURN TORNA-SE A ATRIZ DO MOMENTO, COM O MAIOR SALÁRIO DA BROADWAY, UM PRÊMIO DA ACADEMIA DE HOLLYWOOD E FOTOGRAFIAS NAS CAPAS DAS MAIS IMPORTANTES REVISTAS DO MUNDO.

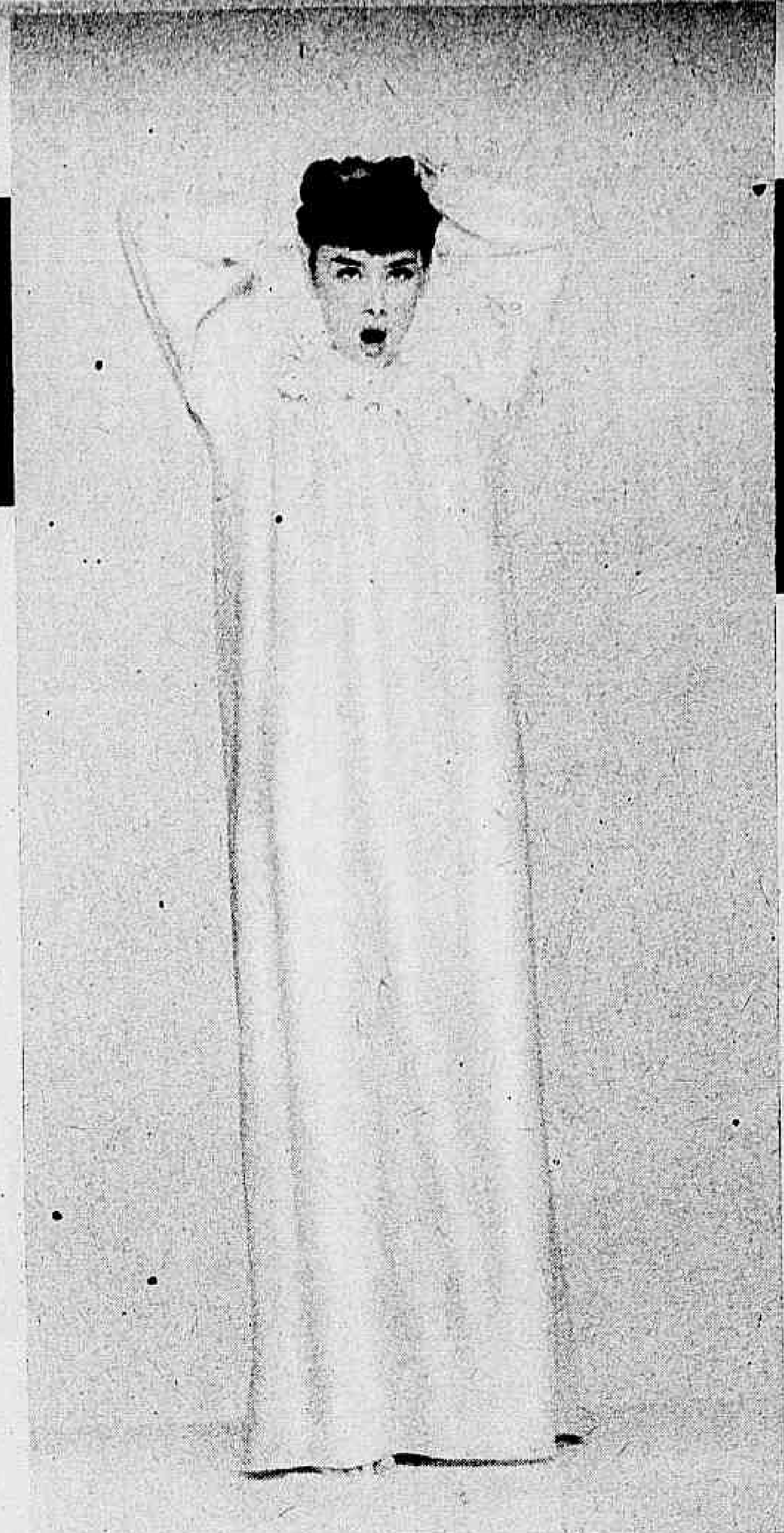
Reportagem de LUÍS SODRÉ





AUDREY HEPBURN FOI PROJETADA NO MUNDO ATRAVÉS DE CAPAS DE REVISTAS FAMOSAS. DEZENAS DE ARTIGOS FORAM ESCRITOS A

S COBRE UMA "ESTRÊLA"



PODE-SE mesmo dizer que Audrey Hepburn teve uma das mais rápidas carreiras do cinema. Enquanto seu nome faiscava na Broadway («Gigi»), William Wyler esperou tôda uma temporada, até que a peça fôsse retirada do cartaz. E lhe deu então o papel de «Princesa Ana» no filme «A Princesa e o Plebeu» — que lhe daria o «Oscar» de 53, projetando o seu nome e a sua arte no mundo inteiro Em Nova York, hoje, Audrey é a «estrêla» mais bem paga, e o crítico Books Atkinson afirmou que «Miss Hepburn deveria ser internada neste país, tendo por obrigação aparecer de vez em quando em ótimas peças». Mas comecemos pelo princípio.

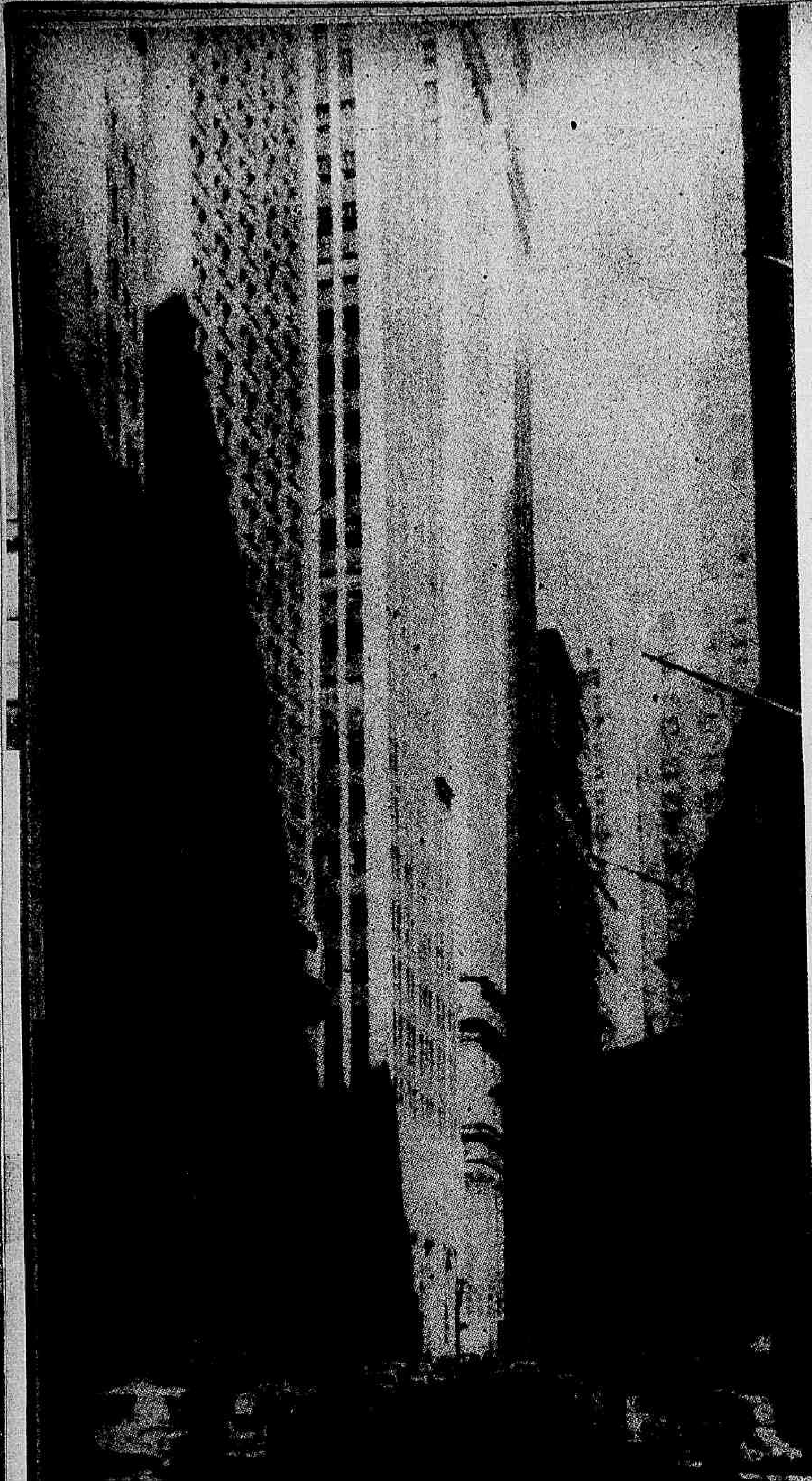
No dia 4 de maio de 1929 Audrey nasceu em Bruxelas. Filha de pai irlandês e mãe holandesa, menina ainda seguiu para um internato na Inglaterra. Ao rebentar a segunda grande guerra, volta a Holanda onde, com apenas 10 anos de idade, inicia seus estudos de «ballet». Em 48, torna a viajar para a Inglaterra, continuando a estudar bailado no famoso curso Rambert. É selecionada, entre 3 mil candidatas, para ser uma das 10 coristas de «High Button Shoes», de Jack Hilton. Começa a aparecer em pequenos «shows» de rádio e televisão e brilha nos palcos londrinos como corista, recebendo as primeiras atenções da crítica. Tem propostas para figurar em pequenos filmes, quando é finalmente notada por Colette, que encontra em sua figura o tipo ideal para interpretar o principal papel de sua novela «Gigi» a ser encenada na Broadway. Após uma entrevista de meia hora, fica tudo resolvido e a bela jovem parte ràpidamente para o sucesso. Em Nova York, a peça faz estrondoso sucesso e Audrey passa a ser cabeçalho de jornais. A crítica a consagra definitivamente e empresários rondam insistentemente o seu camarim. 36 horas depois da retirada da peça de cartaz, Audrey parte para Roma, ao encontro da equipe de William Wyler para a filmagem de «Roman Hollyday» («A Princesa e o Plebeu»). Terminado o filme, volta a Broadway para um segundo êxito: «Ondine», de Giradoux.

ORÉ



OS A

SEU RESPEITO, NOVOS ADJETIVOS FORAM CRIADOS PARA ELA. SEU «CHARME» DERROTOU O PRÓPRIO «SEX-APPEAL» DE MARYLIN MONROE.



NOVA YORK: AUDREY ESTÁ EM CASA.



Primeiro em «Gigi», de Colete (que a descobriu e a levou para teatro) e depois em «Ondine», de Giradoux, (v. fotos ao alto), o su cesso conso

Em menos de um ano o cinem e



«A Princesa e o Plebeu»: Primeiro filme e primeiro êxito mundial.





...a levou para ...s ao alto), o su...cesso da jovem Audrey Hepburn foi imediato e absoluto. Londres consagrou-a como «a mais espetacular revelação teatral dos últimos anos». E, em Roma, quando ali se encontrava para filmar «Roman Hollyday», que lhe valeu o «Oscar», uma multidão assaltou o bar para vê-la.

...o cinema e o teatro ganharam uma fada e uma comediante de gênio



O SORRISO DA VITÓRIA: TALENTO E PERSONALIDADE.

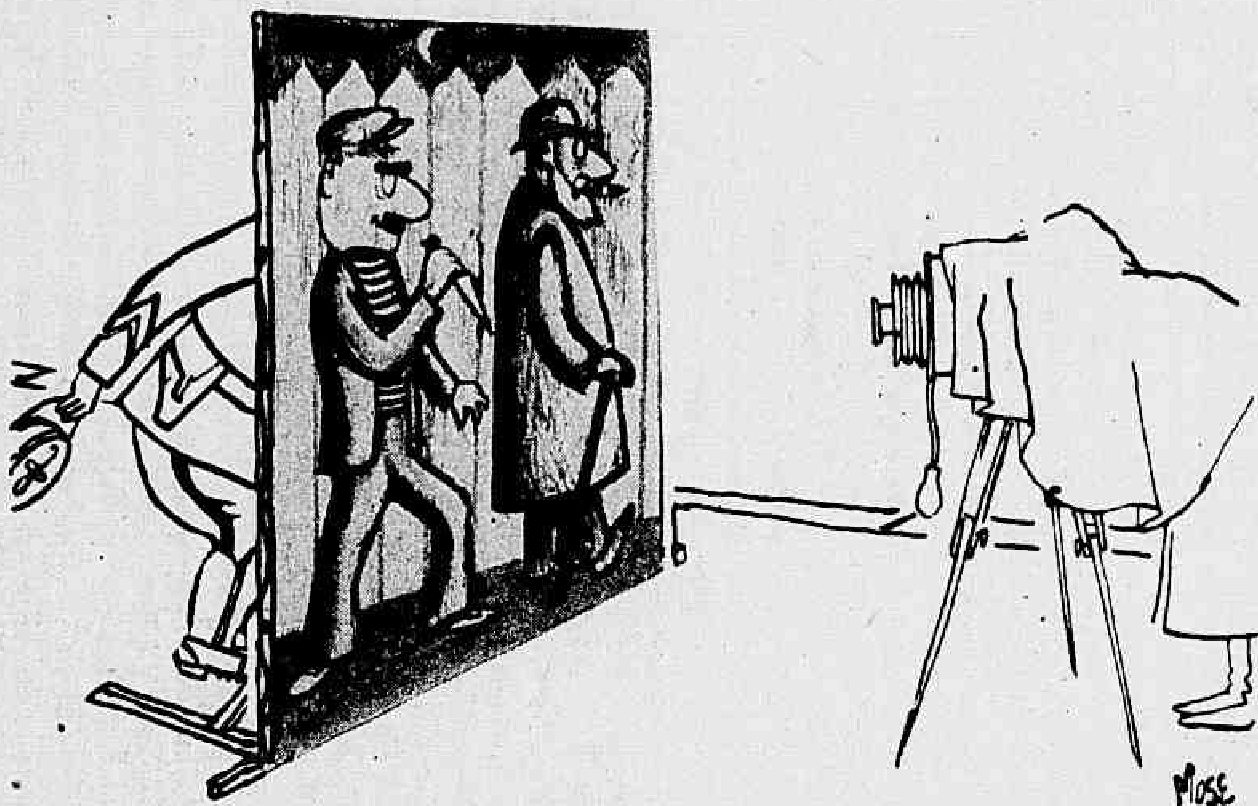


AR LIVRE: O PÁSSARO VOA COM AS ASAS DA GLÓRIA.



ELEGÂNCIA: LANÇOU AS CALÇAS COMPRIDAS E COLANTES.

...êxito mundial.



SEM LEGENDA

Cada um tem seu problema no

RISO DOS OUTROS



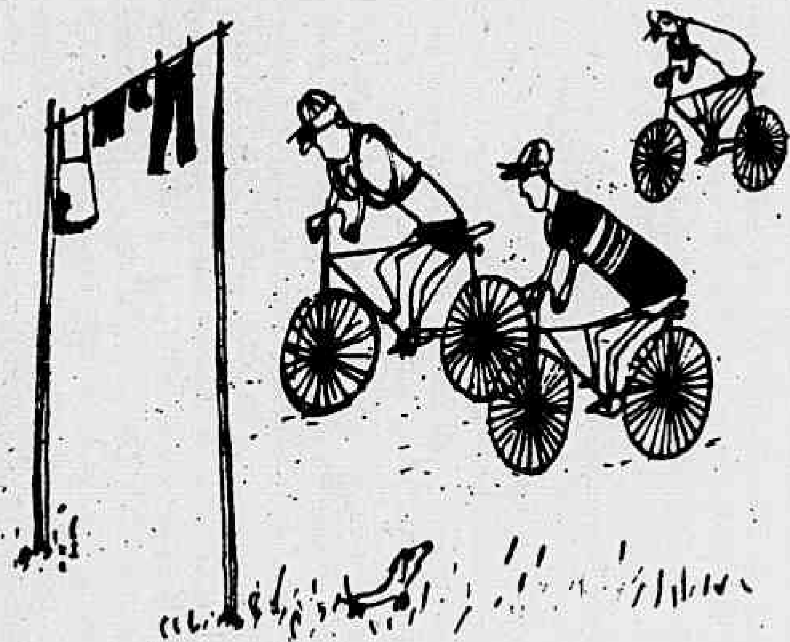
A dona da casa e sua filha começam a perceber que há qualquer coisa de errado com a nova empregada.



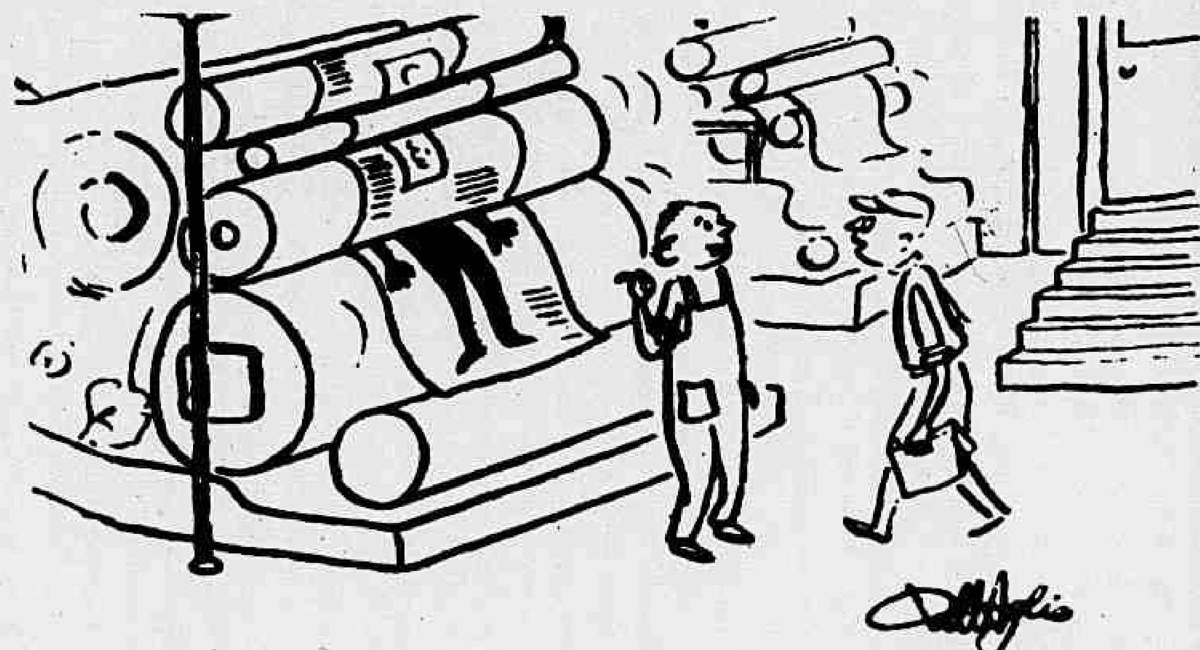
SEM LEGENDA



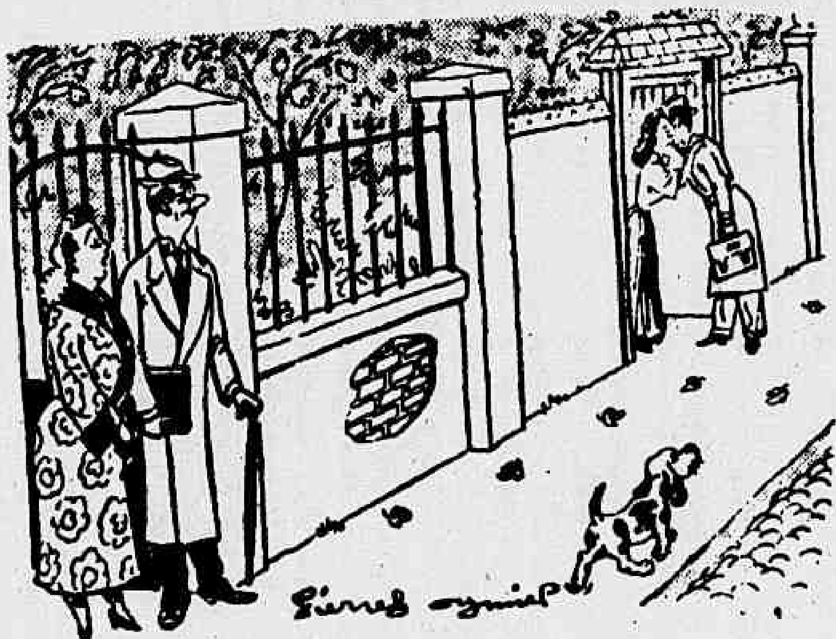
— Mantivemos o seu quarto exatamente como você o deixou.



— Não te disse que não era aqui?



— Como não tínhamos nenhuma fotografia, pusemos êle mesmo na rotativa.



— Veja, o senhor Rosas abraça e beija a mulher todo dia, antes de sair de casa. Por que não faz o mesmo?

— Mas, será que o senhor Rosas não vai levar a mal?





— Meu marido também começou repentinamente a sentir-se com vocação para detective...



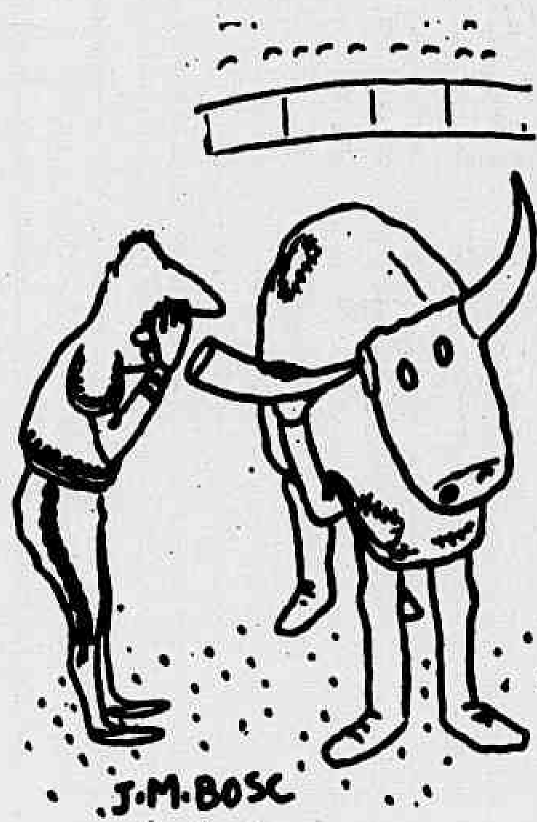
— E quanto custou esta coisa?



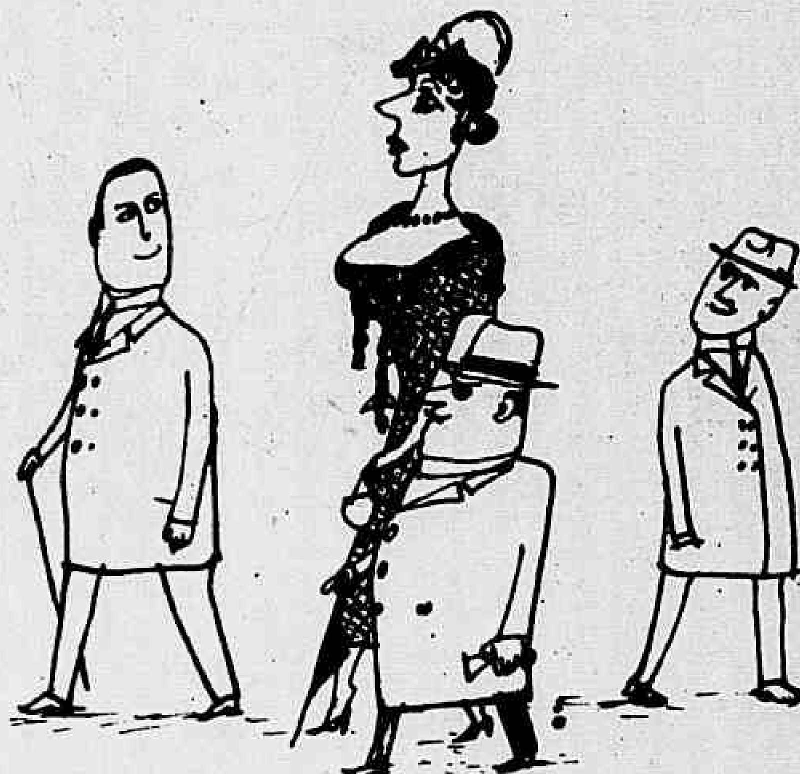
— O senhor não tem telefone? Ah! Então, desculpe.



— Eh! Pedro, estamos organizando uma festinha para o Natal. Você pode emprestar-me um «smoking»?..



SEM LEGENDA



— Enfim, sou ainda um belo homem. Todo mundo me olha.

FRASES DE UMA REVOLUÇÃO

ANTONIO MARIA

EM minha terra, permanentemente, espera-se uma revolução. Há uma atenção muito grande para o que dizem os jornais, os discursos, as viagens dos políticos, as entrelinhas dos artigos, certos movimentos de tropas e conclaves estudantis. Basta, por exemplo, um Tiro de Guerra ir acampar a uns poucos quilômetros do Recife para que o dono da casa chegue, na hora do jantar, um tanto ou quanto sobressaltado e diga à espôsa e aos filhos que as coisas não andam bem. A despensa está sempre preparada, com feijão, farinha e carne do Ceará, para o que der e vier. O estouro de um pneu corta a conversa da família, provoca entreolhares, comentários e temores, principalmente quando parece vir do quartel do Derby ou das bandas do palácio das Princesas. A festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade, deu margem a que, todos os anos houvesse um grande tiroteio entre exército e polícia. Era normal passar um estudante correndo e intranqüilizar a rua Formosa, aos gritos de: «E' bala»! «E' bala»! A morte de João Pessoa pôs os quartéis de prontidão e derramou algumas tropas embaladas, nas ruas do Hospício e Riachuelo, nas cabeças das pontes e em tôda a volta do Palácio. Depois, na missa do sétimo dia, os estudantes e o povo reagiram à passagem dos carros blindados da polícia de Eurico Souza Leão e houve luta de meia hora, entre o povo e soldados, êstes com fusis e metralhadoras e os paisaninhos com pedras e paralelepípedos. Logo depois, estourou a revolução, verdadeira farra de lenços vermelhos. 72 horas de tiroteio cerrado, sangueira nas ruas, fuga de Estácio no rebocador que tinha seu nome, incêndios nas casas dos perrepistas e, no fim — o que foi bonito — o povo armado de cacete, na praia da Piedade, à espera do navio que, segundo o boato de um fim-de-tarde, viria, sob as ordens do general Rapa Côco, bombardear a cidade. As mulheres e as crianças saíam para os arredores, enquanto os pais de família e os rapazes entrincheiravam-se na praia. Foi uma noite comprida e de muitos sobressaltos. As notícias eram cada vez mais alarmantes, até que o dia clareou e o povo voltou às ruas em passeata, quando se divulgou que o navio de Rapa Côco desistira de lutar contra os pernambucanos, armados de cacete, que o esperavam para um ajuste de contas, na Piedade. Em seguida, veiu a revolução de 31 (certame local), que pretendia depor o Lima Cavalcânti e instalar um govêrno comunista extra-Lenine, que se chamava, salvo engano, Pedro Calado. A luta foi de uma margem para outra do Capibaribe, com ninhos de metralhadoras nas cumieiras dos sobrados da rua da Aurora e no fôrro da Igreja dos Inglêses. Dois dias e duas noites, a bala cantou no telhado, cravou os postes e deu a tôdas as paredes do casario — quando cessou o fogo — um aspecto de menino que teve varicela. A Brigada Militar, que seria, mais tarde, famosíssima pelo seu orfeão, dominou o levante, abatendo as tropas revolucionárias do exército. Depois, houve a revolução comunista de 35, com o levante do quartel de Socorro, a marcha para o massacre do Recife e a grande luta na ponte de Afogados, quando a Brigada abateu outra vez os revoltosos, derramando uma sangueira imensa, no Largo da Paz.

A prova de que tôdas essas lutas não nos apanharam de surprêsa é o fato de não ter faltado comida, lá em casa, durante todos os choques armados. Daí eu ter guardado as frases de uma revolução. Todo pai de família de Pernambuco, de janeiro a janeiro, dizia coisas assim: Minas está pegando fogo — Espera-se qualquer coisa — Há um movimento estranho na porta do quartel do 21 — Esta ida do tiro 333 a Olinda está me cheirando a sangue real — A posição de Carlos de Lima é delicadíssima — Não se deve dizer nada, antes que Juarez se pronuncie — O discurso de João Neves será o sinal de fogo — Êsse negócio de comunismo quer dizer saque, defloramento e depredação das igrejas. — Eu não tomarei nenhuma atitude, sem ouvir o padre Félix Barreto — Quem não vê logo que Costa Rêgo e Chateaubriand são dois comunistas dos mais exaltados? — Se João Pessoa fôsse vivo... — Nós estamos precisando é de uma ditadura militar — O responsável por tudo isso é Ramos de Freitas — Nossa posição deve ser a mesma de 30 — Fala-se na volta de Estácio — Se o negócio estourar, Lima Cavalcânti estará de manga de camisa e metralhadora em punho, no quartel do Pátio de Paraíso — A aliança de Minas e Rio Grande é a garantia de Getúlio — Êsse país só vai pra frente, se Osvaldo Aranha tomar conta dêle...

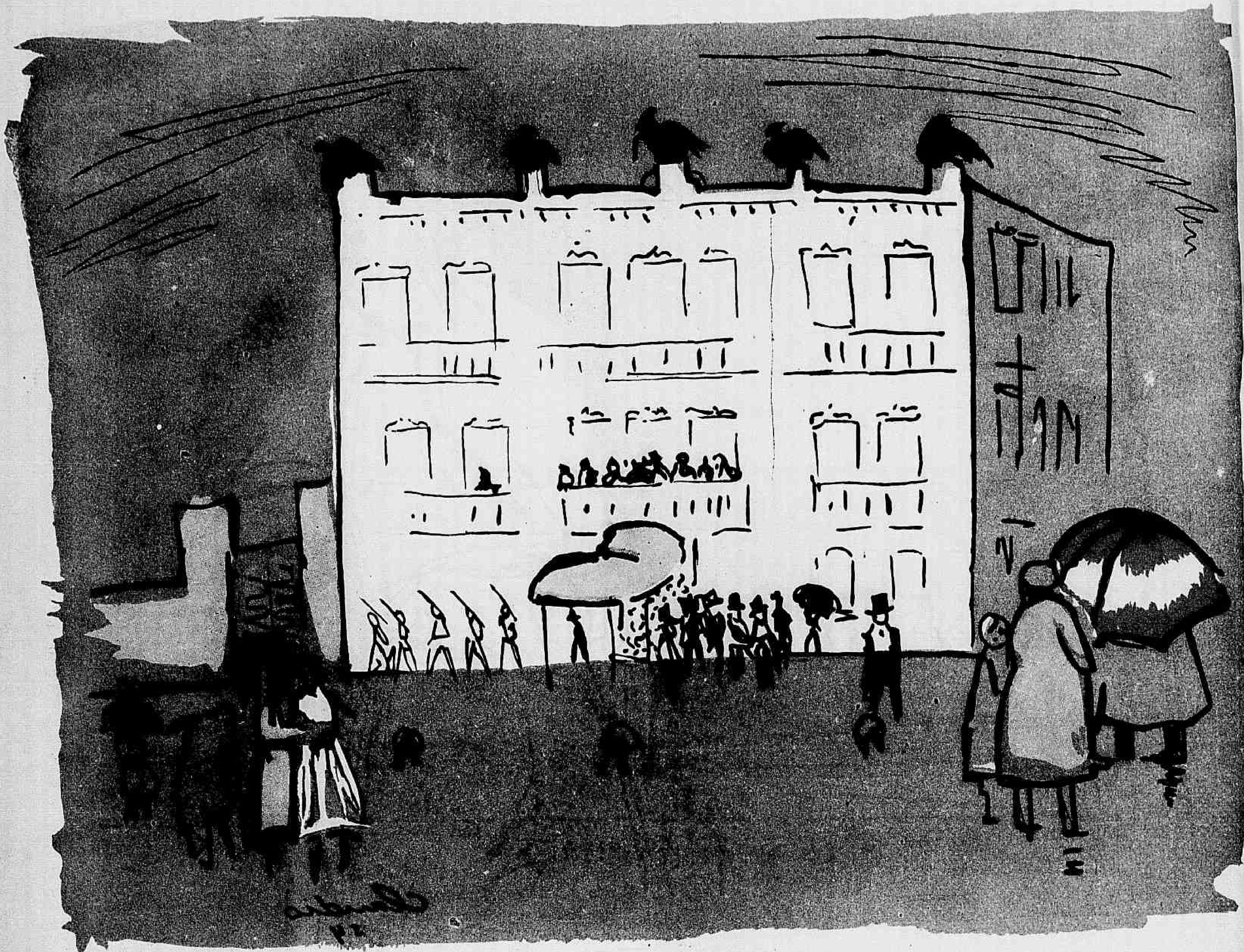
Eram essas e uma centena de outras as frases dos movimentos revolucionários de Pernambuco. Guardei-as na lembrança, porque acreditava nelas e delas vivi, com os olhos espantados, confundindo o espoucar de um foguete com o tiro de mais uma intentona. Hoje, que elas ficaram vazias, são apenas lembranças das conversas dos meus tios, do mêdo das minhas irmãs, da despensa da casa de minha avó, onde havia de quarentena para o que desse e viesse, comida de sobra. Minha avó era de pouco dizer (e é ainda) e, numa conversa sôbre movimentos revolucionários, só dizia isso: — Se Dantas Barreto fôsse vivo, vocês iam ver...

Apesar do tempo longo, que passou, minha gente existe, politicamente, como existiu de 30 a 37. Na última carta que me mandou, D. Diva — minha mãe — muito preocupada, perguntava: «Você vê a possibilidade de um novo golpe de Getúlio? Em casa de Júlio, só se fala nisso».

Pois olhe, dona Diva, aqui só se fala na renovação do contrato Ademir-Vasco da Gama.

Desenho de DAREL





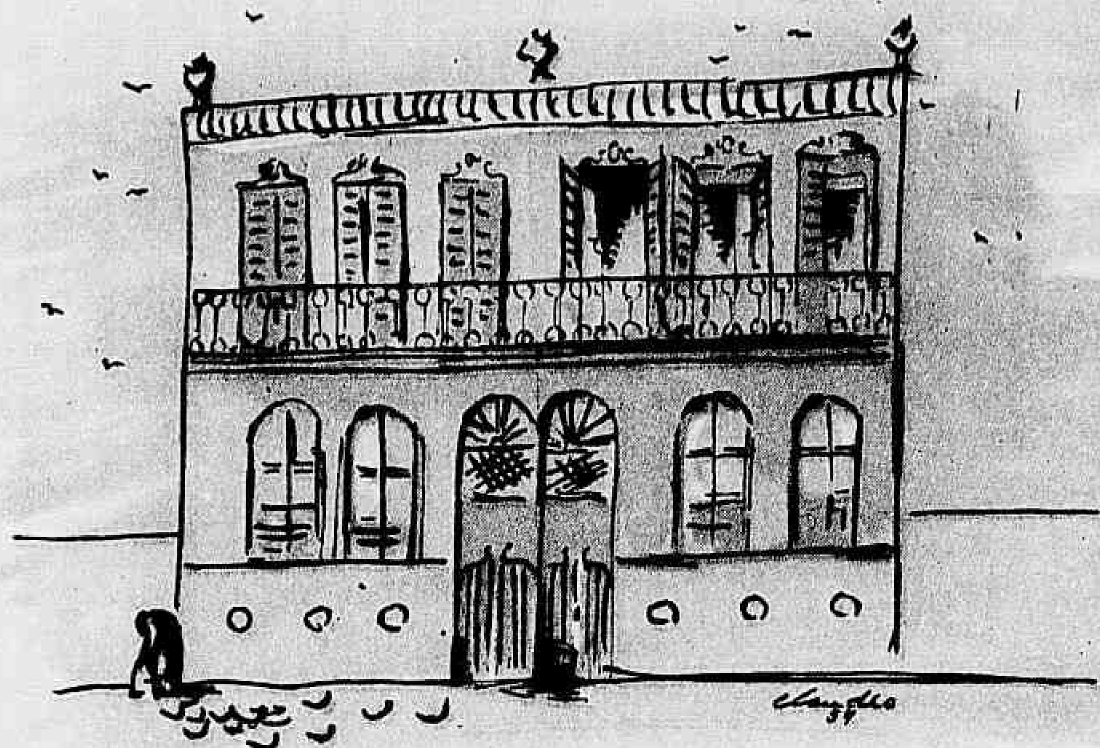
O CATETE é sempre o mesmo

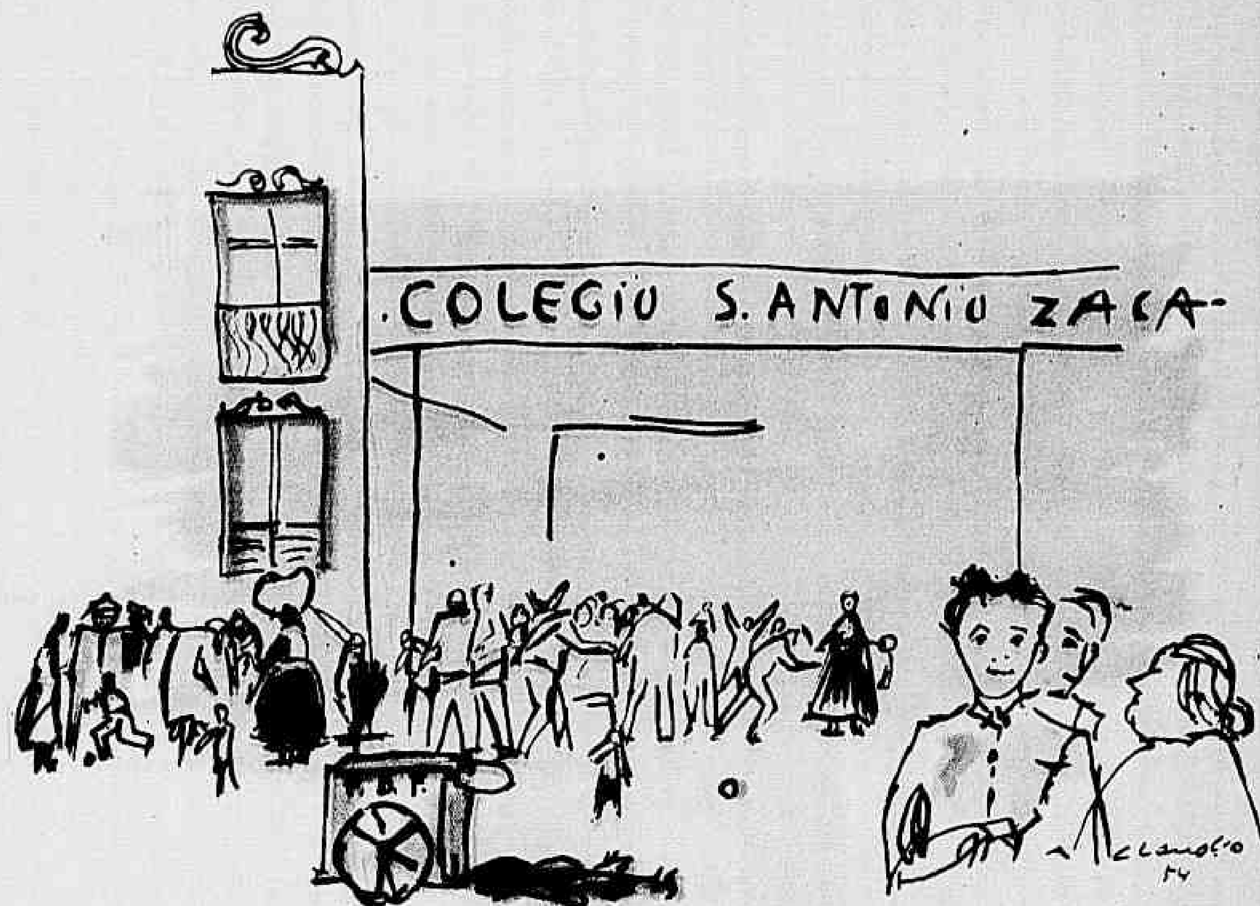
Texto de JOEL SILVEIRA



O barão de Friburgo adivinharia, talvez, a imutabilidade daquele mundo, e daí o jeito arredio do seu palácio: êle se afasta, naquele quarteirão, num gesto enojado de quem recua e tapa o nariz, como se temesse misturar-se com o mundo plebeu do outro lado da rua. Excrescência e orgulho bobos, dos quais o Catete não chega a tomar conhecimento; de resto, a gente simplória e irônica do outro lado sabe bem que a sua humildade e a sua desimportância muito menos mal têm feito à rua e ao país do que os ilustres republicanos que o Estado tem hospedado, de graça, no seu palácio melhor.

● O orgulho rebenta, em tôrno, como flores de Soberba; e os arranha-céus, lá na praia, sepultaram nos seus alicerces os últimos bangalôs de platibandas caprichadas. Mas, aqui atrás, o Catete não se rende, e contra o impacto do progresso ergue, como um muro, a humildade manhosa de quem está disposto a tôdas as transigências para continuar como é. Fala-se que a Avenida larga, a Avenida do futuro, cortará pelo meio êsse ajuntamento confuso de pensões, hotéis baratos, retalhistas, estudantes e empregadas domésticas; e empurrará para os lados o rio enviezado e semi-urbano que começa na Glória e vai terminar no Largo





do Machado. Mas o plano já é velho de vinte anos, talvez mais. O Catete não acredita mais nêle, e continua a despertar, tôdas as manhãs, com a tranqüilidade de quem está imune à surprêsa e aos imprevistos, tristes ou alegres. Mudem-se as cifras, nas tabelas dos armazéns, no preço da média com pão e manteiga, na entrada do cinema, na diária dos pequenos hotéis, e tudo voltará a ser o que tem sido sempre: paga-se mais no Catete (paga-se mais caro em qualquer parte do mundo), mas quem paga é a mesma gente que conheci há quinze anos, quando eu era um dêles. Não deixei meu lugar vago, porque o lugar não era meu, mas sòmente da coisa que então eu era: um estudante pobre e magro que estudava na Faculdade defronte, pela manhã, e, de tarde e à noite, fazia biscates de literatura e revisão, falava de nortista em programas de calouro, anunciava música lírica na emissora da Prefeitura ou confeccionava inspiradas quadrinhas lácteas para a fábrica de leite condensado.

● O 19 da rua Carvalho Mendonça é agora o 23 da rua Artur Bernardes. Mas que adintaram tais modificações de gênero e número? Quando, há poucos dias, passei defronte ao 19 feito 23 e espiei lá dentro, tudo continuava como sempre: lá estava eu estirado na cama estreita, o palitó do pijama aberto, a perna esquerda cruzada sôbre o fêmur direito, a mão direita a coçar o pé esquerdo, a mão esquerda segurando o livro — creio que «Judeus sem dinheiro», de Michael Gold, ou o «Fontamara», de Silone, ou talvez mesmo o «Moleque Ricardo», de Zé Lins, que tais eram as leituras do estudante biscateiro da época. Na parede nua, o cabide entulhado; na mesa do canto, as latinhas de amostra do leite condensado (vinham amigos de longe prová-lo com pão e goiabada) seguravam, contra o vento morno que forçava as amendoeiras, a incrível papelada onde jaziam tanto sonho de glória e tanto solecismo apressado.



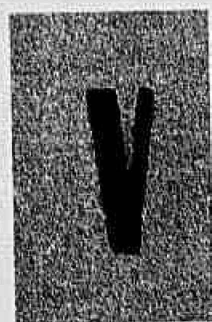


A MAGNÓLIA PERDIDA

LUIZ LOPES COELHO



LUÍS LOPES COELHO, o bem humorado cavalheiro cuja foto aparece aí ao lado, é um dos mais conhecidos advogados de São Paulo, com uma longa e brilhante tarimba de lutas e vitórias forenses. Nas horas vagas, êle cultiva o «hobby» de escrever contos policiais ou de mistério — e o faz, como o leitor verá, com maestria, graça e indiscutível qualidade literária. As histórias que LUÍS LOPES COELHO escreveu até agora, e das quais publicaremos algumas, com exclusividade, na REVISTA DA SEMANA, dão para formar um pequeno volume que, quando aparecer, situará o seu autor como o primeiro escritor brasileiro a impor-se, galhardamente, no difícil e perigoso setor da novela policial e de mistério. «A magnólia perdida», que divulgamos hoje, é uma das mais características histórias de Luís Coelho; e, de certo, aquela, entre tôdas que êle já escreveu, em que conseguiu alcançar um poder de síntese e precisão que só os mestres no gênero, têm.



VAGÃO «c». Poltrona 18. Abriu a maleta e, apoiando-a no encôsto de palhinha, retirou o romance. Depositou-a, em seguida, na prateleira rendada. Sentando-se, defrontou com a palidez das duas freiras. «Como é fácil a um médico envenenar a espôsa!» Inclinou a cabeça com discrição ao agradecer o sorriso enxuto das companheiras de viagem.

Rangeram os truques na curva. Rubens Santelmo espiou o relógio. «Mais uma hora e estará finda a temporalidade de Suzana. Freiras pálidas que se apascentam da morte, rezem por Suzana Santelmo, cuja «alma» vai precisar de ajuda nesta noite escura». Sublinhou o pensamento com um sorriso de ironia.

Abriu o romance, mas as palavras passavam ante seus olhos como os eucaliptos à margem da estrada. Procurou concentrar-se; não o conseguiu porque o ruído das rodas fragmentava a atenção.

Fechou o livro e recapitulou os momentos de sua obra prima. Em primeiro lugar, as pílulas para provocar distúrbios de circulação; depois, os resultados do exame geral, da radioscopia, do electrocardiograma, alterados por êle. A notícia da lesão discretamente transmitida aos membros da família; mais tarde, à própria Suzana. Em seguida, o tratamento, entre cuidados, meiguice e... arsênico. Passa o veneno, ministrado em doses pequenas, a agir lentamente. Instala-se a enfermidade no ambiente e nas almas familiares; a sugestão de um repouso a beira-mar é aprovada por todos. Uma casa em S. Vicente, a um quarteirão da praia, recebera, há oito dias, a hóspede desalentada e mais a irmã, cheia de desvelos. Êle descera a serra quase todos os dias para ver a espôsa; voltava agora, nesse fim de semana, de sua última visita. Suzana estava sazonada para a morte; merecia largar o corpo enfermiço e corrupto, já que acreditava na eternidade da alma, na vida entre nuvens e querubins. Às 7 horas da noite absorvera a dose final.

As freiras arrumavam a bagagem. Rubens levantou-se, alcançou a maleta, desceu do trem. Serviu-se de um táxi, lembrando-se, então, de seu último golpe: deixara o automóvel com Suzana, para que se distraísse quando as melhoras chegassem...

Atravessou o pórtico da mansão e, embora fôsse a noite escura, distinguiu entre o arvoredo a magnólia soberba, a «sua» magnólia. Seria dêle, dentro em pouco, só dêle; sòmente as suas narinas aspirariam o perfume macio, só êle se deitaria na relva, à sua sombra, para ler e compor poemas.

Entrou na casa à procura de sua poltrona, na sala de estar, onde aguardaria a notícia. Ninguém perturbaria o anseio final, nem mesmo os empregados, entregues à folga de domingo. «Como lhe seria transmitida a mensagem da transfiguração? Quase dez horas. O suor frio já ressumava na fronte de Suzana, o peito arfava entre angústias, a garganta ressequida e sedenta. O fim avançava e os gestos vão, aos poucos, cedendo à estatuária. Como é bonita a morte, quando se faz dela uma catléia lilá, elaborada desde a minúscula semente!»

A campainha do telefone despertou a noite silenciosa. Rubens atendeu:

— Alô!

— Rubens, sou eu... vou morrer... estou sòzinha... não posso respirar... vou morrer... venha Rubens... venha... eu...

Aquela voz rouca, viscosa, parou de emitir sons de desespêro. Desligou. Cada palavra compuserá uma facêta da ardência dos olhos de Rubens, imprimira ao rosto um êxtase maligno. Voltou lentamente à poltrona para aguardar a comunicação oficial.

Estalaram três pancadas. Levantou-se sobressaltado. Quem seria? Andou até o vestíbulo e abriu a porta. Ninguém. Fechou-a, retornando à sala. Ouvira

(Cont. na pág. 48)





Um pouco de novo, um pouco de tradicional — nesta criação em tecido de linho adamascado (dêsses que se usam para toalha de mesa). O próprio desenho do linho foi recoberto com miçangas brancas, num bordado bem gracioso.

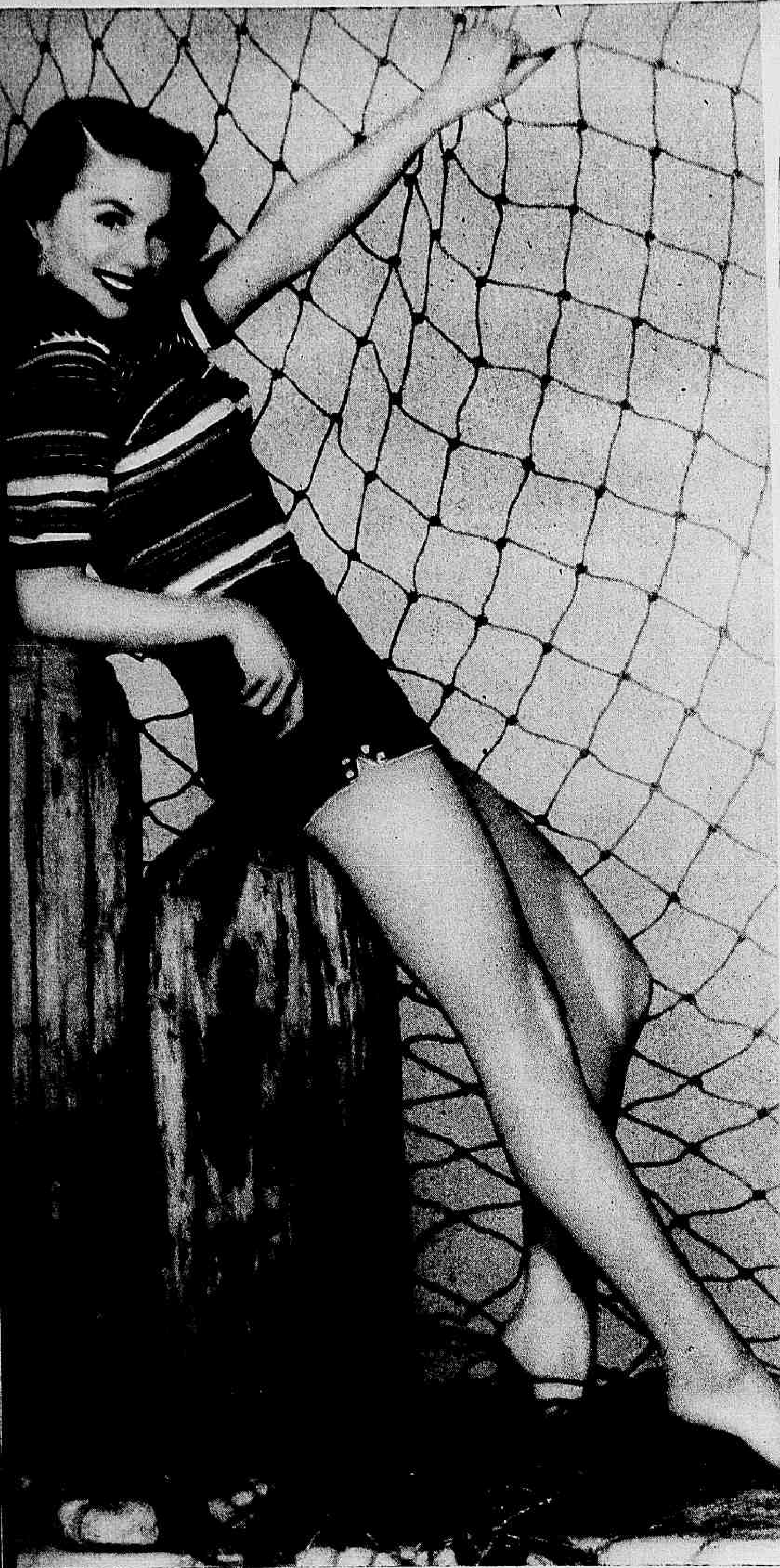


Modêlo em linho branco, com decote quadrado, contornado por entremeio de guipure. O mesmo modêlo em azul claro, para as "demoiselles". Bouquê de flores em côres vivas.

NOIVAS MODERNAS

Nova York — maio 1954 (por Gay Lombard — especial para REVISTA DA SEMANA, nos Estados Unidos)

O modernismo das noivas apresentadas em recente desfile do «Irish Linem Guild», em Nova York, não residia apenas nos modelos, que fugiam à linha tradicional, mas também no tecido empregado: linho-liso, bordado ou adamascado. Algumas criações compridas, outras curtas, tôdas desenhadas pelos melhores costureiros de Nova York, como Bianchi e Bonnie Cashin, por exemplo. Vão algumas fotografias para a REVISTA DA SEMANA. Espero que cheguem ainda a tempo, para as noivas de maio.



Joanne Dru, a bela «estrelinha» da Paramount, considera a série de ginástica que transcrevemos na página ao lado um elemento essencial à sua elegância

[illegible]

LIGIA JUNQUEIRA

● CILIOS PLÁSTICOS?

Em Miami, nos EE. UU., está em pleno furor a moda dos cílios plásticos: são fabricados em material leve e forte, e aplicam-se sôbre as pálpebras, com uma ligeira pressão, pois já vêm com acabamento em fita gomada especial, para aderir à pele. Êsses cílios, muito espessos, além de dar a quem os usa um ar totalmente sofisticado, formam uma espécie de plataforma que protege contra a incidência dos fortes raios solares. Há, assim, quem considere uma ameaça aos óculos escuros, pois substitui-os com vantagem.

● TUDO É «FEIO» EM PARIS

Comprar vestidos em Paris, usar perfumes de Paris, enfim, ir a Paris, é o sonho da maioria das mulheres que gostam de elegância e «rafinement». Paris é para quase tôdas a concretização do bom gôsto. Assim pensava também a jornalista inglêsa Mary Wallace. Um dia fêz as malas e atravessou o canal da Mancha com uma lista enorme de compras a fazer. Mas, gôsto de francesa pode não ser gôsto de inglêsa; Mary voltou com as malas vazias e uma profunda decepção no coração. Chegou até mesmo a escrever numa sua crônica, para explicar o desacôrdo de seu gôsto com o das parisienses:

— «Tudo em Paris é incrìvelmente horroroso!»

● E A COMIDA?

A população do mundo, atualmente, orça pelos 2 e meio bilhões de habitantes, e como é difícil alimentar a todos convenientemente! Os sábios do Instituto demográfico de Washington concluíram que mais de 4 bilhões de pessoas não será possível alimentar na superfície da Terra, ainda que se empreguem os mais modernos métodos de cultivo e produção de matérias-primas alimentícias. E . . . êsses mesmos estudiosos afirmam que, daqui a 50 anos, essa cifra de 4 bilhões será ultrapassada . . . Terrível prognóstico para a pobre humanidade!

● SÓ COM TRÊS DEDOS...

A «Senhora Maravilhosa», como é chamada Edna Charlton, vive em Manchester. Perdera quase todos os dedos quando ainda meninota, ficando com apenas dois na mão direita e um na esquerda. Dotada de fôrça de vontade inaudita resolveu aos 17 anos aprender taquigrafia e . . . aprendeu, chegando a «tomar» 120 palavras por minuto, depois de seis meses de aprendizado. Escreve também à máquina (60 palavras por minuto). Executa sòzinha todo o trabalho caseiro, e um de seus maiores prazeres é tocar piano, o que o faz de maneira agradável para os ouvintes. Quando o filho ficou noivo, bordou mais de metade do enxoval de sua nora, Irene . . . Hoje Edna tem 52 anos e continua a triunfar de seu tremendo «hand-cap».

SUGESTÃO PARA O LAR

● O branco associado a tonalidades diversas de amarelo e mostarda, ajuda a tornar esta interessante sala, decorada por Hermann Miller, bastante alegre e luminosa. A confortável poltrona com banqueta em frente foi revestida em tecido amarelo limão. A grande mesa, com tampo em vinilite (plástico muito resistente) é mostarda com os pés laqueados de branco. Cadeiras em palhinha no assento, e no encôsto, com pernas e armação laqueadas de branco. Ao fundo, junto à janela, uma estante de livros, em madeira de côr clara. Como detalhe mais interessante, a lâmpada sôbre a mesa, em forma de prato, levemente inclinada, montada numa haste cromada. A simplicidade dêsse aposento agradará a todos aquêles que preferem o gôsto moderno em decoração. — NIKE.



Um pouco de beleza



Cosméticos

EM MATÉRIA de cosméticos, nem sempre o que é mais caro é melhor. Procure experimentar várias marcas de bons fabricantes e depois dê preferência àqueles que melhor reagirem em sua pele. Quanto às novidades — em matéria de cosméticos — procure seguir a moda, mas sem contrariar a seu tipo e a seu gôsto individual. Do contrário, estaria destruindo a personalidade de sua aparência.

Seja natural e não extravagante. A mulher extravagante chama atenção, mas não agrada.

Cintura fina?

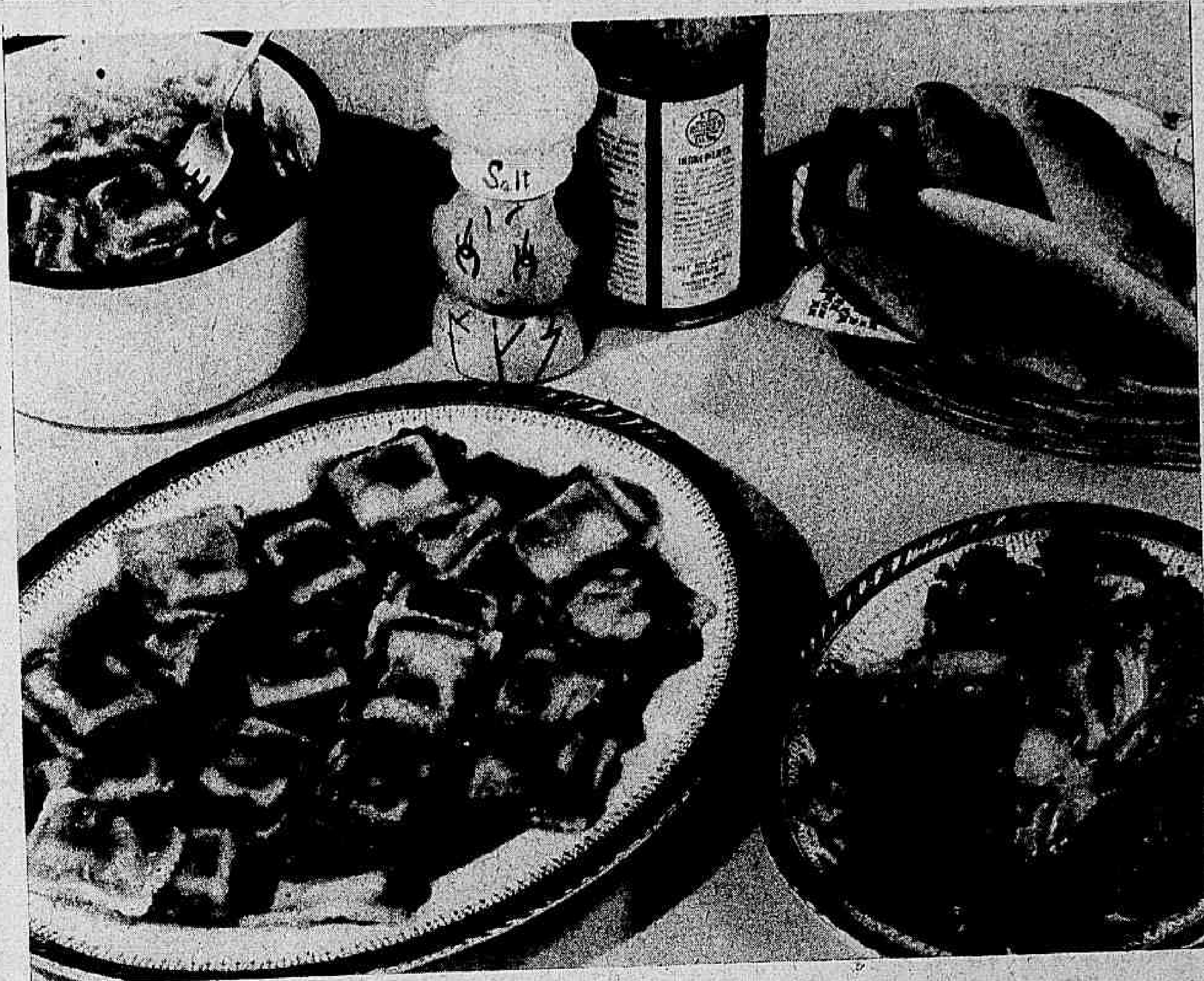
A CINTURA fina sempre está em moda, pois os modelos de vestidos de qualquer estilo caem melhor quando vestem uma cintura de vespa. Com a atual orientação da moda, principalmente, (vestidos ajustados na cintura, sem cintos) isso é importantíssimo para se ser elegante. Se você acha que deve afinar sua cintura, experimente fazer os seguintes exercícios:

★ *Abra os braços bem esticados. Depois gire o corpo para o lado — à direita e à esquerda, o mais que puder, com movimento rotativo da cintura. Repita 40 vêzes.*

★ *Abra os braços como acima. Abaixe o corpo para a direita e para a esquerda, o mais possível. Você há de sentir o esfôrço dos músculos da cintura e do estômago. Repita 40 vêzes.*

★ *Fique em pé, braços e pernas abertos. Toque o pé direito com a ponta da mão esquerda, vice-versa, flexionando o corpo sem dobrar os joelhos. Repita 40 vêzes.*

Alguns minutos que você perca pela manhã e à noite, diàriamente, repetindo êsses exercícios, contribuirão para, pouco a pouco, ir afinando sua cintura. Experimente.



WEEK-END NA COZINHA

MASSAS — A origem dos «spaghetti» se perdeu na imensidão das eras passadas, mas ficou uma lenda muito romântica sôbre um napolitano, que vivia lá pelo século XIII. Tendo perdido sua fortuna em algo parecido com mercado negro, resolveu dedicar os dias de vida que lhe restavam às boas obras — a fim de garantir um lugarzinho no céu. Tinha em mente inventar uma comida deliciosa, porém econômica, para uso do povo. Começou as experiências num sótão escuro e apertado, e lá trabalhava dia e noite. Porém, de uma janela em frente, do outro lado da estreita rua medieval, vivia uma senhora que não tinha nada mais a fazer do que espiar as experiências do napolitano: chamava-se a mulher Javanela. Viu como êle conseguiu fabricar uma pasta de trigo, como cozinhou-a e como comeu-a com satisfação. Devia ser deliciosa! Experimentou também fazer um pouco e conseguiu-o.

Por coincidência, o marido de Javanela era cozinheiro no palácio do rei Frederico. Imagina-se o resto da história: preparou «spaghetti» para o rei, foi muito elogiado e recompensado com muitas moedas de ouro. Javanela e o marido tornaram-se assim ricos e famosos.

Quando o verdadeiro inventor desceu do seu sótão para divulgar os resultados de suas experiências tôda a cidade se deliciava numa verdadeira orgia de «spaghetti». Êle foi para casa, quebrou suas máquinas e nunca mais se ouviu falar dêle. Em carne e osso, quero dizer, pois dizem que seu fantasma ainda ronda pelas vizinhanças de seu sótão. Pode ser ouvido fazendo «spaghetti», enquanto o fantasma de Javanela mistura o môlho e o demônio, em pessoa, rala o queijo. Assim dizem os napolitanos, e se quiserem verificar a veracidade dessa última parte, só viajando até Nápoles.

● Enquanto isso, o máximo que se pode fazer é tratar os «spaghetti», macarrões e o restante das massas com o respeito que sua história e seu passado requerem. Como os **ravioli**, por exemplo, que são fáceis de serem preparados. Experimente fazer você mesma a massa, como segue:

Ponha metade de uma xícara de farinha numa tábua de amassar. Faça um buraco no centro e quebre aí um ôvo; ponha uma pitada de sal, com mais uma colher, das de sopa, de água fria. Será uma boa idéia colocar o ôvo já um pouquinho batido. Tome um garfo e comece a misturar com o mesmo. Depois passe a amassar com a mão, tendo o cuidado de enfarinhar a tábua. Abra a massa muito fininha. Corte em duas, exatamente pelo meio, e deixe descansar cinco minutos. Depois ponha meia colher, das de chá de recheio, em montinhos separados uns dos outros perto de três centímetros — em tôda uma metade da massa. Cubra com a outra metade da massa, estendendo-a por cima, como um lençol. Aperte as bordas exteriores. Tome, então, um cortador de carretilha e corte tôda a massa em quadradinhos, deixando o recheio no centro. Verifique se as bordas dos quadradinhos estão bem fechadas. Deixe descansar 15 minutos ou mais. Depois, jogue os **ravioli** numa panela grande com água fervendo, e deixe que cozinhem de 10 a 15 minutos. Retire-os com uma escumadeira, escorra-os bem, e sirva-os com môlho de tomate e queijo parmezão ralado.

● Um **recheio** simples para os **ravioli**, prepara-se com uma xícara de carne de galinha cozida (pode usar também carne de vaca, de pato, ou de peru) misturada com uma colher, das de sopa, de queijo parmezão ralado, um ôvo batido, um quarto de colher, das de chá, de casca de limão ralada, uma colher, das de sopa, de manteiga, meia colher, das de chá, de salsa picadinha, e sal e pimenta a gôsto.

O "VOTO DE QUALIDADE" PÕE BELÉM EM PÉ DE GUERRA



Emissário do ministro da Guerra, o general Cordeiro de Farias partiu de Recife para Belém, em missão pacificadora. Foi, viu e pacificou. Mas sòmente a transferência do general Veríssimo, comandante da 8ª Região Militar, poderia amainar, como amainou, a tempestade.

OS ESTUDANTES DEMITIRAM O GENERAL

UM DISCURSO INFELIZ E SUAS ACESAS CONSEQÜÊNCIAS: PASSEATA DE PROTESTO, PANCADARIA, FERIDOS E REAÇÃO (A FAVOR DOS RAPAZES) DO GOVERNADOR DO PARÁ ★ EM MISSÃO DE PAZ, O GAL. CORDEIRO DE FARIAS FOI, VIU E ACALMOU.

Reportagem de PERI AUGUSTO

Fotos de ROGÉRIO MORAIS

«ESQUEMA DO INÁCIO»

General	50 votos
Coronel	30 votos
Operário	0 voto
Lavadeira	0 voto
Total	Ditadura Militar

ÊSTE CARTAZ, que os universitários paraenses apresentaram no seu tradicional «trote dos calouros», realizado no dia 24 de abril, provocou intervenção do Comandante da 8ª Região Militar. Os Soldados da Polícia do Exército, comandados pelo capitão Humberto Chaves, por ordem do general Inácio José Veríssimo, dissolveram a passeata dos estudantes. O ato de violência ocorreu diante do Palácio do Govêrno, quando ali se encontravam os manifestantes, sendo saudados pelo chefe de gabinete do governador, dr. Severino Duarte. Houve, pois, além de violência, quebra de autonomia do Estado. E por isso a capital paraense viveu horas de tumulto.

ANTECEDENTES

O Comandante da 8ª Região Militar, general Inácio José Veríssimo, pronunciando um discurso, dias antes da data do «trote», mostrara-se partidário do voto de qualidade. Acentuou, então, que seu voto não podia ser comparado ao de uma lavadeira. Tal declaração mereceu debates, não só na imprensa, mas por parte de alguns políticos, entre os quais o deputado socialista Cléo Bernardo, que escreveu longo rodapé na «Fôlha do Norte», protestando contra a idéia esposada pelo militar. Outras pessoas também se manifestaram, sem que o Comandante da 8ª Região Militar voltasse de público para defender sua tese.

Os estudantes, nas suas manifestações ruidosas de moços, como o assunto rolava pelas colunas dos jornais, aproveitaram a oportunidade para fazer sua crítica. Aliás, devemos ressaltar, raros foram os homens e figuras políticas, quer no plano nacional, quer no plano regional, que escaparam à irreverência dos universitários paraenses.

OS ESTUDANTES NA RUA

Desarmados, os estudantes paraenses não puderam reagir diante da surpreendente intervenção, limitando-se alguns a refugiar-se no Palácio do Govêrno, enquanto outros eram espaldeirados impiedosamente. Mas os estudantes, que receberam imediata solidariedade dos professôres e políticos, voltaram à rua, permanecendo em frente do Palácio, donde só se retiraram após a chegada do governador, que viajara momentos antes para o interior do Estado. Improvisaram, então, um comício, no qual vários oradores verberaram o procedimento do Comandante da 8ª Região Militar e lançaram a idéia de greve geral, até que fôsse afastado do comando o gal. Veríssimo. Nesse «meeting», em discursos inflamados, reprovaram também o procedimento dos militares os professôres Aldebaro Klautau e Otávio Meira e os deputados Cléo Bernardo e Fernando de Magalhães.

GREVE GERAL

Sòmente depois que os soldados deixaram o Largo do Palácio retiraram-se os estudantes. Por intermédio do órgão máximo da classe — União Acadêmica Paraense — foi decretada a greve geral, sendo os «furões» ameaçados de terem a cabeça raspada. A promessa foi cumprida, pois todos os estabelecimentos de ensino superior cerraram suas portas, cobrindo-se com faixas pretas, para simbolizar o luto. Ao movimento aderiram todos os colegas secundaristas. Seguiram-se outras manifestações de solidariedade oficiais, como do Governador



Defronte ao Palácio do Govêrno, na capital do Estado do Pará, quando o incidente atingia o seu «climax», soldados da PE do Exército surgiram de metralhadora em punho. Mas, mesmo assim, os estudantes não arredaram o pé.



O acadêmico de Direito Otávio Simões, oficial de gabinete do governador Zacarias de Assunção, foi um dos mais duramente atingidos no conflito de Belém. O governador ficou do seu lado e dos estudantes em geral.



Um estudante, que participara do desfile, é levado prêso por um soldado da Polícia Especial do Exército. Até o presidente da Ordem dos Advogados do Estado nordestino foi envolvido no lamentável conflito, sendo atingido.

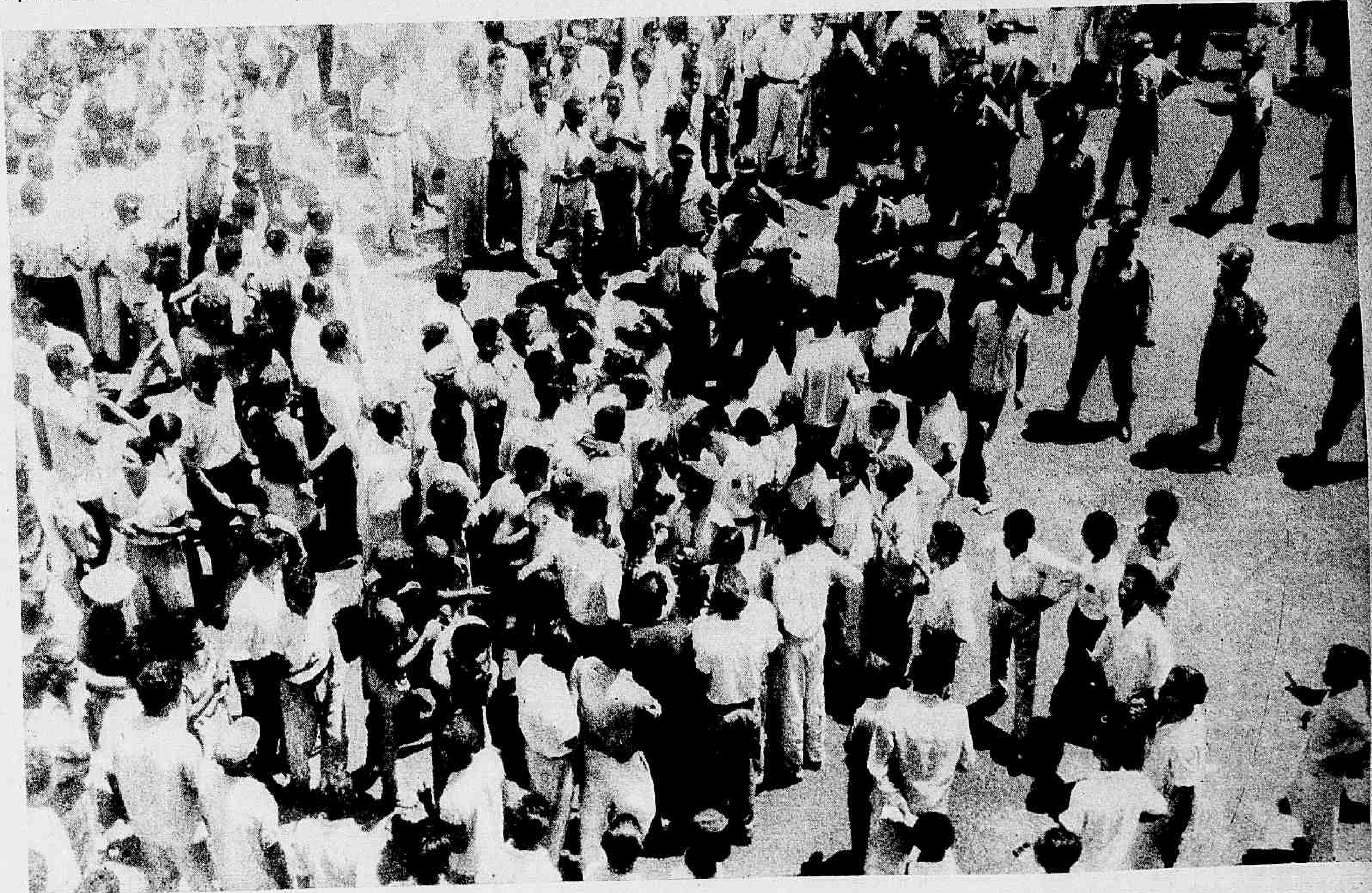
do Estado, da Câmara Municipal, da União Geral dos Trabalhadores, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, etc. Universitários e autoridades, em seguida, dirigiram-se às mais altas autoridades do país, inclusive ao Presidente da República e ao Ministro da Guerra, solicitando o afastamento do Comandante da 8ª Região Militar.

EM BELÉM O COMANDANTE DA ZONA NORTE

Após cinco dias de «parede», como também uma greve simbólica dos operários e marítimos, que quinta-feira última pararam por três minutos os seus trabalhos, chegou a Belém o general Cordeiro de Faria, comandante da Zona Norte, que superintende os comandos da 7ª, 8ª e 10ª Regiões, o qual recebeu instruções do Ministro da Guerra para apurar as ocorrências. O Governador do Estado, por outro lado, mandou abrir rigoroso inquérito, a fim de punir os que espancaram os universitários. Durante sua permanência nesta Capital, o gal. Cordeiro de Faria tem conferenciado com as autoridades, estudantes e testemunhas oculares. Falando à imprensa, declarou que o seu papel, por enquanto, era «ver e ouvir».

SAIRÁ O GENERAL VERÍSSIMO

Tem-se como certa, por êsses dias, a saída do general Inácio José Veríssimo do comando da 8ª Região Militar. Isto porque, dia 22, dois dias antes das manifestações, o mesmo militar tinha sido promovido a general de divisão e designado para ocupar outra missão em Curitiba. Persistem, porém, os estudantes no propósito de só retornarem às aulas quando daqui se ausentar o gal. Veríssimo. Êste, por sua vez, declarou à imprensa que só se retirará de Belém após a conclusão do relatório, sôbre seu comando na 8ª Região Militar, que será apresentado ao Ministro da Guerra. Continua, portanto, até o presente momento, êsse ambiente de expectativa, que poderá ser ainda tumultuado diante das decisões posteriores.



Minutos após o incidente, a Polícia do Exército ocupou o Largo do Palácio. O Governador Zacarias de Assunção, que se encontrava no interior do Estado, ao saber dos acontecimentos voltou imediatamente. E sua 1ª atitude foi protestar junto ao governo federal a agressão.

INFORMAÇÃO — BASE DE SUCESSO

● O homem de negócios moderno, seja qual fôr sua atividade precisa estar, acima de tudo, bem informado.

Das pesquisas, dos estudos que levam a um conhecimento total de seu campo de ação, depende a possibilidade de sucesso.

Feita para bem informar o homem de negócios, a revista **PN** condensa em suas páginas matéria de grande utilidade, apresentada de maneira prática e eficiente, através de depoimentos, estudos, noticiário e reportagens.

O Senhor, que precisa acompanhar de perto os principais acontecimentos de ordem econômica, ficando em dia com os assuntos de Vendas, Mercados, Propaganda, Imprensa, Rádio e TV, verá que a leitura permanente de **PN** lhe será especialmente útil.

Comece a receber **PN** a partir de sua próxima edição, bastando para isto preencher o cupom abaixo. A assinatura de **PN** inclui, sem qualquer ônus, o Anuário de Imprensa, o Anuário do Rádio e o Anuário de Publicidade.

À
Emprêsa Jornalística **PN** S/A.
Av. Rio Branco, 117 — 3º andar — sala 323
Distrito Federal

Desejo receber quinzenalmente a revista **PN** bem como os três Anuários, na época de sua circulação, para o que estou anexando em cheque (Vale Postal) a importância de

Cr$ 200,00 para um ano
Cr$ 350,00 para dois anos (economizando Cr$ 50,00)
Cr$ 500,00 para três anos (economizando Cr$ 100,00)

Nome ....

Endereço ....

Cidade .... Estado ....

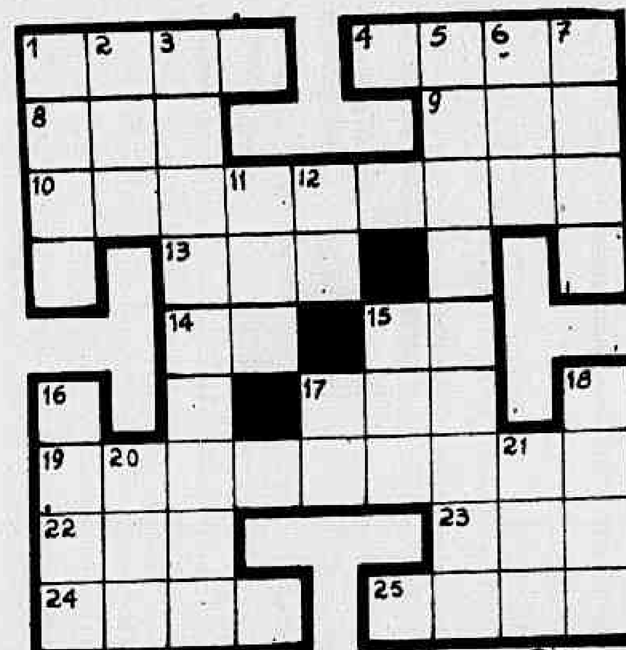
Assinatura ....

PN — A REVISTA DOS QUE PRECISAM ESTAR BEM INFORMADOS

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 15

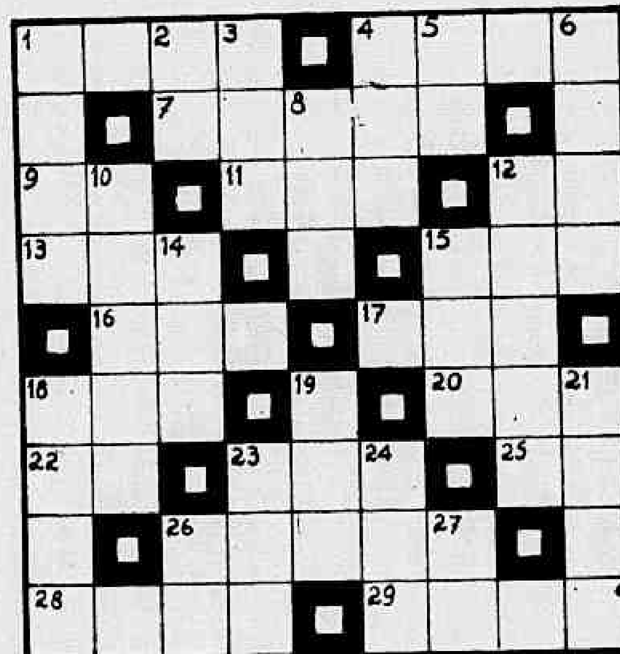
PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Bicho de môsca — 4. Voz do corvo — 8. Cáchaça — 9. Herdade delimitada por marcos — 10. Tratado dos medicamentos — 13. Espécie de concha bivalve — 14. Crédito — 15. Preposição — 17. Faça discursos — 19. Incumbência — 22. Designação genérica dos vegetais — 23. Análogo — 24. Sensações que precedem o ataque epilético — 25. Permanece.

Verticais: — 1. Alimpadura do arroz — 2. Fútil — 3. Subdividir — 4. Disciplina — 6. Nome de homem — 7. Convir — 11. Sufixo diminuitivo pejorativo — 12. Velo — 15. Interjeição exprimindo espanto, surprêsa, alegria ou mofa, entre os índios e caboclos do Amazonas — 16. Cidade santa dos muçulmanos — 17. Rio da Sibéria — 18. Caminho entre montanhas — 20. Embarcação — 21. Entregar.

PARA PRINCIPIANTES



Horizontais: — 1. Verbal — 4. Temor — 7. Impelir com os remos — 9. Isolado — 11. Sorriu — 12. Basta! — 13. Reza — 15. Possuir — 17. O espaço de vinte quatro horas — 17. Preposição indicativa de falta, privação — 18. Bases — 20. Trinta dias — 22. Preposição — 23. Quer bem — 25. Bátráquio — 26. Praça de taba — 28. Não acerta — 29. Medida de uma superfície.

Verticais: — 1. Qualquer parte do esqueléto — 2. Brisa — 3. Estudar — 4. Perverso — 5. Símbolo do érbio — 6. Discursar — 8. Um milhar — 10. Boa disposição; disciplina — 12. Recear — 14. Gemidos — 15. Possui — 18. Solicita — 19. Única — 21. Cura — 23. Mau cheiro — 24. Lavra — 26. Sufixo designativo de agente — 27. Atmosfera.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 14

PARA VETERANOS

Horizontais: — **párergo** — **mera** — **uauá** — **mó** — **atril** — **rã** — **ala** — **ouripel** — **lama** — **mazela** — **amo** — **mil** — **gorara** — **aatá** — **nuanças** — **rum** — **or** — **tarar** — **da** — **ácer** — **mago** — **asarona.**

Verticais: — **pé** — **Ara** — **rato** — **ruíram** — **galízia** — **ou** — **mola** — **arel** — **maligno** — **Rum** — **alabama** — **amara** — **pelar** — **amantes** — **orçara** — **oura** — **Aar** — **tudo** — **samo** — **Ran** — **cá** — **Ga.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **apelido** — **amar** — **rirá** — **mar** — **Ana** — **ar** — **caa** — **al** — **guardam** — **mu** — **ita** — **em** — **ira** — **uno** — **aatá** — **rata** — **rasteio.**

Verticais: — **amargurar** — **par** — **Er** — **ir** — **dia** — **ornamento** — **ama** — **aal** — **Marte** — **cai** — **Ada** — **mia** — **moa** — **ata** — **uai** — **ás** — **ré.**

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME ....
RUA .... Nº. .....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

RESPOSTA AO TESTE DA PÁGINA 42

1 — Leopoldo Stokowski ★ 2 — Henrique ★ 3 — No Museu de Viena ★ 4 — Londres ★ 5 — Pará ★ 6 — 376 ★ 7 — 187 ★ 8 — Estados Unidos (No Kentucky, com as dimensões de um elevador para 5 pessoas) ★ 9 — Não se apurou ainda ★ 10 — Quando inaugurou a primeira estrada de ferro (a Mauá) ★ 11 — 1.100.000 ★ 12 — Uruçumirim ★ 13 — 1567 (chamava-se então S. Januário ★ 14 — Espírito Santo (Reritiba) ★ 15 — Do chafariz inaugurado no século XVII.



Desde o caso Samuel Wainer, Raul Brunini [illegible] apresentações [illegible] microfone [illegible]. Este, por sua vez, diante da atuação do exclusivo da PRE-3, não teve dúvidas [illegible] U.D.N. [illegible] pelo Dist. Federal

RAUL BRUNINI candidato de CARLOS LACERDA

O paulista de Rio Claro e seu ingresso no "broadcasting" brasileiro ★ Das pontinhas de teatro cego aos jornais falados da emissora associada ★ O contrato na Rádio Globo e as gargalhadas em "Conversa em Família" ★ Quando um médico vira polícia e um locutor encara, com seriedade, o sem fio.

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

OS conservadores, ao saberem Raul Brunini candidato a vereador pela União Democrática Nacional, assegurarão que foi o vício do cachimbo... Tanto lidou com a política — dirão êles — que acabou envolvido pela dita cuja...

A massa, porém, talvez não siga o mesmo pensamento. E' bem possível que se divida entre os que acham que o candidato, como tantos outros, deseja comer um pouquinho dos cofres municipais, e os que, reconhecidos ao trabalho que Brunini tem prestado às classes menos favorecidas, afirmam que o companheiro de Carlos Lacerda vai utilizar a tribuna para combater o que não lhe é possível fazer por intermédio do microfone.

Mas, no final da história, a verdade é muito outra. O responsável pelo programa «Com a bôca no mundo», diante de sua linha combativa e sua irrepreensível conduta, passou a ser olhado pelo jornalista Carlos Lacerda como um dêsses elementos de que o diretor da «Tribuna da Imprensa» tanto necessita para sua campanha de moralização. Por isso, quando a U.D.N. levou a efeito a escolha daqueles que deverão ser sufragados no próximo pleito, Carlos Lacerda não teve dúvidas em apresentar o nome do paulista de Rio Claro. Dúvidas, por sua vez, não tiveram os mentores do grêmio do Brigadeiro. Daí, passar Raul Brunini a figurar como um dos candidatos a uma cadeira na «Gaiola de Ouro».

MAS QUEM E' RAUL BRUNINI?

Êle nasceu na cidade paulista de Rio Claro, sendo

RAUL BRUNINI CANDIDATO DE...

o sétimo de oito irmãos. Um, aliás, está à frente dos destinos da Rádio Globo. Outro, exerce funções de relêvo no próprio jornal da rua do Lavradio. Raul Brunini, porém, levado pelo seu arrebatamento e pela facilidade com que explora qualquer assunto, deixou-se atrair pelo microfone. Ali mesmo, em sua cidadezinha natal, o exclusivo da PRE-3 começou a exercitar seus pendores radiofônicos. Principiou, por sinal, trabalhando ao lado da locutora Lúcia Helena com quem, nas horas difíceis, contracenava nos espetáculos de teatro-cego da emissora de Rio Claro. Da cidade paulista, Brunini veio tentar o «broadcasting» guanabarino. Veio sòzinho. Não trouxe nenhuma carta de recomendação. Não utilizou o prestígio do chefe político local. Chegou, conforme se diz na gíria, com a cara e a coragem. Com essas venceu, uma vez que a Rádio Tupi interessou-se pelo seu concurso, contratando-o para a apresentação dos jornais falados.

Raul Brunini pegou o «abacaxi» porque, nessa época atravessávamos o período tremendo da guerra, quando os responsáveis por essas transmissões, na possibilidade de um «furo» imediato, dormiam na própria estação. Nessa situação, o candidato a vereador permaneceu por tôda a fase do conflito.

DOS JORNAIS FALADOS ÀS REPORTAGENS

No transcurso das transmissões de cunho jornalístico, Raul Brunini foi aproveitado para comandar grandes programas. Assim, confiaram-lhe os «Instantâneos Sinfônicos Schenley», programa que trazia a assinatura dêsse notável Pedro Bloch e que contava com a participação de figuras destacadas da música.

Mas o nosso reportado queria alçar vôo. Seu arrebatamento impulsionava-o para o contato direto com o grande público. Assim, tivemo-lo dirigindo a melhor fase de «Agüente as conseqüências», quando Brunini demonstrou qualidades que, mais tarde, serviriam para colocá-lo em situação privilegiada no «broadcasting» nacional. E' que êle não se deixou prender à condução rotineira dêsse programa. Desligando-se da velha praxe, Brunini deu colorido diferente a «Agüente as conseqüências», atraindo a atenção da própria elite para êsse cartaz da PRE-3.

Prosseguindo, Raul Brunini transferiu-se para a Globo que, a essa altura, estava voltada para a música internacional, através da apresentação dos maiores artistas estrangeiros. Deram-lhe a incumbência de tomar conta dêsses famosos «astros». Coube-lhe trazer à presença do público desta Sebastinópolis, entre outros, Carlos Ramirez, Beniamino Gigli, Carlo Butti, Martha Eggerth, Ima Sumac, Xavier Cugat, Libertad Lamarque e Tito Guizar.

Um dia, porém, a PRE-3 resolveu mudar de estilo. Dos cantores internacionais voltou-se para as reportagens. Um nome foi lembrado para comandar êsse importante setor da estação dos 1.180 kcs.: Raul Brunini.

UMA TRIBUNA EM DEFESA DOS PEQUENOS

No «cast» da PRE-3, nosso focalizado não pôde escapar à turma da «Conversa em família» que, nessa ocasião era composta de Urbano Lóes, Rubens Amaral, Sérgio de Oliveira, Leonardo Kurt e Sagramor de Scuvero. Tornou-se, aliás, o mais bem humorado da família, merecendo de Miguel Gustavo o acróstico, em que êste explica a razão das gargalhadas de Brunini no decorrer do programa. Diz o marido de Sagramor:

Raspa as palavras. Dobra os «erres». Vibra
Anunciando produtos em manchete.
Utiliza pregões. Irradia basquete.
Lê com vontade e nunca perde a fibra.

Brinca em tôda «Conversa». Deixa doida a gente.
Ri, e o Rubens que zangue e a Rosa que agüente.
Um dia, advertido, explicou sèriamente:
Nascido e batizado há muito em Rio Claro,
Inda penso lá estar, e por isso não paro,
Na esquina de um sorriso, e por isso, estridente,
Inspirado e feliz, eu Rio Claramente...

Nessa altura, o candidato a vereador já se tornara amigo de um grande do «broadcasting» brasileiro: Amaral Gurgel. Fizeram bruta camaradagem. Trocaram ótimas idéias. Acabaram por idealizar um programa que, através de sua linha de apresentação, se tornou uma autêntica tribuna em defesa dos espoliados e um ferrete contra os prepotentes e desonestos. Referimo-nos a «Com a bôca no mundo», que a Globo transmite tôdas as segundas-feiras, às 21 horas e 35 minutos.

OS «ABACAXIS» DE UMA CARREIRA

«Com a bôca no mundo» vieram os inconvenientes de dizer as verdades e defender os humildes. Brunini passou a ser olhado como um ídolo pelos espoliados e como inimigo pelos que sofriam seu combate. Nada porém o atemoriza na preservação dos direitos de quem quer que seja. Por isso, quando aquêle médico da agência do IAPETEC, vendo Brunini de máquina de gravar, tentou embargar-lhe os passos, ameaçando-o de prisão, o exclusivo da PRE-3 prosseguiu em seu trabalho. Era preciso apurar a gravíssima denúncia que lhe chegara às mãos. E, com prisão ou sem ela, Brunini não voltaria atrás em seus propósitos, como não voltou, embora fôsse levado à presença do diretor-médico. Felizmente, espírito mais arejado, aquêle não se opôs ao trabalho do repórter da Globo.

Como o caso que narramos, outros tantos têm acontecido na carreira do jovem de Rio Claro. Êle, porém, não se dá por vencido. Vai tocando p'ra frente, como naquela reportagem feita por ocasião do julgamento dos ranchos e blocos, em que mereceu do diretor do Departamento de Turismo, palavras ásperas, em virtude de se manter ao lado da verdade. O senhor Alfredo Pessoa, irritado pelas perguntas de Raul Brunini, não hesitou em chamá-lo de «agitador», sendo sepelido. (Cont. na pág. 42)



Nas favelas, nos ambulatórios, nos gabinetes intransponíveis, nas repartições públicas, o trabalho de Raul Brunini se tem feito sentir em defesa dos interesses coletivos. Onde o povo não pode chegar, lá se encontra o candidato da UDN a defender o povo.



Numa das muitas entrevistas de Ademar de Barros, Raul Brunini compareceu, a fim de auscultar a opinião do ex-governador paulista, no tocante a diferentes problemas nacionais. Neste flagrante, algo de proveitoso parece estar escrevendo Ademar de Barros, haja visto o sorriso de Brunini.



Um dos mais combativos parlamentares, o deputado Castilho Cabral (em cima), não escapou às perguntas terríveis de Raul Brunini. E o trabalho dêsse ilustre deputado mereceu a divulgação que se tornava necessária, graças ao espírito dinâmico de Brunini. No transcurso da administração Cabello, o vibrante locutor da Globo estêve sempre a postos. Assim, qualquer reunião de que participasse o antigo mentor da COFAP, lá estava Brunini atento e dedicado



Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade inconfestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

Contra dôres

CAFIASPIRINA

BAYER

O remedio de confiança

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Qual foi o grande regente de orquestra que figurou ao lado de Deanna Durbin no filme «Cem Homens e Uma Menina»:**

— Leopoldo Stokowsk? — José Siqueira? — Stravinsky?

2 **O nome Ari é variante de:**

— Arimatéia? — Henrique? — Guatari?

3 **Onde se encontra o mais fino, original e valioso tapête do mundo:**

— No Vaticano? — No Museu de Viena? — No Palácio do Sultão de Marrocos?

4 **Qual a cidade da Europa que possui o maior jornal daquele continente:**

— Paris? — Berlim? — Londres?

5 **Em que Estado se acha a Estrada de Ferro Tocantins:**

— Mato Grosso? — Goiás? — Pará?

6 **A quantos quilômetros de distância está a cidade de Teófilo Otoni, da Ponta da Areia, início da E. F. Bahia-Minas:**

— 645? — 376? — 498?

7 **Quantos metros de comprimento tem a basílica de S. Pedro, em Roma:**

— 187? — 274? — 130?

8 **Em que país se acha a menor igreja do mundo:**

— Espanha? — Brasil? — Estados Unidos?

9 **Qual o autor do canto sacro «Te Deum»:**

— O monje Sisebuto? — Santo Agostinho? — Ou não se apurou ainda?

10 **Em que ocasião Irineu Evangelista de Sousa recebeu do Imperador Pedro II o título de Barão de Mauá:**

— Quando fundou o Banco do Brasil? — Quando inaugurou a primeira estrada de ferro? — Durante a guerra do Paraguai?

11 **Qual a área da ilha de Paquetá em metros quadrados:**

— 1 100 000? — 3 milhões? — 2 e meio milhões?

12 **Qual o nome indígena da atual praia do Flamengo:**

— Paranapuã? — Uruçumirim? — Itapiru?

13 **Em que ano Mem de Sá transferiu os fundamentos do Rio para o antigo morro do Castelo:**

— 1587? — 1601? — 1567?

14 **Em que ponto do Brasil morreu o padre José de Anchieta:**

— S. Paulo? — Distrito Federal? — Espírito Santo?

15 **De onde se originou o nome de Largo da Carioca:**

— De uma índia ali residente? — Do chafariz inaugurado em fins do século XVII? De uma lagoa dêsse nome?

(Respostas na página 38)

CLASSIFICAÇÃO:

Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — selvagem.
De 4 a 6: cultura média — estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RAUL BRUNINI CANDIDATO...

(conclusão da pág. 42)

Também nas reportagens, êle tem provado amargos frutos. Num desastre ferroviário, ocorrido na estação do Meyer, coube-lhe a tarefa de fazer a cobertura. Espírito audacioso, Brunini procurou dar o máximo de suas possibilidades, trazendo o público-ouvinte a par do grave acontecimento. Terminado o serviço, quando de regresso em seu carro de passeio, êste apresentou pequeno defeito, levando o locutor a examiná-lo. Nessa ocasião, como um raio, um auto-lotação atira Raul Brunini à distância, escapando em seguida. Êsse acidente, conforme é do conhecimento geral, quase lhe custou a vida.

PARA UM GRANDE OPOSICIONISTA, UM GRANDE LOCUTOR

Integrada no gênero reportagens, a Rádio Globo passou a interessar-se pelos grandes acontecimentos nacionais e estrangeiros. Em Raul Brunini, Rubens Amaral, José Maria, Otávio Name e outros, ela encontrou os elementos indicados para êsse serviço que, sob a chefia de Alves Pinheiro, a elevaram no conceito público e no aprêço da crônica especializada.

Dentro dêsse espírito de reportagens, a estação de Roberto Marinho, quando da campanha de moralização nacional no célebre «afaire» Samuel Wainer, não hesitou em colocar seus microfones à disposição de Carlos Lacerda, a fim de que êste, por intermédio do rádio, levasse a todos os recantos do país, tôda a imundicie existente em tôrno dêsse escabroso fato. E, para essas apresentações do diretor da «Tribuna da Imprensa» ao microfone PRÉ-3, foi escolhido Raul Brunini. Escolha que, até o presente momento, é mantida. Escolha que serviu para a indicação de Raul Brunini, na chapa dos representantes da UDN, à vereança carioca.

Encarando o rádio sèriamente, o moço de Rio Claro não o vê apenas como elemento de diversão e de instrução, mas, também, como veículo de esclarecimento público, auxiliando o povo nas suas dificuldades. À custa de muito esfôrço, Brunini conseguiu transformar-se em intermediário entre a massa e as autoridades na solução de seus vários problemas. Dificilmente conseguindo chegar até os gabinetes intransponíveis das autoridades, ávido de justiça e reconhecimento pelos seus direitos, obstado por tôda a sorte de burocracia, encontrou o povo simples desta Sebastianópolis, em Raul Brunini, o seu ponto de apoio. Nesse trabalho, aliás, Carlos Lacerda e a União Democrática Nacional encontraram o indispensável para apresentar à população carioca o nome de Raul Brunini como candidato a uma cadeira na Câmara Legislativa do Distrito Federal.



O LÓIDE AÉREO E O BRASIL KENNEL CLUB

● Continuando sua efetiva colaboração com o Brasil Kennel Club, vem o LÓIDE AÉREO transportando os expositores e seus cães, os quais tomarão parte nas Exposições Estaduais, já programadas. Em 2 do corrente, realizou-se a de Belo Horizonte, sendo o flagrante acima tomado quando do embarque do sr. Gilson Macedo Soares, Diretor Social do Brasil Kennel Club, o qual, juntamente com diversos expositores, embarcou no Rio em avião do LÓIDE, com destino àquela cidade.





«O amor não prejudica a bailarina. Do ponto de vista moral, isso depende do marido».



PIN... G-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PIN

ZANY ROXO NA PONTA DOS PÉS

Reportagem de ARMANDO PINTO ★ Fotos de HÉLIO SANTOS

DE COMO NUMA CONVERSA DE PERGUNTA E RESPOSTA SE PODE FALAR DE «BALLET», DA CEXIM, DO AMOR, DO BEIJO, DA BOMBA ATÔMICA, DO SERVIÇO METEREOLÓGICO E DA FALTA DÁGUA.

● Zany Roxo, bailarina, fêz parte do Corpo de Baile do Teatro Municipal. Voltou recentemente da Europa, onde fêz curso de «ballet» em Londres no «Ballet Legat» e de arte dramática em Paris. Trabalhou num conjunto de comédia, canto e «ballet» em Paris e recusou ofertas para trabalhar no cinema e teatro italiano por ter de regressar ao Brasil, onde pretende fazer carreira artística. Espera entrar para o cinema ou teatro, dedicando-se, portanto, menos à dança. 18 anos de idade. O resto vai contado, nestas páginas, em prosa e fotos.

PING — Onde e com quem estudou «ballet»?

PONG — Tive diversos professôres. Comecei estudando com Vaslav Veltcheck e depois com Tatiana Leskova, Marila Gremo, Consuelo Rios e Madeleine Rosay. Quando estive na Europa estudei com Preobagenska e Madame Nora.

PING — Quando usou seu primeiro sapato de ponta?

PONG — Aos onze anos de idade. Antes, entretanto, já tentava a ponta com tamancos...

PING — Onde dançou na Europa?

PONG — Em Londres dancei no corpo de baile do «Ballet Legat», em Assembly Hall Theatre e Tunbridge Wells. Em Paris, dediquei-me à arte dramática, como um complemento essencial para a dança.

PING — E' fácil adquirir sapatos de «ballet»?

PONG — Os melhores sapatos de «ballet» são os americanos. Logo, para adquiri-los dependemos diretamente do sr. Osvaldo Aranha. Se existem cambiais em baixa categoria os sapatos americanos não são raros. Entretanto desconheço a categoria em que a CACEX colocou os sapatos de bailarinas. Naturalmente, como se trata de objeto exclusivamente artístico, o Govêrno deve tê-lo colocado na 5ª categoria, com o dólar a cento e cinqüenta cruzeiros...

PING — Qual a melhor platéia do mundo em sua opinião?

PONG — Considero os inglêses os mais exigentes; os franceses e os italianos os mais entusiasmados.

PING — Que acha você da platéia do Teatro Municipal?

PONG — E' uma platéia que procura sempre incentivar os artistas.

PING — Acha que a Escola de Dança do Teatro Municipal tem competência para formar boas bailarinas?

PONG — Os meus professôres foram ótimos. Prova isso o bom êxito que obtive como estudante em Londres e Paris. Logo, creio que a Escola de Dança tem tôdas as possibilidades para fazer excelentes bailarinas.

PING — O amor prejudica a forma da bailarina?

PONG — Do ponto de vista físico nem sempre o amor prejudica a bailarina. Alícia Alonso, por exemplo é casada, tem uma filha e mantém a sua forma física. Do ponto de vista moral, isto depende exclusivamente do marido...

PING — Gostaria de se casar com um bailarino?

PONG — Depende do bailarino...

PING — Já amou um bailarino? Êle é um homem igual aos outros?

PONG — Nunca amei um bailarino. Entretanto, como dançarina, nos momentos que dedico-me à arte considero-o superior aos outors homens.



«Casar com um bailarino? Depende do bailarino...»



«Estudei em Londres e Paris. Não consegui «visto» para a Rússia».



AS MÃOS DE ZANY: poesia e sonho de movimentos.

PING — Qual o seu «ballet» preferido — o clássico ou o expressionista?

PONG — Dancei mais vêzes o ballet clássico; logo é natural que tenha pelo clássico um carinho todo especial e pelo expressionista uma grande admiração.

PING — Qual a sua impressão sôbre o «ballet» inglês?

PONG — Em geral o corpo de baile do «ballet» inglês é muito homogêneo, destacando-se do ponto de vista artístico o elemento russo, como, por exemplo, Ulanova. O repertório inglês — mais inclinado ao clássico — é variado o que não impede sejam repetidos sempre os mesmos programas.

PING — E sôbre o francês?

PONG — E' um «ballet» que permite aos seus componentes manterem sempre a sua personalidade individual, ao contrário do inglês. Assim, cada bailarina dá à interpretação uma forma própria e diversa, sem prejudicar o conjunto.

PING — E sôbre o russo?

PONG — Não posso dar minha opinião porque não consegui «visto» em meu passaporte para ir aos países da «cortina de ferro».

PING — Assistiu aos espetáculos do Teatro Folclórico Brasileiro em Londres?

PONG — Sim, assisti a vários espetáculos. Emocionei-me vivamente com o sucesso alcançado pelos nossos patrícios.

PING — Gosta do ballet de Katterine Dunhan?

PONG — Admiro imensamente o «ballet» folclórico de Katterine e sinto-me orgulhosa por saber integrar o seu conjunto o nosso Vadico, como pianista e maestro.

PING — E' contra a «ponta»?

PONG — Nem sempre... No Jóquei só jogo na ponta...

PING — Gostaria de dançar o «Tico-tico no fubá»?

PONG — Sim, nas «pontas», de tamanco, sôbre o milho...

PING — O que você prefere: um grande sucesso na carreira artística ou casar-se com Ali Khan?

PONG — A carreira artística é o caminho mais curto para se chegar (ou obter) o famoso príncipe e, conseqüentemente, a fama e o divórcio...

PING — Onde passa as manhãs: na praia ou nos ensaios?

PONG — Isto depende do Boletim do Serviço Metereológico. Se anunciar bom tempo, preparo a minha malha... Se anunciar chuva, preparo o meu «maillot»...

PING — Acha que o beijo no «ballet» deve ser real?

PONG — Acho que o beijo deve ser sempre real...

PING — Que acha do amor?

PONG — «Amar foi minha ruína...»

PING — Que acha do trânsito do Rio?

PONG — Inteiramente surrealista... Parece que neste setor nossa «estrêla» não tem brilhado muito...

PING — Qual a sua impressão sôbre os políticos brasileiros?

PONG — Ainda não sou eleitora... Estou tirando meu título... Logo, não devo dar minha opinião.

PING — E, falando em política, qual o seu regime preferido?

PONG — O regime alimentar...

PING — Que acha da Bomba Atômica?

PONG — Acho que a Bomba Atômica, se lançada sôbre a Cidade Maravilhosa não faria mais buracos nas ruas do que a Prefeitura do Distrito Federal...

PING — Como você enfrenta a falta dágua?

PONG — Engolindo em sêco...

PING — E a falta de luz?

PONG — Ficando no escuro...







OS PÉS DA BAILARINA SUSTENTAM TODO UM MUNDO DE EMOÇÕES E ENCANTAMENTO. ZANY É A PRÓPRIA DANÇA.



O PAPAGAIO OUVE A ÚLTIMA DO «BALLET»

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 22 E 28 DE MAIO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O leitor continuará a ter boas oportunidades nos negócios e ótima ambiência na vida doméstica. Conseguirá novas e boas relações de amizade e o interêsse de pessoas influentes para suas pretensões.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Os três primeiros dias da nova semana não lhe serão favoráveis. Os restantes, porém, lhe abrirão um clima salutar em todos os setores de suas atividades. Os dias 27 e 29 serão os mais pródigos em influxos harmônicos.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Tôdas as restrições lhe são feitas no terreno das especulações e dos chamados negócios de ocasião. Não aceite ofertas tentadoras. Há sério perigo de funestos enganos, notadamente nos dias 22, 26 e 28.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não se apaixone pelo assunto do dia e evite, na próxima semana, entre 22 e 28 do corrente, discussões de natureza política ou doutrinária. Sua liberdade está ameaçada. Sua **tendência será para o exagêro.** Contenha-se.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — A semana, no seu caso, não se presta para a assinatura de contratos, emissão de títulos ou concessão de crédito. Sua posição é a de quem está a pique de ser ludibriado, de sofrer um abuso de confiança.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Sua posição sob o ponto de vista astrológico vai melhorar bastante, nos próximos sete dias. Sua inteligência e seu raciocínio estarão aguçados e lhe mostrarão com a necessária clareza, a orientação conveniente. Não se aconselhe. Siga a sua **própria opinião.**

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não saia do habitual e fuja das originalidades. No seu caso persistem, em parte, os influxos desfavoráveis da semana anterior. Os piores dias, para qualquer iniciativa, serão 24 e 28. Nos dias 23, 25 e 27, poderá conseguir alguma coisa.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — O ambiente favorável da semana finda, quanto aos negócios, não se modificará. Os melhores dias para as iniciativas que desejar tomar, serão 23, 24, 27 e 28. Os dias 22 e 26 serão mediocres e nefasto o dia 25.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O novo período será excelente para viagem a negócio ou em propaganda comercial. Não se prestará, porém, para excursões, caça ou para esporte. Na medida do possível evite tôda e qualquer violência, tanto nas ações como nas palavras.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O período anterior lhe foi favorável. O novo será bem melhor. Seu ambiente será de euforia, de exaltação, de veemência. Seu magnetismo pessoal estará em ótima forma. Poderá sugestionar e convencer. Imponha seu prêço nos negócios e sua opinião no seu meio.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Os astros não lhe prometem um ambiente propício a grandes atividades. Seja modesto na semana entrante. Não alimente grandes ambições, evitando, dêsse modo, uma desilusão acabrunhadora.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Sòmente os dias 23 e 26 serão desfavoráveis, no seu caso, aos negócios já em andamento. A situação será boa em relação aos negócios novos, às suas iniciativas, ao que desejar empreender. O ambiente astral favorecerá as novidades.

OS NOMES DA SEMANA

Maio,	22	—	Danton	—	Elídia
"	23	—	Clóvis	—	Hortência
"	24	—	Marcélio	—	Eunice
"	25	—	Roberval	—	Júnia
"	26	—	Rui	—	Cecília
"	27	—	Benevenuto	—	Cacilda
"	28	—	Emídio	—	Ercília

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Maio,	22	—	0º - 50' - 58"	(Signo dos Gêmeos)
"	23	—	1º - 48' - 38"	(" " ")
"	24	—	2º - 46' - 17"	(" " ")
"	25	—	3º - 43' - 55"	(" " ")
"	26	—	4º - 41' - 32"	(" " ")
"	27	—	5º - 39' - 8"	(" " ")
"	28	—	6º - 36' - 44"	(" " ")



A Magnólia Perdida

(Conclusão da pág. 30)

nìtidamente as batidas. De repente, na janela, as pancadas de novo fortes e aflitas. Abriu as venezianas: a escuridão parecia uma tela negra encostada à vidraça. Pôs-se a aindar. Agora, na outra janela, a mensagem da aflição. Não atendeu. Que era aquilo? Passos, sim! Alguém andava no escritório. De quem seriam aquêles passos? Apertou as mãos, uma na outra, para não sentir o tremor que principiava a dominá-las. De novo os passos, naquela cadência frouxa, enervante. Rebrilhou a luz das lâmpadas nas primeiras gotas surgidas na testa descorada. Enguliu saliva, marchou resoluto para o escritório, atravessando o vestíbulo. Parou diante da porta; sùbitamente, escancarou-a. Acendeu a luz. Ninguém. Tudo em seu lugar: móveis e objetos. Pareceu a Rubens que êles se tinham imobilizado instantâneamente, que eram cúmplices daqueles passos terríveis. Retirou-se, deixando a luz acesa. Uma descarga elétrica percorreu-lhe o corpo.

Imaginou sair de casa, mas o que fêz foi andar pela sala, num vaivém agitado. Romperam os primeiros acordes, juntaram-se outros: êle reconheceu a valsa preferida da espôsa. Parou no meio da sala, estarrecido. Sentiu-se incapaz de ir ao salão de música. Suas mãos úmidas esfriavam. O corte sêco da valsa assustou-lhe o coração.

Horrorizou-se com o silêncio; olhos e ouvidos perscrutavam o minuto seguinte de terror, quando a voz rouca e viscosa se espalhou:

— Rubens... você me matou...

Tampou os ouvidos com as mãos, porém a voz rouca ecoava nos tímanos. Tremiam os dedos como instigados pelo latejar das frontes. Outra vez repercutiu na sala a acusação gutural. Não suportando o pêso do corpo, caiu de joelhos; recostou-se à parede. Da bôca vertiam humores; duas manchas violáceas rodeavam a brancura dos olhos; gotas de suor corriam pelos vincos do rosto desfigurado. Passeou o olhar esgazeado pelo silêncio da sala, pregando-o na janela. Atrás da vidraça, no fundo negro, surgiu vagarosamente o rosto de Suzana, lívido, plácido, espectral. Falava, sem que se lhe ouvisse o mais tênue murmúrio. Ali estêve o rosto, durante alguns momentos, com o seu tenebroso solilóquio; depois, deslisou pela janela, lentamente, e desapareceu.

Rubens, encolhido junto à parede, sentado sôbre uma das pernas, os braços abandonados. O olhar prêso à janela, duro, sêco, imoto. Esvaecido, dava a impressão de que a vida lhe saíra pelos olhos.

Assim o encontraram mais tarde, os empregados. Deixou-se levantar. Fixava as pessoas e as coisas como se não as visse. Começou, com esfôrço, a pronunciar uma frase, separando com hiatos as palavras:

— Matei... minha... mulher.

Depois, passou a repetir seguidamente o refrão sinistro.

Tocou o telefone.

— Sim, é ela mesma.

— Aqui é da Polícia de São Paulo. Fala o delegado de plantão. Tínhamos interêsse em saber se a senhora estava... Um momento, a senhora vai falar com seu irmão.

— Carlos, o que há? Diga-me depressa.

— Não é nada. O Rubens. Teve um ataque, ou coisa parecida. Vai ser recolhido a um sanatório. Eu sigo com Maria, imediatamente, para ver você. Não é nada, não. Tranqüilize-se. Eu juro que não é nada. Daqui a pouco estaremos aí. Até logo.

Suzana desligou. Rasgou vagarosamente o envelope, desdobrou a carta e leu:

«À Polícia.

Apurei, por meios que não interessa informar, que meu marido, Rubens Santelmo, vem tentando assassinar-me com doses de arsênico, fazendo supor a todos que eu sofro do coração. Resolvi calar e oportunamente desmascará-lo. Para resistir, tomei antídotos a princípio até descobrir que êle escondia o veneno entre as duas fôlhas de seu relógio de bôlso. Passei, então, a substituir o arsênico por sal fino.

Hoje êle preparou a dose fatal e voltou para São Paulo. Decidi vingar-me. Seguirei de automóvel e chegarei antes dêle. Eu mesma comunicarei a minha morte, falando de uma das estensões dos dois telefones que temos em casa. Poderei fracassar, embora vá armada. Se eu desapacer, procurem meu corpo, pois terei sido assassinada. Se me encontrarem morta, foi Rubens quem me matou.

Suzana Santelmo.»

Suzana acendeu o isqueiro e queimou a carta. Recolheu as cinzas negras e deixou-as cair num vaso, onde um gerânio brotava, vermelho.

FEIJÃO E SONHO

NÃO TÊM CONTA as anedotas que correm nos círculos publicitários brasileiros em tôrno de Orígenes Lessa. Dizem que fêz muita gente suar frio, e muito anunciante murchar as orelhas. Completou há pouco 25 anos de publicidade, mas nunca deixou de fazer literatura. Seus livros de maior sucesso: «O Feijão e o Sonho», «Omelete em Bombaim» e «Desintegração da Morte». Tem prontos dois livros de contos e um romance: «Rua do Sol», e está escrevendo «Poesia Popular do Nordeste». Ùltimamente voltou-se para a televisão e o teatro. Lessa é um viajante apaixonado. Só no ano passado fêz 44 viagens de avião, inclusive no estrangeiro. E por falar em viagens, eis o diálogo entre o redator desta página e o autor de «O Feijão e o Sonho»:

— Você quantos países conhece?

— Nenhum.

— Mas eu li que você já estêve em 22 ou 23...

— Isso é outra coisa. Estar não é conhecer.

— Mas não conhece pelo menos o Brasil, pelo qual tanto tem viajado ùltimamente?

— Conhecer o Brasil ainda é mais difícil do que entender as mulheres.

— Já leu a Divina Comédia?

— Qual o intelectual que se preza que, mesmo sem a ter lido, diria que não?

— Você escreve a mão ou a máquina?

— Duvido que isso possa interessar a quem quer que seja.

— Qual o cigarro que fuma?

— Não sou pago para fazer propaganda da marca.

— Dizem que você gosta de cozinhar. É verdade?

— É. E daí?

— Quais os seus pratos que têm agradado mais?

— A princípio pensei que fôsse o cuscus paulista. Depois, o vatapá. Hoje sei que posso fazer qualquer prato com o mesmo sucesso. Ninguém havia de vir à minha casa, comer à minha custa e dizer que não gostou. Pelo menos na minha frente...

— Será pela sua mania culinária que um livro seu se chama «O Feijão e o Sonho» e outro «Omelete em Bombaim»?

— Sempre que me fazem essa pergunta eu penso horrores de senhoras caras ao coração do interlocutor.

— Se lhe oferecessem a pasta do Ministério da Fazenda, você aceitaria?

— Apesar de não ter nenhuma competência para o cargo, não aceitaria. Mania de originalidade, você compreende...



Orígenes Lessa

— Você prefere louras ou morenas?

— Sou um homem sem preconceitos de raça, de côr ou de religião. Só gostaria que, louras, morenas, para cá ou para lá de morenas, as mulheres fôssem como as religiões...

— Por quê?

— Religião que se preza nunca repele o pecador que a procura.

— Se você mandasse fazer um «ex-libris» para seu uso, como o faria?

— Um livro aberto, e, erguendo-se de suas páginas, uma figura nua de mulher. E esta frase do apóstolo São Paulo: «Examinai tudo, abraçai o que é bom».

— Se você não fôsse brasileiro, que nacionalidade gostaria de ter?

— Qualquer outra. A fim de que, quando me fizessem pergunta idêntica, eu pudesse responder, opinando pelo Brasil.

— Quais as coisas que mais o entusiasmam no Brasil?

— O frevo e o jôgo do bicho.

— E o que mais o entristece?

— O futebol. Porque passou a ser um capítulo póstumo do «Porque me Ufano» de Afonso Celso.

— E por falar em Afonso Celso, isto é, em literatura, quais os poetas brasileiros de sua preferência?

— Entre os vivos? Bandeira, Drumond, Vinícius, Bopp.

— E entre os romancistas?

— Entre os vivos, Zé Lins, Jorge Amado, Raquel e Graciliano...

— Mas Graciliano...

— Está mais vivo que nunca!

— Qual o melhor conto da literatura brasileira?

— Um de Machado de Assis.

— Qual?

— Vários...

— E da literatura mundial?

— Não sei. Mas o que eu gostaria de ter escrito era «Vinte Seis e Uma», de Máximo Gorki.

— E quais os dez melhores romances da literatura mundial?

— Na literatura mundial haverá pelo menos dez vêzes dez mil romances. À média de 300 páginas por volume, ponha aí trinta milhões de páginas. Lendo a galope, dez romances por mês, digamos quinze, sem ter que trabalhar nem pensar na vida, ponha aí 120 ou 180 por ano. Já não sou criança, mas ainda não me sinto em condições de organizar o selecionado mundial... Que os Zezé Moreira da crítica respondam...

— Você confessou que não era criança. Quantos anos tem?

— Não acha a pergunta direta demais? Estou numa idade em que essa pergunta é pior do que um golpe de ar!

— Mas você parece cada vez mais moço!

— Foi quando os meus amigos começaram a dizer isso que eu percebi que estava chegando a hora da razão... É sintoma infalível de velhice parecer cada vez mais moço...

— E você ainda tem projetos?

— Se eu estou cada vez mais moço, homem! Claro que tenho! Estou com dois livros de contos a espera de editor. José Olímpio vai editar «Rua do Sol». Estou terminando uma peça. Dentro de poucos dias vai ser lançado o primeiro «long-play» de Procópio Ferreira. Dois monólogos cômicos. Um de Pedro Bloch: «Domingo num cinema de bairro», outro meu: «O Monólogo do Relógio». Espero escrever duas peças ainda êste ano.

— Mas não é trabalhar em demasia?

— Ah! Eu estou cada vez mais moço!



CIRANO DE BERGERAC

● Na sua série de Obras-primas da Literatura Universal lançaram há dias os Editôres Irmãos Pongetti uma nova edição — a sétima brasileira — de «Cirano de Bergerac», na tradução já famosa de Carlos Pôrto Carreiro da qual dizia José Veríssimo, o crítico de notório rigor, ser ela «em alguns pontos melhor que o original». Fizeram mais os editôres: imprimiram a nova tiragem sôbre papel de primeira qualidade, chamaram o artista Paez Tôrres para imaginar uma bela capa, e pediram a outro artista, Mário de Murtas, uma série de ilustrações, dentre as quais escolhemos duas para reproduzir nesta página. Referem-se elas, respectivamente, ao primeiro e ao terceiro atos da Comédia Heróica de Edmond Rostand.





RECENTEMENTE, cumprindo promessa de candidato, o governador Munhoz da Rocha estêve em Pato Branco, no sudoeste paranaense, fazendo, pessoalmente, a entrega de cêrca de 300 títulos definitivos de propriedade a pequenos colonos, alguns dos quais com posse de mais de 30 anos, apesar de todos os esforços realizados, não conseguiram que os governos anteriores lhes atendessem as legítimas reivindicações. A atitude do sr. Munhoz da Rocha veio resolver, assim, uma situação injusta e garantir os lavradores que, embora ajudando o engrandecimento do Paraná na estruturação dos meios econômicos seguros oferecidos pelas lavouras de subsistência, viviam sob a permanente ameaça de ser despejados do seu «pedaço de chão».

Mentalidade nova para enfrentar (e vencer) problemas novos

MUNHOZ DA ROCHA: "O Brasil marcou encontro no Paraná"

O GOVERNADOR DO MAIS PROGRESSISTA ESTADO DA UNIÃO DÁ CONTA DE SUAS TAREFAS, À FRENTE DO GOVERNO, CONCLAMA OS PARANAENSES PARA AS GRANDES LUTAS DO FUTURO E LASTIMA «OS COMPANHEIROS QUE NÃO PUDERAM RESISTIR À ÁRDUA E INTERMINÁVEL LUTA QUE É A VIDA PÚBLICA DEFINIDA POR COORDENADAS DE ORDEM MORAL».

Reportagem de ANTÔNIO LEMOS

O Governador Munhoz da Rocha enviou à Assembléia Legislativa do Paraná, dia 1º de maio último, por ocasião da abertura da quarta sessão ordinária da atual legislatura, a mensagem em que, obedecendo preceito constitucional, o Chefe do Executivo dá contas dos negócios do Estado aos representantes do povo paranaense.

EQUILÍBRIO FINANCEIRO

O sr. Munhoz da Rocha começa demostrando que foi mantido o equilíbrio orçamentário, tendo a receita geral do Estado atingido a Cr$ ...... 1.910.318.207,00 — sendo de Cr$ .. 1.334.331.749,10 a renda tributária e Cr$ 188.845.688,00 a renda industrial. Da despesa realizada de Cr$ .... 1.597.251.312,00 resulta o saldo contábil de Cr$ 313.066.825,00, saldo que deverá servir para o resgate das apólices recebidas em pagamento de terras devolutas no tal de Cr$ .... 226.528.000,00.

O superavit do exercício se reduz assim a Cr$ 86.538.825,00 que deverá ser aplicado na liquidação de compromissos em processamento.

Os créditos especiais autorizados pelo Poder Legislativo somaram Cr$ 320.011.322,80, dos quais foram abertos Cr$ 183.988.551,50, com uma compressão, portanto, de Cr$ .... 136.022.711,30.

ABRINDO E ASFALTANDO ESTRADAS

O programa rodoviário — prossegue o chefe do govêrno paranaense — se desenvolveu, em 1953, com a máxima intensidade, como exprime o seguinte comparativo do movimento de terra nos últimos quatro anos:

1950	2.423.000 m3
1951	3.627.000 m3
1952	5.787.000 m3
1953	7.308.000 m3

O valor das medições foi de Cr$ ... 59.754.416,00 em 1950; Cr$ .... 77.905.542,00 em 1951; Cr$ .... 76.773.091,00 em 1952; e Cr$ ...... 120.949.077,00 em 1953. O preço médio, portanto, foi de Cr$ 24,00 em 1950; Cr$ 21,00 em 1951; Cr$ 13,00 em 1952; e Cr$ 16,00 em 1953.

As pontes concluídas em 1953 medem 1.065 metros estando em andamento 1.440 metros.

Ainda em 1953 foram concluídos diversos trechos de estradas num total de 183 quilômetros em números redondos, estando em andamento outros trechos perfazendo mil e trezentos quilômetros, dos quais trezentos se acham pràticamente concluídos.

Estão em tráfego vários trechos asfaltados, e nos próximos meses deverão estar concluídos duzentos quilômetros.

Neste setor de pavimentação asfáltica, cujo programa atinge o seu máximo, cumpre observar que, seguindo uma legítima prioridade de urgência para atender a zona de produção cafeeira, o desfecho do programa intensivo, contrariando velhos hábitos brasileiros, se iniciou a uma distância de quatrocentos quilômetros da Capital.

AMPARO À PRODUÇÃO

Depois de mencionar que a recuperação das lavouras de café atingidas pela geada de julho de 1953 se tem processado de maneira espetacular, revela o sr. Munhoz da Rocha a ação permanente que o seu govêrno desenvolve junto aos ministérios da Viação, da Fazenda e da Agricultura no sentido de amparar a produção paranaense de cerais que, compensando a queda da produção cafeeira, atingirá neste ano, níveis até agora inatingidos, podendo concorrer para o barateamento da vida nas duas grandes metrópoles brasileiras.

NOVENTA MILHÕES PARA ENERGIA ELÉTRICA

Com a taxa de eletrificação que deverá êste ano render cêrca de noventa milhões de cruzeiros, a solução do problema de energia elétrica do Paraná adquiriu consistência para a realização de um programa de grande envergadura, cujo planejamento constitui um dos pontos altos do govêrno do sr. Munhoz da Rocha.

Entre os projetos de centrais geradoras, cuja execução poderá ser atacada com intensidade, destacam-se os do Capivari, Cachoeira, de 78.000 kwa., e de São João, de 7.600 kwa. A Central hidro-elétrica do Capivari-Cachoeira tinha a sua execução dificultada pela falta de recursos e pela existência de dois contratos absolutamente inconvenientes para o Estado e que incidiam sôbre a mesma obra. A Central hidro-elétrica de São João, no rio Mourão, estava sendo construída em ritmo lento, com base em projeto absolutamente incompleto, que teve de ser refeito. A Central termo-elétrica de Figueira foi projetada, tendo sido aberta concorrência pública para aquisição do seu equipamento. A essa concorrência compareceram dez emprêsas especializadas das mais categorizadas do mundo. Para apreciar as propostas apresentadas foi designada uma comissão que já concluiu seus trabalhos.

Prosseguem os trabalhos de construção da Central diesel-elétrica de Maringá de 1.500 kwa., em fase de conclusão; da Central hidro-elétrica de Caiacanga, de 246 kwa., da Central hidro-elétrica de Malet, de 100 kwa., da Central hidro-elétrica do Cavernoso. Além dêsses trabalhos, foram concluídas as novas usinas de Imbituva e de Foz do Iguaçu, de 150 e 200 kwa., respectivamente.

IMPACTO DE CRESCIMENTO

Em 1953 — revela o sr. Munhoz da Rocha — as despesas com o ensino oficial atingiram a cifra de 210 milhões de cruzeiros para atender o funcionamento de 2.208 unidades escolares, que exigem mais de 6.000 professôres. De 1940 até aqui, a população do Paraná cresceu em mais de 1.300.000 habitantes, passando os municípios que eram em número de 51 a 120 e todo o organismo do ensino sofreu o impacto dêsse crescimento, devendo o Govêrno realizar obra ciclópica para o recuperamento dos velhos índices de alfabetização do Paraná.

AMPLIADO O CAIS DE PARANAGUÁ

Para dar escoamento à crescente produção paranaense, o sr. Munhoz da Rocha não tem descurado um momento sequer da ampliação e melhoramento do pôrto de Paranaguá. Em 1953 chegou-se à fase final de construção de 500 metros de cais, obra que deverá ser completada dentro em breve, com a construção dos armazéns e demais instalações e maquinários. Atendendo às necessidades de energia elétrica do cais, está em construção a usina termo-elétrica própria, cujos geradores já se encontram em Paranaguá. Foram concluídos 6 armazéns no parque do Rocio e adquirido o estaleiro naval, que incorporou ao Pôrto a área de 11.970 m2.

TERRAS AO LAVRADOR, NÃO A PROTEGIDOS!

A certa altura de sua importante mensagem o sr. Munhoz da Rocha refere-se ao clamor dos pequenos posseiros de terras, ao assunmir o Govêrno. Demonstra, então, que a sua preocupação tem sido atender justamente a êsses pequenos lavradores, facilitando-lhes a aquisição de lotes que fazem produzir, evitando que grandes concessões anteriormente feitas a alguns protegidos, venham a ferir os direitos de um grande número. Mais adiante, afirma o sr. Munhoz da Rocha: «Despachei, recentemente, cêrca de cinco mil requerimentos que solucionaram a situação de pobres colonos e posseiros que há cinco, dez ou mais anos, ocupavam pequenos lotes sem quaisquer garantias».

CÊRCA DE SETECENTOS MILHÕES EM SERVIÇOS PÚBLICOS

A aplicação da receita em serviços de utilidade pública e industriais, compreendendo os setores de transporte, energia, edificação, água e esgotos, aparelhamento e manutenção dos portos, importou em Cr$ ...... 694.038.975,00, contra Cr$ .... 526.970.071,40 no exercício anterior.

COMBATE À TUBERCULOSE

No setor da saúde pública frisou o Governador que, seguindo diretriz traçada foi instalada na Secretaria de Saúde Pública a divisão de Profilaxia da tuberculose e programada a construção de dois hospitais sanatórios, atendendo um dos mais sérios aspectos da questão — a escassez de leitos. Pelo convênio com a Campanha Nacional de Tuberculose, foi dado início à construção do Sanatório de Londrina, com 460 leitos; outro em Curitiba, com 550. A reforma do Sanatório São Sebastião, da Lapa, e sua ampliação para mais 150 leitos, foram concretizadas, tendo sido dispendidos nessas obras dez milhões de cruzeiros. Conta o Estado presentemente, com 634 leitos, que serão aumentados para 1.584, com a conclusão dos dois novos sanatórios.

COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO PARANÁ

Depois de mencionar as festividades e os certames que, em homenagem ao Centenário do Paraná, realizaram-se, em 1953, em Curitiba, declara o sr. Munhoz da Rocha que a melhor maneira de comemorar a grande data centenário foi a inauguração de 100 postos de puericultura espalhados por todo o Estado, construídos em cooperação com os municípios e a Legião Brasileira de Assistência.

O BRASIL MARCOU ENCONTRO NO PARANÁ

«No Paraná, em seu ano centenário, — diz o sr. Munhoz da Rocha — se concentraram as atenções do Brasil. Pude afirmar em dezenove de dezembro, na culminância de nossas festas comemorativas: «Ouço o passo dos brasileiros que convergem para o Paraná, através de todos os caminhos da Pátria grande. Vêm de Minas e de São Paulo, empurrados pela onda verde dos cafeeiros, que desceram para o sul, vivendo seu ciclo e revolucionando a tradicional economia paranaense. Vêm do nordeste, ressequido e super-povoado, com a intrepidez e a coragem dos que lutam sempre e se habituam a lutar sem esmorecer, para abrir sertão e fazer o cafèzal avançar. Vêm do sul, transbordando do minifúndio colonial e fazendo sobreviver, aqui, os traços humanos que nos são característicos, depois de mais de um século de imigração. Vêm de tôdas as angústias, de todos os desencantos, de tôdas as esperanças e de tôdas as coragens nacionais.

O Brasil marcou encontro no Paraná, quando festejamos o centenário da Província».

Tenho consciência da hora paranaense e do que um futuro próximo espera dos homens que ocupam no momento o cenário da nossa vida pública.

A repercussão nacional das nossas atividades econômicas, libertando o Paraná do seu confinamento provinciano, exige de todos nós, governantes e governados, a compreensão da nova etapa que se abre ao Estado, no início de seu segundo século.

Os nossos hábitos políticos têm de adaptar-se ao novo ritmo que as condições econômicas e sociais criaram para o Estado.

«De minha parte — conclui o sr. Munhoz da Rocha a sua notável mensagem de 1º de maio — posso afirmar que, fiel ao mandato que o povo me conferiu, fiel da mais estrita fidelidade aos compromissos livremente assumidos, seguirei firmemente o meu caminho, respeitando a mim mesmo e ao espírito que animou a histórica campanha de 50, muitas vêzes LASTIMANDO OS COMPANHEIROS QUE NÃO PUDERAM RESISTIR A ÁRDUA E INTERMINÁVEL LUTA QUE É A VIDA PÚBLICA DEFINIDA POR COORDENADAS DE ORDEM MORAL».



MUNHOZ DA ROCHA: «Terra a lavradores, não a protegidos!» O vice-presidente Café Filho, em visita ao Paraná, viu de perto a ação do governador paranaense ante a investida salutar de um progresso como o Brasil nunca registrou.



A Arte desmente a História Universal: em 1954 (não 1492) a bordo do «Bretagne» (nem Santa Maria, Pinta ou Niña) o novo Cristóvão Colombo (Jean Louis Barrault) beija a histórica pomba do descobrimento.



Barrault de terno azul-marinho e cachecol marron, e Mme. Renaud num costume de Christian Dior (costureiro exclusivo) disseram ao repórter — e os sorrisos confirmam — de sua alegria por voltar a representar no Brasil.

CRISTÓVÃO COLOMBO OUTRA VEZ NA AMÉRICA

Segunda temporada no Municipal do «astro» de «Boulevard do Crime» e «Conflitos de Amor» — Jean Louis Barrault interpretará o papel de «Cristóvão Colombo», sua maior criação segundo a crítica de París — Para apenas oito peças, trouxe um elenco de vinte atores, dez técnicos e cento e sessenta e nove volumes de cenários e material elétrico, sem contar a bagagem pessoal de cada um — Não sabe quem é Marylin Monroe! — Mas assistiu ao «O Cangaceiro» em Paris, achou um filme lindo e considera Milton Ribeiro (Capitão Galdino) um grande ator de cinema — Sartre é o autor atual que possui maior «senso de cena.

Reportagem-entrevista de OSWALDO WADDINGTON

Fotos de ALBERTO FERREIRA

ESTÁ no Rio Jean Louis Barrault, o maior homem de teatro da França, na atualidade. Para o público de cinema êle é o pierrô Batiste, de «Boulevard do Crime» e o estranho poeta de «Conflitos de Amor». No palco, sua carreira é bem mais extensa e significativa, discípulo de Charles Dullin, ex-diretor da «Comédie Française», em 1946 surpreendeu Paris com a estréia de sua própria companhia, apresentando «Hamlet» numa concepção revolucionária. Iniciou então uma nova fase no teatro francês, montando Camus, Sartre, Claudel, Montherlant e Gide, arregimentando para suas criações de cena nomes como Honegger, George Auric, Christian Berard, Brianchon, e fêz reviver um gênero teatral quase extinto — a pantomima — montando o «poema em gestos» que foi «Batiste» (com libreto de Prevert), da qual vimos uma síntese no filme «Boulevard do Crime». Esta pantomima e todos os maiores sucessos da primeira fase de sua companhia, Barrault trouxe ao Brasil em 1950, numa temporada que alcançou o maior êxito já obtido por uma «troupe» estrangeira em nossos palcos. Agora volta para noves sucessos, depois de tê-los alcançado também na Itália, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Bélgica, Suíça, Canadá e Estados Unidos. Além da espôsa Madeleine Renaud (com quem divide as glórias do estrelato), chegam com êle Pierre Bertin, Marie-Hélène Dasté, Jean Servais, Simone Valère, Jean-Pierre Granval e muitos outros, num total de vinte comediantes, para apresentar-nos um repertório surpreendente, que vai de Molière a Gide e Claudel. Dêste último, veremos «Cristóvão Colombo», grandioso espetáculo cuja estréia em Paris alcançou enorme repercussão pela prodigiosa «mise-en-scène» que lhe deu Barrault, o qual interpreta o papel de descobridor da América.



SEIS SORRISOS FAMOSOS: Madeleine Renaud, Jean-Louis Barrault, Simone Valère, Pierre [illegible] Jean Desailly e Jean Pierre Granval. Este último filho de Mme. Renaud.



[illegible] TEATRAL-CINEMATOGRÁFICO: Simone Valère, estrêla de «Entre a Mulher [illegible] Gérard Philipe, Michel Simon, [illegible] e «La Nuit est Mon [illegible] marido Jean Desailly e «Meu Amigo Amelia e Eu».

Cristóvão Colombo

UM HOMEM SIMPLES

O famoso artista, sua espôsa e tôda a companhia chegaram pelo «Bretagne», a bordo do qual fomos entrevistá-lo, antes do barco chegar à terra. Encontramos o casal Renaud-Barrault no convés. Um despretencioso terno azul-marinho e um cachecol marron caracterizavam a simplicidade que a glória ainda não destruiu em Barrault. Queimado do sol, êle nos diz de sua alegria por voltar ao Brasil, de onde levou tão grandes e gratas recordações. Madame Renaud, que «à la ville et à la scène» veste modelos de Christian Dior, elegantíssima, confirma as palavras do marido, com seu sorriso de rainha (como o qualificou Albert Camus) enquanto afaga seu belo cãozinho prêto. Os grandes artistas — quando verdadeiramente artistas — são simples e naturais; assim são Madeleine Renaud e Jean Louis Barrault. E assim, a palestra se travou simples e natural, como os entrevistados. Perguntaram por amigos aqui feitos quando de sua outra viagem, queriam saber dos alunos de teatro com quem conviveram àquela época (o repórter é um dêles), queriam notícias do nosso teatro, e forçoso é confessar, estão bem mais a par de nossa vida artística do que seria de esperar de dois estrangeiros tão famosos. Aliás, mais parecia que o repórter era o entrevisado, pois ambos o criavam de perguntas. Retomamos e nós a função de perguntar e pedimos ao grande ator, em vista de sua triunfal temporada na Broadway, que nos desse uma impressão do panorama teatral americano.

— «Trabalhamos tanto em Nova York que não tivemos tempo de assistir ao teatro americano a ponto de tirarmos conclusões sôbre suas tendências. No entanto, visitei, algumas escolas dramáticas e posso assegurar: é preciso distinguir-se o teatro que já existe daquele que os estudantes de Yale e outras universidades fazem experimentalmente e farão profisssionalmente dentro de poucos anos. Os estudantes das escolas dramáticas me pareceram muito mais sérios que os artistas já consagrados na Broadway».

«QUEM E' MARYLIN MONROE-»

Falando-se em Estados Unidos, perguntamos o que pensa Barrault do cinema americano.

— «Como no caso do teatro, estou impedido de responder. Trabalho muito, e exatamente nos horários em que se exibem os filmes. Mas devo dizer que em qualquer país o ator deve fazer cinema, pois não existe senão uma arte para o comediante: a arte de representar. E esta, em nossos dias, compreende o teatro, o cinema e, em alguns países, a televisão».

Já que pensa assim, se recebesse um convite de Hollywood, aceitaria filmar ao lado de Marylin Monroe, por exemplo?

Surpresa de Barrault. O artista «embatucou» e (sinceridade ou evasiva inteligente?) perguntou ao repórter:

— «Não conheço. Quem é ela?»

Tentamos fazê-lo identificar Marylin Monroe. Mme. Renaud ajudou intervindo com explicações justas e surpreendentemente sóbrias a respeito da «bomba loura». Mas Barrault concluiu:

— «Não sei quem é. Mas, se é bela, pode estar certo de que seria bem recebido por mim qualquer convite nesse sentido».

Aproveitando o assunto cinema, continuou:

— «Faço questão de dizer que, embora vê pouco a cinema, assistiu na França ao «O Cangaceiro», que foi muito comentado em Paris. E' um lindo filme, deveras. Quero remarcar que não se trata de um elogio obrigatorio porque esteja chegando ao Brasil».

«MILTON RIBEIRO E' UM GRANDE ATOR»

E perguntou ao repórter o nome completo do ator que fizera o papel do «bandido de óculos com uma voz grave». Após a informação:

«C'est ça! Milton Ribeiro. E' verdadeiramente um grande ator, dono de uma voz «étonnante»».

Voltamos a falar de teatro, e como Barrault procurava abordar nossa arte, perguntamos se conhecia algum original brasileiro.

— «Alguns, e posso citar «Vestido de Noiva», de Nelson Rodrigues e «Um Deus Dormiu lá em Casa», de Guilherme Figueiredo. A esta última eu assisti em Paris, quando encenada por um ator de minha companhia, Albert Medina. Ambos são muito interessantes.

Tentou lembrar-se o nome de uma peça de Nelson



— Aceitaria filmar ao lado de Marylin Monroe?
— "Je ne connais pas..."



Barrault fala de "O Cangaceiro":
— "C'est ça!" Milton Ribeiro. É um grande ator de cinema!



Não compreendo que uma peça seja censurada...
Na França não há censura para o teatro.



— Que mais lhe agradou interpretar?
— "Hamlet", de certo modo, e também "Cristóvão Colombo".



A BELA E A FERA numa nova versão a bordo do «Bretagne». Simone Valère «estrêia» do cinema e da Companhia de Barrault.



Dois marujos lamentam o desembarque da linda Natalie Nerval, outra famosa atriz que chega para a temporada no Municipal.

Rodrigues que fôra censurada. Tratava-se de «Anjo Negro».

— «Oui, c'est «Anjo Negro». A respeito dessa peça, escrevi uma carta de apoio ao autor quando soube que fôra censurada, pois não posso compreender que uma peça teatral, seja ela qual fôr, sofra censura. Na França não há censura para o teatro».

Outra vez retomamos a função de perguntar, querendo saber qual de suas criações como ator lhe agradara mais. Depois de uma certa indecisão, o criador de «Batiste» responde:

— «E' difícil a resposta. Em cada personagem interpretado há encantos novos, e cada um nos agrada a seu modo. No entanto, embora tenha criado muitas controvérsias — e talvez por isso mesmo — minha criação de «Hamlet» parece ser a que mais me agrada. Porém, meu papel de «Cristóvão Colombo», com o qual encerrarei a temporada no Municipal, me encanta sobremaneira. E, sobretudo, é a «mise-en-scène» em que julgo ter alcançado mais plenamente a idéia contida na obra escrita».

Arriscamos uma indiscrição:

— A crítica foi da mesma opinião?

— Sim. Unânimemente.

— E por falar em crítica, a crítica teatral é realmente profícua, ou pensa como Rainer Maria Rilke quando escreveu que «para penetrar uma obra de arte, nada pior que as palavras da crítica»?

— A crítica é profícua, no caso do teatro, desde que o artista saiba ignorar e isolar as opiniões tendenciosas, aquelas pré-inclinadas a elogiar ou destruir. O artista deve estudar a totalidade das críticas, o que lhe trará sempre uma lição que poderá não ser pròpriamente artística, mas será sempre lição humana.

BERARD NÃO FOI SUBSTITUÍDO

Com a morte de Christian Berard, a França e o mundo perderam um dos melhores cenógrafos de teatro dêstes últimos tempos. Mas como em Paris a renovação do ambiente artístico se processa incessantemente, quisemos saber se já aponta por lá alguém que possa vir a tomar seu lugar.

— «Muito embora haja muitos cenógrafos bons em Paris, me parece que Berard ainda não foi substituído e dificilmente o será. Porque é preciso levar em conta, além das qualidades de cenógrafo e figurinista excelente, o enorme valor de Berard como «homem de teatro». Berard se me afigura com «o mago do palco». Não me parece que alguém possa equiparar-se a êle.

E' sempre bom saber-se como um diretor qualifica os autores, e perguntamos a Barrault qual, entre os autores franceses atuais, lhe demonstrou manejar melhor os recursos do palco.

— «Sartre me parece, entre todos, o que possui maior «senso de cena». Conhece e maneja com maestria a linguagem teatral. Jean Anouilh, de quem apresentamos «La Repetition ou L'Amour Puni» segue de perto o existencialista nesse particular.

Segundo a opinião de muitos, há nos autores modernos uma tendência para a tragédia. Se concorda com êsse ponto de vista, a que atribuiria êsse fato?

— «Para a tragédia, na concepção clássica dêste têrmo, não. Mas há realmente, em quase todos os autores, uma tendência acentuada para um estilo mais depurado, uma certa «dimensão trágica» que se dirige, forçosamente, a uma grandeza que nos faz suspeitar um novo advento da tragédia. E isso é bom, pois me foi dado observar em todos os países que visitei que o povo, a massa, se emociona grandemente pela tragédia, deixa-se arrebatar por completo pelos heróis trágicos. Essa tendência nos autores talvez se atribua aos graves acontecimentos que a humanidade tem presenciado nesses últimos tempos, o que fêz retomarmos um certo sentimento de grandeza, quase perdido.



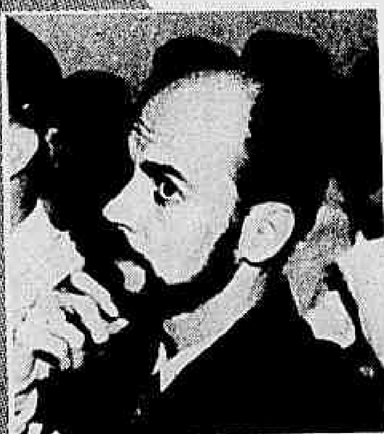
O «brôto» Nicole Berger (que veremos breve na tela estrelando «Le Blé en Herbe») ao lado de Jean-François Calvé, jovem galã da «troupe», que também já vimos na tela como astro em «Manina».



A princípio, «trocaram-se as bolas»: o famoso casal crivava o repórter de perguntas, querendo saber de amigos aqui feitos em 1950, notícias de nosso teatro, de nossa terra e nossa gente.

NA INGLATERRA AS BOMBAS-H CUSTARÃO MENOS, OS MILITARES (BRASILEIROS) VÃO GANHAR MAIS E MINAS REAGE CONTRA O SALÁRIO MÍNIMO


TENENTE BANDEIRA
Condenado e esquecido


DÉCIO ESCOBAR
Absolvido e glorificado


SHIRLEY BOOTH
Talento em tela panorâmica


JEAN LOUIS BARRAULT
A América descobriu Colombo


MARIAN ANDERSON
246,50 a poltrona


ANTHONY EDEN
Emagrecerá novamente em Genebra

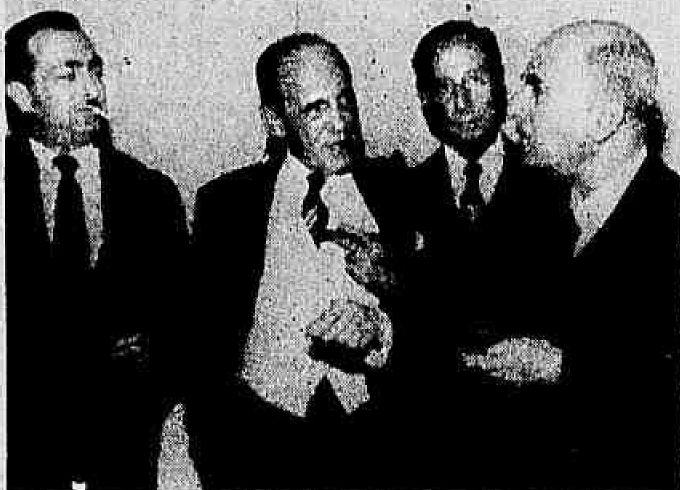

REGINA COELI
«Mãe do Ano de 1954»

- Pittsburg passou a ser iluminada com eletricidade atômica.
- No Irã será reiniciada a produção de petróleo.
- Shirley Booth brilha nas telas panorâmicas.
- No «Casablanca» Satã dirige o espetáculo.
- Marian Anderson abafou no Municipal.
- Tito Schipa encanta as platéias líricas do Rio.
- Mário Brasini deixou a Dramática Nacional.
- Chegou Jean Louis Barrault.
- Regina Coeli é escolhida para a «Mãe do Ano de 1954».
- Décio Escobar é absolvido.
- Mais suspeitos para o crime de Renée Aboab.
- Minas reage contra o salário mínimo.
- No Rio entra em vigor novamente o racionamento de energia elétrica.
- O Brasil consagra-se líder do remo continental.
- Quiproquó (J. Marchant) derrota El Aragonês no Grande Prêmio São Paulo.
- Técnicos da economia nacional calculam para 15 milhões as emissões até o fim do ano.
- Violenta explosão sacode a ilha do Braço, sacrificando várias vidas.
- O operário Benedito Vieira, vítima de um desastre, falece no Hospital Carlos Chagas, na mesa de operações, por falta de luz.
- No México, após três intervenções cirúrgicas, Jorge Olmos Ramiro, passa a atender pelo nome de Marta.
- Na Suíça, Charles Chaplin inicia os preparativos de seu próximo filme.
- Chegam a Gibraltar a rainha Elizabeth e o duque de Edimburgo.
- Na Inglaterra se anuncia o fabrico da Bomba-H, «mais simples e menos custosa».
- Chega ao Brasil o presidente do Líbano, sr. Camille Chamount.
- Genia Sakim, a mais famosa cirurgiã plástica do mundo, pretende trabalhar no Brasil.
- Aumento geral de 15% para os militares brasileiros.
- Teresinha dos Santos Silva vence a maratona de ginasianos cegos a qual concorreram alunos dos Institutos São Rafael, de M. Gerais, Benjamim Constant, de S. Paulo e La-Fayette, do Rio.
- É descoberto na Nicarágua um depósito de armas comunistas.
- No Marrocos explode uma bomba à porta da prisão de Casablanca, sem vítimas e sem «responsáveis».
- Roger Bannister, atleta inglês, quebra o recorde mundial da milha com 3,59"4.
- Rendeu-se Dien Bien Phu após 51 dias de heróica resistência.
- O Flamengo venceu na Alemanha e o Olaria perdeu na França.
- Brasil 2 x Colômbia 0 — numa partida sem brilho.
- Guerra e Paz marcam passo em Genebra.

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

Champanhota

PETER



O conselheiro Humberto Bastos e o barão de Saavedra (na moda do colete branco) ouvem as explicações jurídicas que o professor Castro Ribeiro deu ao «furto». (Foto Rio-Magazine).

● **No dia 11 de maio, o sr. presidente da República e sra. Getúlio Vargas receberam em homenagem ao sr. presidente da República do Líbano e sra. Camille Chamoun. Presentes pessoas de sociedade, da política, evidentemente, todo o corpo diplomático. Muita casaca cheirando a naftalina e muita condecoração. Algumas medalhas de futebol.**

● **Casa em Petrópolis**

O sr. Evaldo Simas Pereira (Relações Públicas da Siderúrgica) acaba de comprar do deputado Vieira de Melo, a casa de Petrópolis. A decoração ficou a cargo do sr. Baeta Neves que, por sinal, nada tem a ver com o político do mesmo nome. Elegância e confôrto.

● **A mansão dos Neves**

Em plena época do apartamento minguado, à base do quarto-sala, o sr. José Neves está mandando construir (sobe, sem falta, todos os sábados para orientar a obra) sua casa de campo em Pedro do Rio, com seis quartos, seis banheiros e um grande dormitório para 18 pessoas. A casa tem gerador próprio e o proprietário pretende receber muitos amigos todos os fins de semana.

● **Sra. Leda Galliez ao microfone**

No programa de rádio de Jacinto de Thormes — Flávio Cavalcânti — a sra. Leda Galliez deu uma verdadeira aula teórica (ela que na prática é das mulheres mais elegantes) de como se vestir. Contestou o ponto de vista de que para se vestir bem é preciso muito dinheiro, citando o exemplo de mulheres que gastam sem conseguirem ser elegantes. Saiu-se muito bem, ao microfone, a sra. Vicente Galliez. Parabéns.

● **Carta, colar e vestido**

Ficamos sabendo, ainda, que a sra. Leda Galliez recebeu de Paris uma carta do costureiro Jacques Fath que é um verdadeiro atestado ao bom gôsto desta brasileira. Além disso, o sr. Fath mandou de presente um vestido feito especialmente para ela, bem como um colar.

● **Casamento do mês**

Acontecimento social de destaque da «saisón», inaugurada pelo «souper» do casal Carlos Guinle, foi o casamento, no Outeiro da Glória, da srta. Heloísa Maria Teixeira com o sr. Germano Machado. Grande dia o 17.

● **Barrault beija Otelo**

O «Country Club» foi palco de um emocionante espetáculo. Jean Louis Barrault, depois do espetáculo, no qual tomou parte Grande Otelo, em francês, levantou-se de seu lugar na assistência e foi beijar no estilo gaulês o nosso pretinho ator. Para Otelo, uma consagração.

● **Uma passo sôbre o Atlântico**

O sr. Vittorio Romaneli está de passagem comprada para a Europa. Via Aérea. Negócios e passeio. O viajante deixa alguns corações partidos e muitos amigos para trás. Que volte logo e traga as minhas encomendas peninsulares.

● **Um mau estrangeiro**

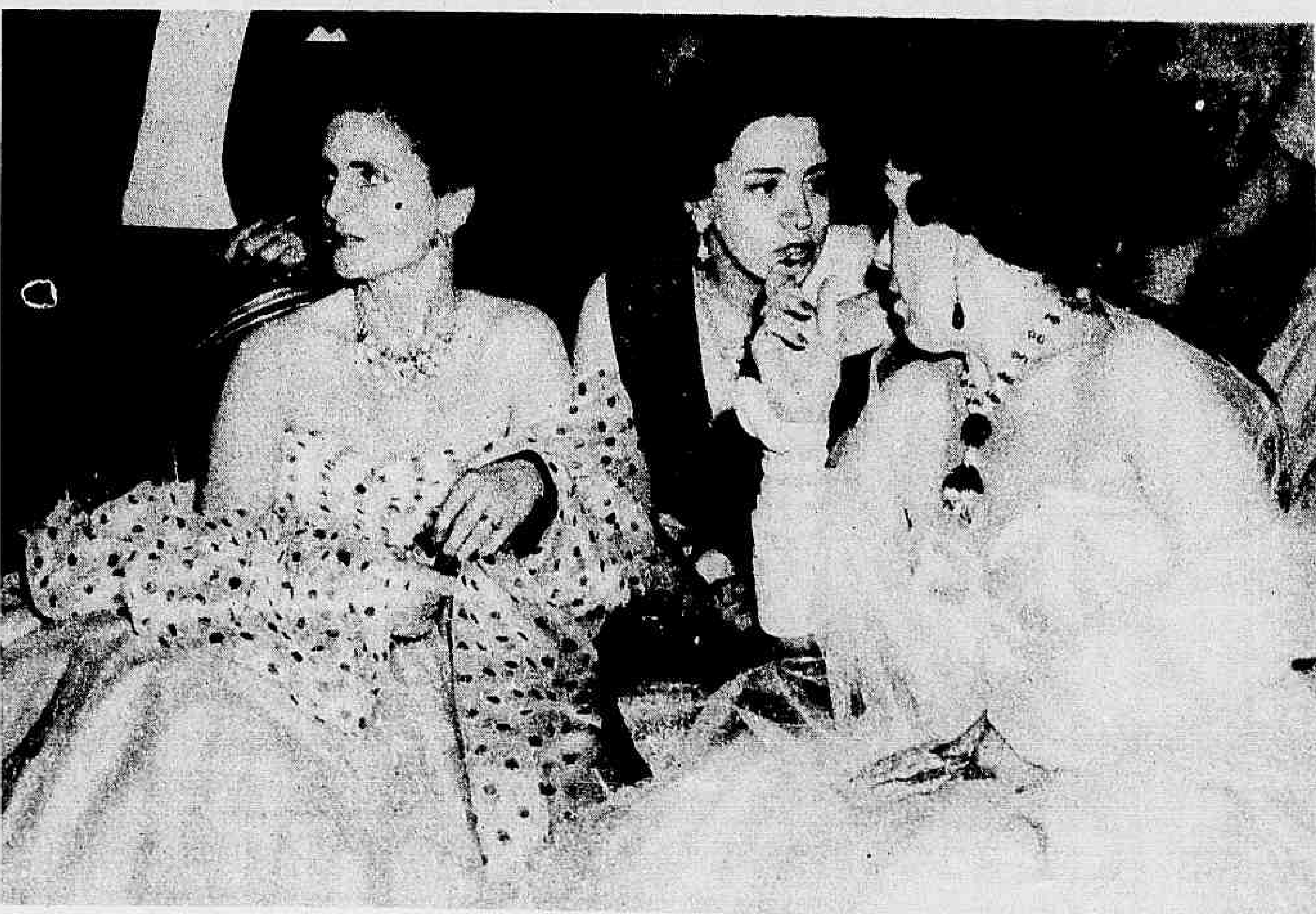
Êle veio para o Brasil, sem ninguém saber direito de que parte da Europa. Chegou aqui, sem eira nem beira, estabelecendo-se, foi indo bem e, hoje, é recebido pela melhor sociedade do país. Mas, como tôda pessoa mal agradecida, continua falando mal do país que o recebeu tão bem. Tôda vez que pode, faz uma comparação entre o Brasil e a Europa, em desfavor daquele. Jamais, eu o ouvi falar bem de alguma coisa nacional. Escute, amigo, porque não volta? Já ia tarde.



ÚLTIMO «FLASH»

O CASAL CHAMOUN É UMA SIMPATIA

● **O presidente Camille Chamoun, do Líbano, ora em visita ao Brasil, é um homem alto, alourado, mais ocidental do que oriental, elegante e sabedor de suas coisas. Está enchendo de simpatia todos os lugares do país que tem visitado, inclusive a Bahia, onde, por sua causa, o bisonho governador Régis Pacheco deu-se ao penoso cuidado de decorar cinco palavras em árabe. Falando aos jornalistas, aqui no Rio, Camille Chamoun declarou que, no Brasil, está se sentindo como em sua própria casa. Elogiou os encantos e graças do seu país, tergiversou inteligentemente quando os repórteres quiseram atraí-lo para o campo da política internacional e, lá no Palácio das Laranjeiras, tem recebido a todos que o procuram com um sorriso largo, uma voz forte e um uísque de primeira. Quanto à madame Chamoun, que acompanha o seu marido nessa excursão, ninguém discute: é a presidenta mais elegante que já aportou por estas bandas.**



CUCO profetiza e apresenta em "Edição Extra"

Uma seção meio pancada

leon eliagá

Assinatura do autor, numa Bomba de Hidrogênio

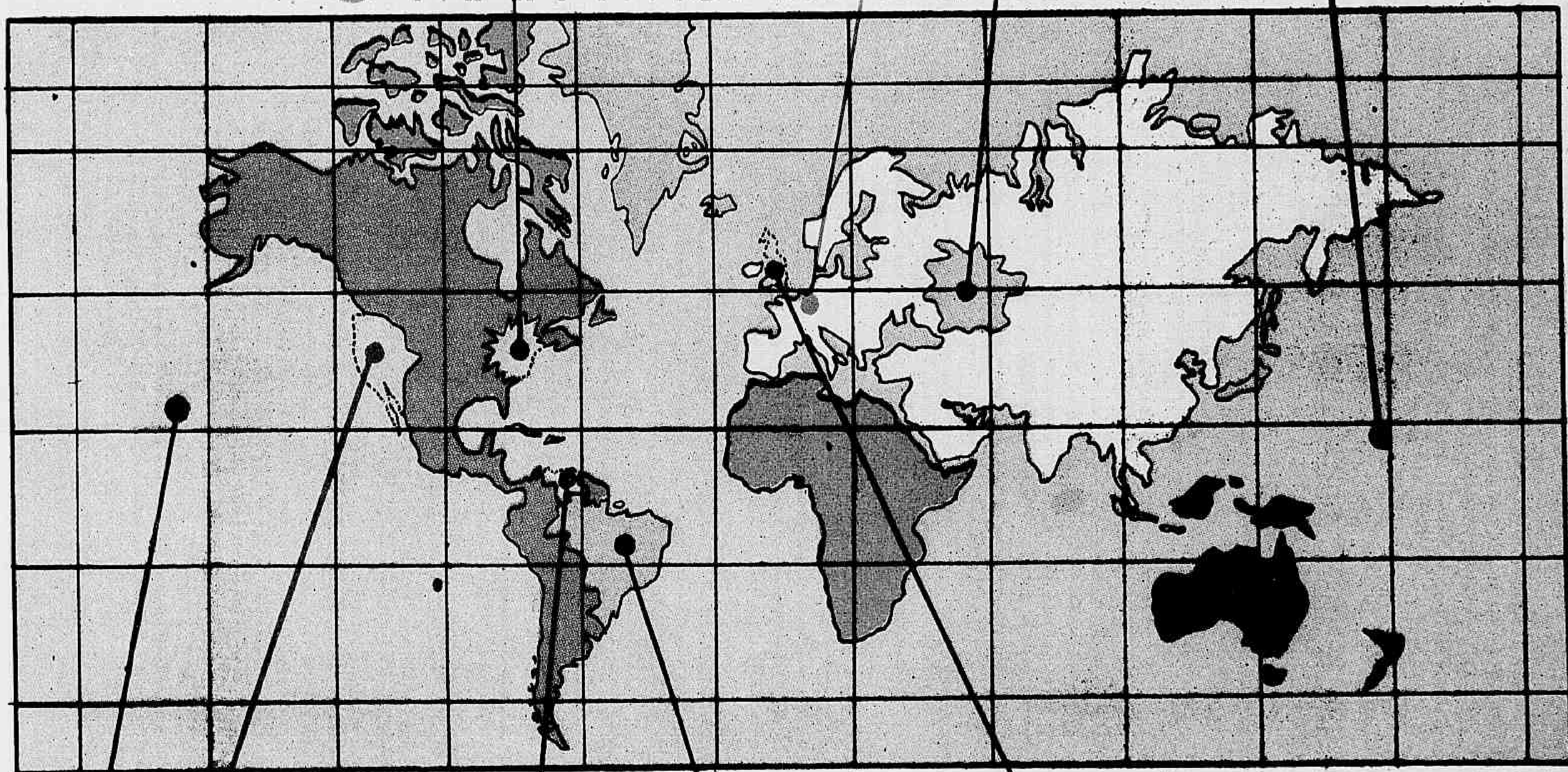
E aqui era Paris. Explodiu quando um espião russo acendia o seu cigarro com Fósforos H. No local encontra-se apenas uma gigantesca viga de aço que, segundo os historiadores, foi uma famosa tôrre que tinha o nome de Eiffel.

Neste pontinho existiu uma ilha chamada Hiroshima. Sumiu com a primeira explosão atômica.

Neste local estava situada a cidade de New York. Foi destruída por um acidente, quando um avião de transporte, com carregamento de Bombas H, chocou-se com a Estátua da Liberdade. Seus 8 milhões de habitantes flutuantes morreram afogados.

Lago Moscou, ex-cidade de Moscou, que voou pelos ares durante o fuzilamento de um espião americano. Seu corpo foi encontrado na cidade de Stalingrado, com pequenos cartuchos de Bombinhas de Hidrogênio de Bôlso.

O MAPA-MUNDI DO FUTURO



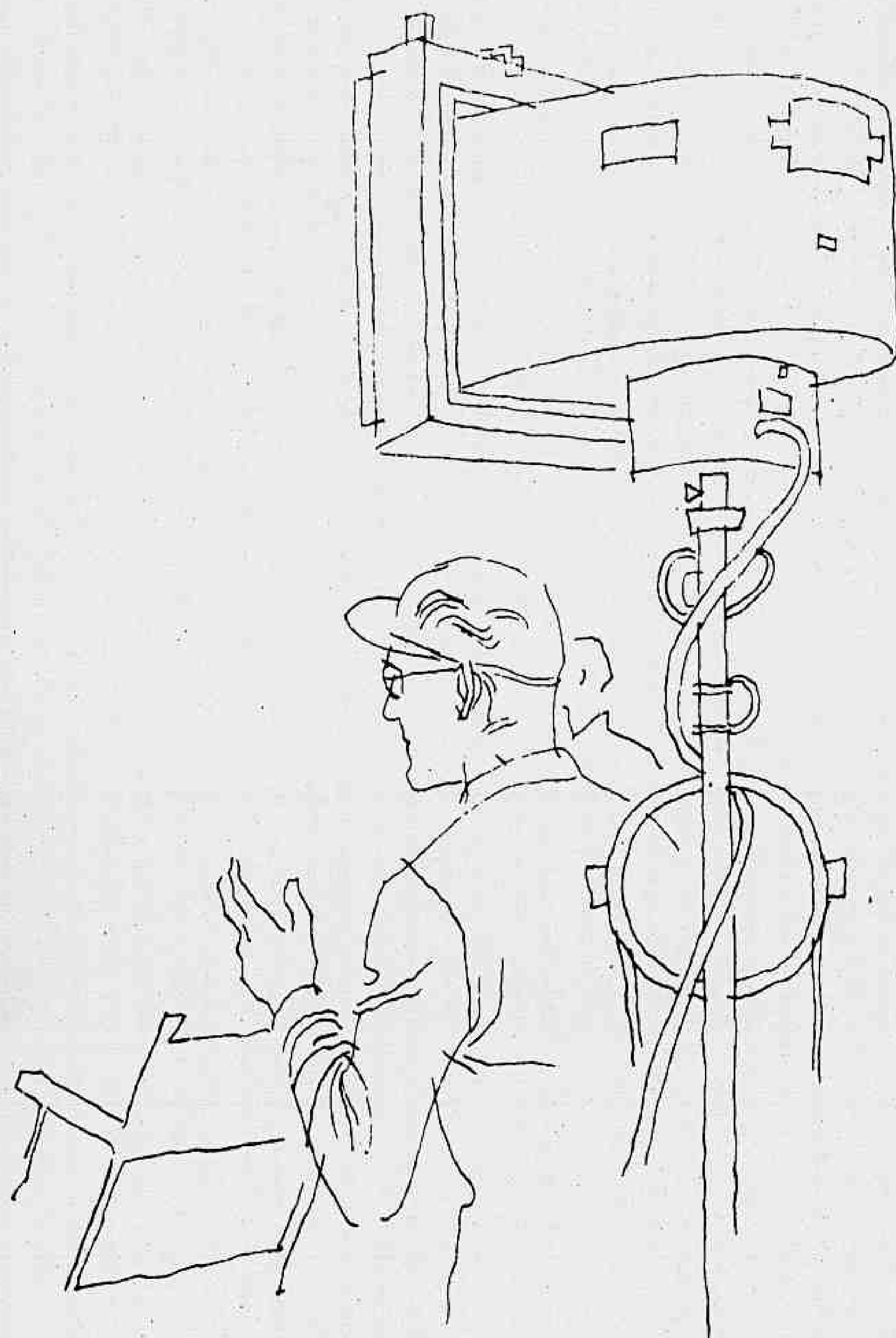
Neste pedaço de mar houve uma faixa de terra chamada Califórnia, em cuja capital — Los Angeles — existia a cidade do cinema (processo primitivo de diversão). Tudo sumiu durante as filmagens de «A Arma do Futuro», fita neo-realista da Metro, sôbre a desintegração do átomo.

Nesta imensa região existiu um país do futuro, que permaneceu intacto por ser desconhecido da civilização. Continua inexplorado até hoje.

Vulcão Londres, antiga capital da ilha da Inglaterra, que foi reduzida a cinzas na primeira baforada que o então ministro Churchill deu em seu charuto explosivo, presente do primeiro ministro soviético Malenkov. Êsse charuto se encontra no Museu do Vaticano.

Aqui houve outra ilha (Bikini) até o dia em que foi feita a primeira experiência com as Bombas de Hidrogênio.

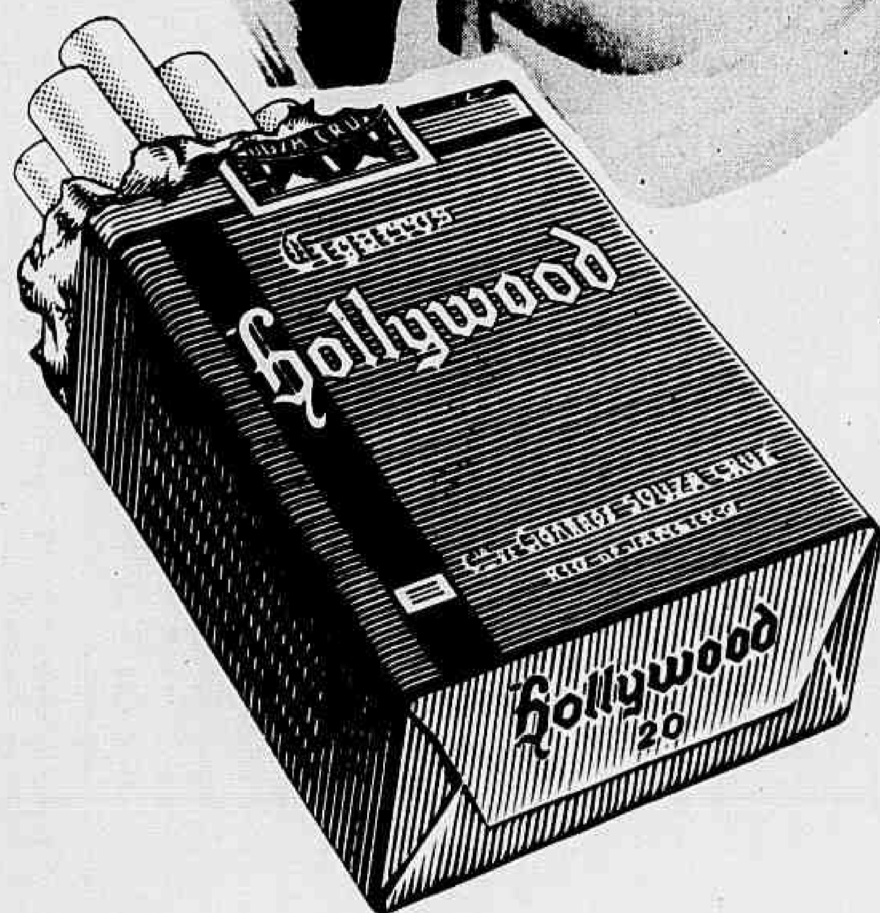
Existiu neste local um país chamado Venezuela, que desapareceu no momento exato em que faziam explodir uma mina de ferro velho por engano. Era petróleo.





"Uma grande estrêla"...

... é aquela que, graças à sua arte e sensibilidade, sabe distinguir os caminhos para as emoções das grandes platéias. Essa mesma sensibilidade é que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.264